

FLORA ILUSTRADA CATARINENSE

Planejada e Editada por RAULINO REITZ (1965-1989)

Atual Editor: ADEMIR REIS (a partir de 1996)

COMPOSITAE INULEAE



Chevreulia sarmentosa (Pers.) Blake



Stenachaenium riedelii Baker



Pterocaulon angustifolium DC.



Pseudognaphalium cheiranthifolium
(Lam.) Hilliard & Burt

I PARTE – AS PLANTAS / INULEAE - COMP

COMPOSTAS

5. Tribo: Inuleae

Por

SUSANA E. FREIRE,
LEONARDO PAZ DEBLE

e

LAURA IHARLEGUI

Tradução do espanhol: Daniel de Barcelos Falkenberg

133 páginas, 28 estampas e 28 mapas
ITAJAÍ – SANTA CATARINA- BRASIL

COMPOSTAS
5. Tribo: Inuleae

por

SUSANA E. FREIRE
Instituto de Botânica Darwinion.
B1642HYD San Isidro, Buenos Aires – Argentina

LEONARDO PAZ DEBLE
Curso de Ciências Biológicas
Universidade da Região da Campanha
CEP 96400-110, Bagé – RS – Brasil

e
LAURA IHARLEGUI
Departamento Científico de Plantas Vasculares
Museo de La Plata. 1900 La Plata – Argentina

Estampas originais Susana E. Freire,
Iona Nieva, María Alejandra Migoya e
Leonardo Paz Deble

Tradução do espanhol:
Daniel de Barcelos Falkenberg
Professor do Departamento de Botânica da UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis – SC – Brasil

Itajaí, abril de 2011

F866c Freire, Susana

Compostas : Tribo Inuleae / Susana Freire, Leonardo Paz Deble,
Laura Lharlegui; tradução do espanhol: Daniel de Barcelos
Falkenberg . – Itajaí : Herbário Barbosa Rodrigues, 2011.
133p. : il., color.

I Parte: As plantas /Monografias – COMP.
Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-62811-03-6

1. Compostas/Inuleae. 2. Botânica. I. Paz Deble, Leonardo.
II. Lharlegui, Laura. III. Título.

CDU:634.613

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

COMPOSTAS

5. Tribo: INULEAE*

A.-H. de Cassini, J. Phys. Chim. Hist. Nat. Arts 88: 193. 1819.

BENTHAM, G. (1873). *In*: Bentham & Hooker, Gen. Pl. **2(1)**: 163-533. 1873.
BENTHAM, G. (1873a). Notes on classification history, and geographical distribution of Compositae. J. Linn. Soc. Bot. **13**: 335-577. CABRERA, A. L. (1961). Observaciones sobre las Inuleae-Gnaphaliaceae (Compositae) de América del Sur. Bol. Soc. Argent. Bot. **9**: 359-386. CABRERA, A. L. (1963). Inuleae, Flora de la Provincia de Buenos Aires. Colecc. Cient. INTA **6**: 133-178. CABRERA, A. L. (1974). Inuleae. *In*: Burkart A., Flora Ilustrada de Entre Ríos (Argentina). Colecc. Cient. INTA **6(6)**: 285-327. MERXMÜLLER, H., P. LEINS & H. ROESSLER (1977). Inuleae. *In*: The biology and chemistry of the Compositae. Heywood, V. H., J. B. Harborne & B. L. Turner (eds.), **1**: 577-602. CABRERA, A. L. (1978). Inuleae. *In*: Flora de la Provincia de Jujuy. Colecc. Cient. INTA **13(10)**: 248-311. DILLON, M. O. & A. SAGASTEGUI ALVA (1986). New species and status changes in Andean Inuleae (Asteraceae). Phytologia **59**: 227-233. ANDERBERG, A. A. (1989). Phylogeny and reclassification of the tribe Inuleae (Asteraceae). Canad. J. Bot. **67**: 2277-2296. DILLON, M. O. & A. SAGASTEGUI ALVA (1991). Sinopsis de los géneros de Gnaphaliaceae (Asteraceae-Inuleae) de Sudamérica. Arneloa **1(2)**: 5-91. ANDERBERG, A. A. (1991). Taxonomy and phylogeny of the tribe Gnaphaliaceae (Asteraceae). Opera Bot. **104**: 1-195. ANDERBERG, A. A. (1991). Taxonomy and phylogeny of the tribe Plucheae. Pl. Syst. Evol. **176**: 145-177. FREIRE, S.E. (1995). Asteraceae. Tribu IV. Inuleae. *In*: HUNZIKER, A. T. (ed.), *Flora Fanerogámica Argentina* **14**: 3-60. FREIRE, S. E. (1998). Tribu Inuleae (Compositae). *In*: SPICHIGER, R. & L. RAMELLA (eds.), *Flora del Paraguay* **27**: 9-100. ARIZA ESPINAR, L. (2008). Familia Asteraceae: Tribu Inuleae (excepto *Achyrocline*, *Gamochoeta* y *Gnaphalium*). *Pródr. Fl. Fanerog. Argentina Central* **4**: 14-26, 52-76. CERANA, M. M. & L. ARIZA ESPINAR (2008). Familia Asteraceae: Tribu Inuleae (*Achyrocline*, *Gamochoeta* y *Gnaphalium*). *Pródr. Fl. Fanerog. Argentina Central* **4**: 5-14, 26-52.

FLORES iso ou dimorfas, brancas, amarelas ou lilases: as do raio femininas, filiformes, liguladas ou semibilabiadas; as do disco hermafroditas ou masculinas por esterilidade do ovário, com corola tubulosa 4-5-dentada na parte superior. ANTERAS notavelmente sagitadas, com tecas atenuadas na base em longa cauda. ESTILETE das flores do disco bifurcado (raramente indiviso), com pelos ou sem eles mais abaixo do ponto de bifurcação; ramos do estilete lanceolados ou truncados no ápice e papilosos no dorso ou com uma corozinha de pelos na parte superior.

AQUÊNIOS glabros ou pubescentes. PÁPUS formado por cerdas simples, ásperas ou plumosas, livres ou unidas na base, raramente paleáceo ou nulo.

ÁRVORES, arbustos, subarbustos, ervas perenes ou anuais, inermes, sem látex, com folhas predominantemente alternas. CAPÍTULOS heterógamos,

*Inuleae – provém de *Inula* gênero tipo da tribo.

raramente homogamos. Invólucro plurisseriado. Receptáculo paleáceo, piloso ou desnudo.

Tipo - Inula L.

Área de dispersão - Tribo cosmopolita, constituída por uns 180-200 gêneros e cerca de 2100 espécies com centros de diferenciação e distribuição no sul do continente africano, Austrália, América do Sul e Mediterrâneo e em menor grau na América do Norte, Eurásia e Indomalásia. Em Santa Catarina ocorrem 10 gêneros e 36 espécies nativas.

Observação - No presente tratamento, consideram-se as Inúleas no sentido de Bentham (*In*: Genera Plantarum 2. Ed. G. Bentham & J. D. Hooker, 1873). As Inúleas foram recentemente divididas em três tribos: *Inuleae s. str.*, *Gnaphalieae* e *Pluchaeae* (Anderberg, 1989).

CHAVE PARA OS GÊNEROS PRESENTES EM SANTA CATARINA

1. Estilete das flores do disco com ramos agudos
 2. Capítulos em glomérulos dispostos em espigas, glomérulos de segunda ordem ou em panículas de espigas
 1. **Pterocaulon**
 2. Capítulos solitários ou em cimeiras corimbiformes
 3. Flores do disco hermafroditas
 2. **Stenachaenium**
 3. Flores do disco masculinas por esterilidade do ovário
 4. Flores masculinas poucas (uma a 18)
 3. **Tessaria**
 4. Flores masculinas numerosas (25-50)
 4. **Pluchea**
 1. Estilete das flores do disco com ramos arredondados a truncados, pubescentes na parte superior ou com uma corozinha de pelos no ápice
 5. Pápus formado por pelos plumosos. Aquênios com longos pelos na parte superior
 5. **Facelis**
 5. Pápus formado por pelos ásperos. Aquênios sem longos pelos na parte superior
 6. Aquênios rostrados
 6. **Chevreulia**
 6. Aquênios não rostrados
 7. Pelos do pápus livres entre si na base
 8. Capítulos paucifloros (5-12-flores)
 7. **Achyrocline**
 8. Capítulos multifloros
 8. **Pseudognaphalium**
 7. Pelos do pápus unidos na base
 9. Ramos do estilete pubescentes na parte superior do dorso
 9. **Lucilia**
 9. Ramos do estilete com uma corozinha de pelos coletores no ápice
 10. **Gamochaeta**

I. PTEROCAULON* Elliott

Elliott, Sketch bot. S. Carolina and Georgia, 2: 323. 1823. MALME, G. O. A. (1901). Beiträge zur Kenntnis der südamerikanischen Arten der Gattung *Pterocaulon* Elliott, *Bih. Kongl. Svenska Vetensk.-Akad. Handl.* 27 (12): 1-25. CABRERA, A. L. & A. M. RAGONESE (1978). Revisión del género *Pterocaulon* (Compositae). *Darwiniana* 21(2-4): 185-257.

Monenteles Labill., Sert. austro-caledon. 43. 1825.

Chlaenobolus Cass., Dict. Sci. Nat. 49: 337. 1827.

CAPÍTULOS heterógamos ou homógamos. INVÓLUCRO ovóide ou cilíndrico, formado por 4-5 séries de filárias escariosas: as exteriores ovadas acuminadas ou alargadas no ápice e lanosas no dorso; as internas linear-lanceoladas, glabras ou lanosas. RECEPTÁCULO plano a ligeiramente côncavo, glabro ou piloso. FLORES brancas ou violáceas, dimorfas. Flores do raio: numerosas, femininas, com corola filiforme curtamente bilabiada no ápice (3+1, 2+2). Flores do disco: uma a poucas, geralmente masculinas por esterilidade do ovário; tubulosas, pentalobadas e glandulosas na parte superior. ANTERAS sagitadas na base, com apêndice conectival ovado-lanceolado. ESTILETE curtamente bifido, com ramos subulados, agudos, pubescente no dorso até mais abaixo do ponto de bifurcação.

AQUÊNIOS elipsóides ou oblongos, costados, veludosos, com pelos duplos ou gêmeos ou veludoso-glandulosos, com curtos pelos glandulares bisseriados. PÁPUS branco, piloso, formado por numerosas cerdas miudamente ásperas e livres, do mesmo comprimento que a corola ou ligeiramente mais longo.

ERVAS perenes ou subarbustos de até 2 m de altura, lanosos, tomentosos ou só glanduloso-pubescentes. Caules eretos, 4-5-alados, geralmente ramificados na parte superior e densamente folhosos na base. FOLHAS alternas; simples, lineares, elípticas, ovadas ou obovadas; inteiras, miudamente dentadas, crenadas ou serradas na margem; decurrentes na base; discolors, subglabras ou tomentosas na face superior e lanosas na face inferior, com pelos não glandulares flageliformes e pelos glandulares bisseriados, raramente concolores (só com pelos glandulares em ambas as faces). CAPÍTULOS numerosos, sésseis ou subsésseis, dispostos em glomérulos de 3-5 capítulos que formam espigas alongadas, ovóides ou esféricas.

TIPO: *Pterocaulon pycnostachyum* (Michx.) Elliott (= *Conyza pycnostachya* Michx.).

Área de dispersão - Gênero pantropical de distribuição bicêntrica americano-australiana, com 18 espécies, das quais 12 são neotropicais (desde

* *Pterocaulon* - *pteros* = asas e *caulon* = caule. Relativo aos caules alados.

o sul dos Estados Unidos da América até o centro da Argentina). Em Santa Catarina, ocorrem 8 espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Capítulos dispostos em espigas esféricas no ápice dos ramos
 2. Folhas lineares ou linear-oblongas de 0,3-0,8 cm de largura
1. P. angustifolium
 2. Folhas ovado-elípticas de 1,8-4 cm de largura
2. P. rugosum
1. Capítulos dispostos em espigas alongadas ou ovóides
 3. Plantas só com pelos glandulares
3. P. polystachyum
 3. Plantas lanosas ou tomentosas (com pelos glandulares e não glandulares)
 4. Capítulos dispostos em espigas laxas, deixando ver o eixo da inflorescência
 5. Espigas reunidas em amplos(as) racemos ou panículas terminais
4. P. balansae
 5. Espigas solitárias no ápice dos ramos, simples ou ramificadas na base
 6. Plantas andro-dióicas: em umas, capítulos homógamos (flores masculinas) e em outras, capítulos heterógamos (flores masculinas e femininas)
5. P. polypterum
 6. Plantas monóicas: todos os capítulos heterógamos (numerosas flores femininas e duas a 5 masculinas)
6. P. virgatum
 4. Capítulos dispostos em espigas densas, sem deixar ver o eixo da inflorescência
 7. Folhas inferiores obovado-elípticas. Folhas superiores ovadas. Todas miudamente serradas e não revolutas na margem
7. P. alopecuroides
 7. Folhas inferiores oblanceoladas. Folhas superiores linear-lanceoladas. Todas inteiras e revolutas na margem
8. P. lorentzii

1. PTEROCAULON ANGUSTIFOLIUM* DC.

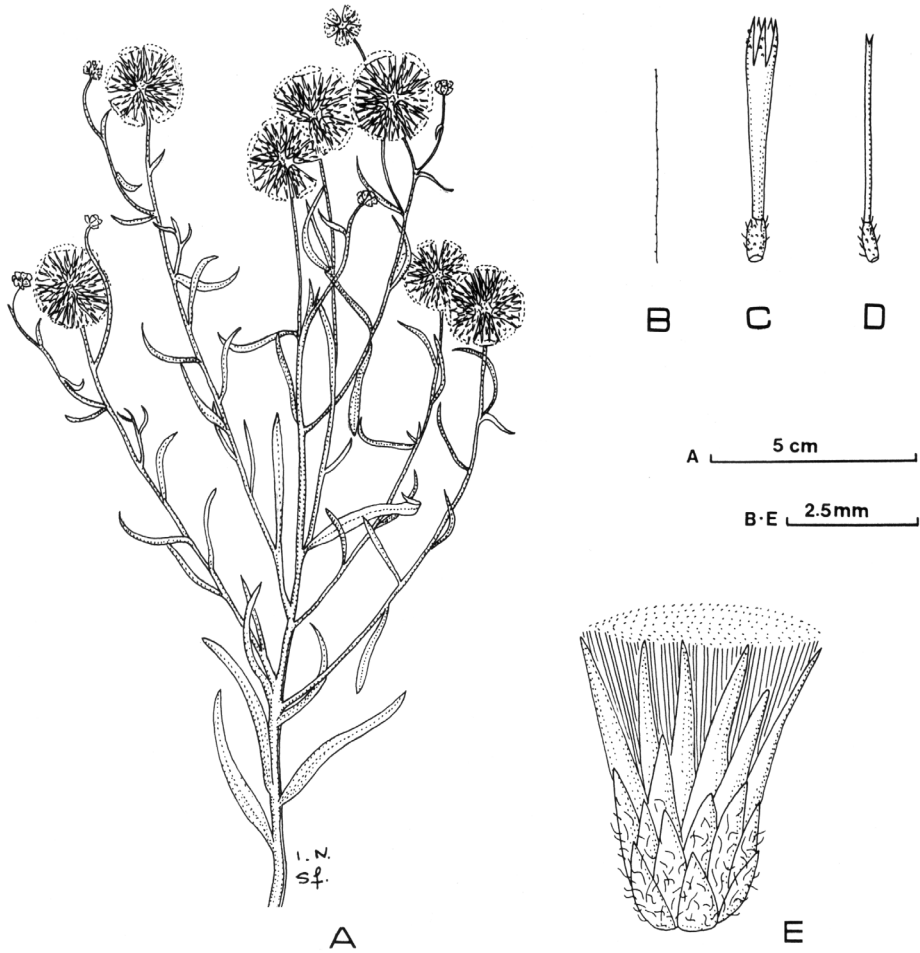
ERVA-JACARÉ

Est. 253, Mapa 229

De Candolle, Prodr. 5: 454. 1836.

ERVA perene de 0,2-1 m de altura. Rizoma globoso. Caules eretos e ramificados na parte superior; incano-tomentosos; com alas de 0,5-1,5 mm de largura. FOLHAS inferiores oblanceoladas ou linear-oblongas; agudas e mucronadas no ápice; atenuadas na base; inteiras ou miudamente dentadas na

* *Angustifolium* – *angustus* = estreito; *folia* = folha. Relativo as folhas estreitas desta planta.



Est. 253. *Pterocaulon angustifolium* DC. A – Planta; B – Cerda do pápus; C – Flor do disco sem pápus; D – Flor do raio sem pápus; E – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 207 – Original)

margem; glabrescentes na face superior e densamente lanoso-incanas na face inferior; de 3,5-8 x 0,3-0,8 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores e lineares a linear-lanceoladas.

CAPÍTULOS dispostos em espigas globosas de 1-2,5 cm de diâmetro. INVÓLUCRO cilíndrico de 4-7 mm de altura. Filárias ca. de 40, lanosas no dorso e glandulosas no ápice: as exteriores estreitamente ovadas; as interiores lineares. Receptáculo desnudo. FLORES brancas. Flores do raio: 12-32, curtammente bilabiadas (2+2) e glabras no ápice. Flores do disco: 2-6, profundamente pentalobadas, lóbulos de 2-2,5 mm de comprimento.

AQUÊNIOS veludosos. PÁPUS curtammente escabroso e algo mais grosso na parte superior, ligeiramente mais longo que a corola.

Observação – *P. angustifolium* é facilmente reconhecido por suas folhas lineares a linear-oblongas e seus capítulos dispostos em espigas esféricas.

Local do tipo – “in Brasiliae prov. Sancti-Pauli”.

Nome vulgar – No Paraguai: “jakare ka`a roque po`i” (jakare = jacaré; ka`a = erva; roque [osc.] = folha; po`i = fino), (Freire, 1998); na Argentina: “carafí casó”, “carafí tuyá casó”, “marcela blanca”, “tuyá casó” (Freire *et al.* 2005).

Dados fenológicos – Floração e frutificação de janeiro a maio, em Santa Catarina.

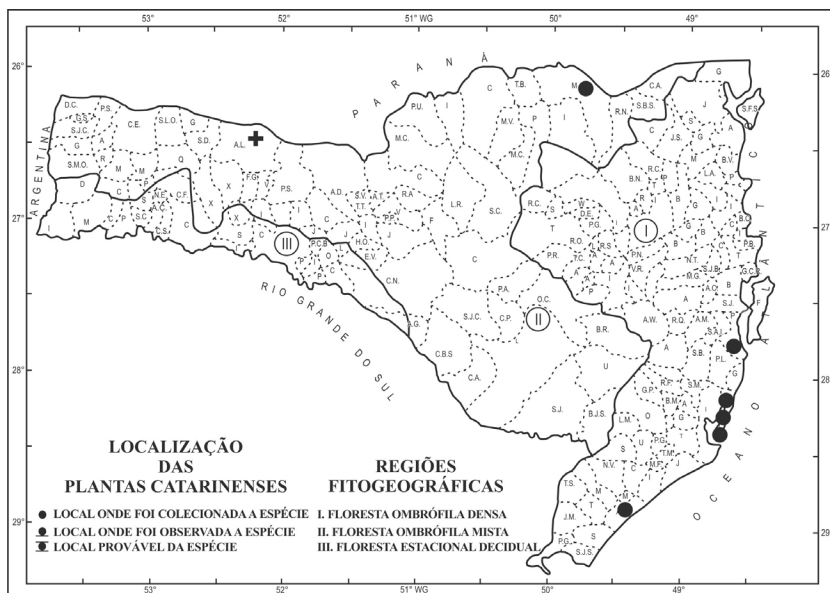
Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos, distribuindo-se nas regiões Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta espécie se caracteriza como uma erva perene de vasta e expressiva dispersão nas regiões da restinga litorânea e nos campos meridionais (Estepe).

Espécie heliófita e seletiva xerófita desenvolvendo-se tanto nas dunas litorâneas como nos campos meridionais (Estepe). Encontrada nas regiões litorâneas quase ao nível do mar e no planalto catarinense em torno de 750 a 900 metros acima do nível do mar.

Material estudado - SANTA CATARINA: ARARANGUÁ: Currealinhos, 10 m, campo, R. Reitz C 594 (17.V.1944), LP. IMBITUBA: Nova Esperança, Hatschbach & Zardini 41020 (13.II.1978), LP. LAGUNA: restinga, R. Reitz & R. Klein 207 (29.II.1952), LP; Itapirubá, dunas fixas, Hatschbach & Zardini 41002 (12.II.1978), LP. MAFRA: campo, 750 m, R. Reitz 5331 (26.I.1953), LP; campo, 2 km west of Tingui on the road to Mafra (19 km), ca. 800 m, L. B. Smith & R. Reitz 12058 (11.III.1957), LP; ibidem, L. B. Smith & R. Klein 12053

(11.III.1957), LP; campo, 10 km west of Tingui on the road to Mafra, 800 m, L. B. Smith & R. Klein 10625 (2.II.1957), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, 2 m, restinga, R. Reitz & R. Klein 437 (12.III.1953), LP; ibidem, 3 m, R. Reitz & R. Klein 407 (12.III.1953), LP; ibidem, 5 m, R. Reitz 5554 (5.II.1953), LP; ibidem, 5 m, campo, R. Reitz & R. Klein 578 (14.V.1953), LP.



Mapa 229 – Locais de coleta de *Pterocaulon angustifolium* DC. ● e *Pterocaulon rugosum* (Vahl.) Malme + em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: nos municípios de Araranguá, Imbituba, Laguna, Mafra e Palhoça.

BRASIL: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. América subtropical, PARAGUAI, URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades – Até o momento não se conhece utilidades específicas desta espécie. Possivelmente seja melífera.

2. PTEROCAULON RUGOSUM* (Vahl) Malme

VIRA-VIRA

Est. 254, Mapa 229

Malme, Bih. Kongl. Svensk Vetenska- Akad. Handl. 27(12): 16. 1901.

Conyza rugosa Vahl, Symb. Bot. I: 71. 1790.

Chlaenobolus rugosus (Vahl) Cass., Dict. sci. nat. 49: 341. 1827.

Pterocaulons spicatum var. *brachystachyum* DC., Prodr. 5: 454. 1836.

Pterocaulona alopecuroides var. *mollis* Chodat, Bull. Herb. Boissier sér. 2, 2: 387. 1902.

ERVA perene de 0,5-0,8 m de altura. Rizoma globoso. Caules eretos, ramificados na parte superior; ocráceo-tomentosos; com alas de 1-2 mm de largura. FOLHAS inferiores ovado-elípticas; agudas ou semi-obtusas e mucronadas no ápice; atenuadas na base; miudamente crenado-mucronadas na margem; glabrescentes, escuras e rugosas na face superior, densamente ocráceo-lanosas na face inferior; de 5-8 x 1,8-4 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores e mais espaçadas.

CAPÍTULOS dispostos em densas espigas esféricas. INVÓLUCRO cilíndrico de 5 mm de altura. Filárias 31-35, acuminado-apiculadas no ápice, lanuginosas: as exteriores ovadas; as interiores linear-elípticas. Receptáculo desnudo. FLORES de cor creme. Flores do raio: ca. 20-21, curtamente bilabiadas (2+2) e levemente papilosas no ápice. Flores do disco: uma a duas.

AQUÊNIOS: veludoso-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, do mesmo comprimento que a corola.

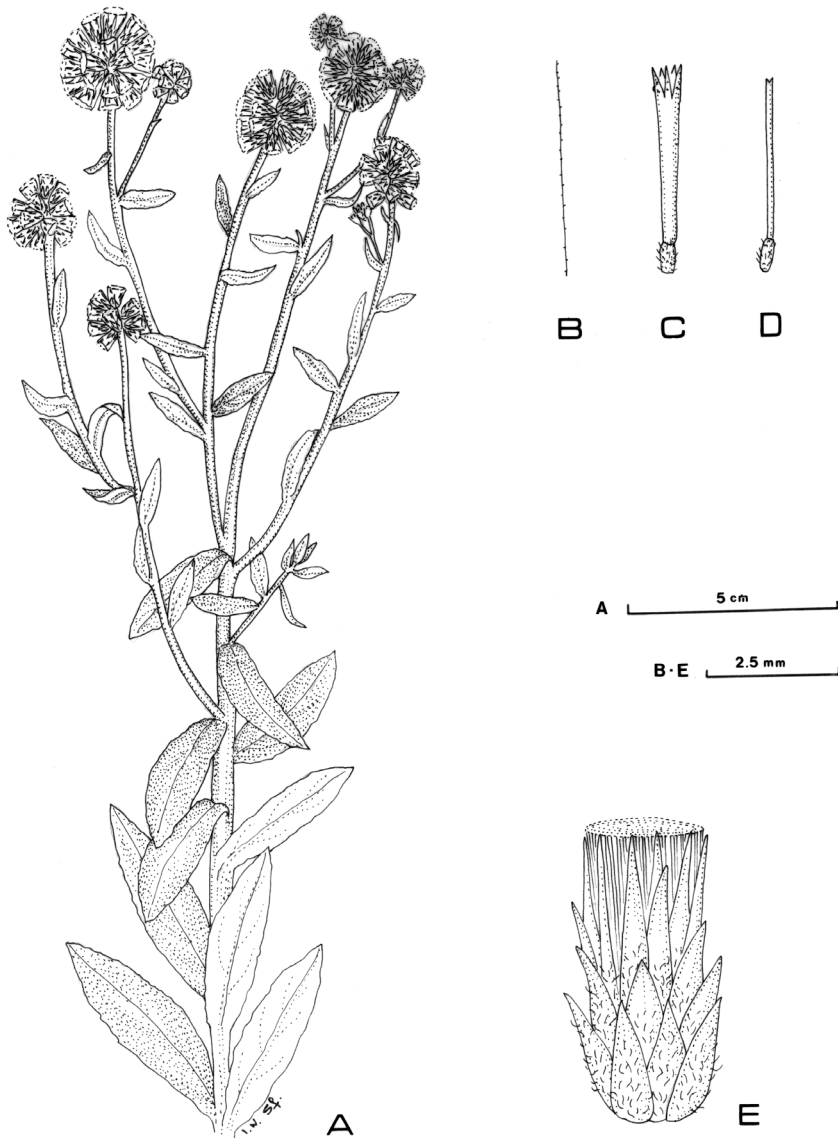
Observação - Espécie afim a *P. alopecuroides*, da qual se diferencia por suas folhas ovado - elípticas.

Local do tipo - “Commers. e Brasilia”.

Nome vulgar - No Paraguai “vira-vira cha’i” (cha’i = enrugado, encrespado), (Freire, 1998); na Argentina “caraí-casó”, “caraí-tuyá casó”, “tuyá casó” (Freire, *et al.* 2005).

Dados fenológicos - O único material coletado em Santa Catarina estava em floração no mês de fevereiro.

* *Rugosum* - do latim *rugosus* = rugoso. Relativo a face inferior rugosa das folhas desta planta.



Est. 254 – *Pterocaulon rugosum* (Vahl) Malme. A – Planta; B – Cerda do pápus; C – Flor do disco sem pápus; D – Flor do raio sem pápus; E – Capítulo (R. Klein 4907 - Original).

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos, distribuindo-se nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Erva muito rara em Santa Catarina e, até o momento só coletada numa região campo de Abelardo Luz, apesar de sua ocorrência estar registrada para outros Estados brasileiros e também outros países como Venezuela, Colômbia, Paraguai e Argentina.

Espécie possivelmente seletiva xerófila, sendo até o momento apenas encontrada, em Santa Catarina, em campo arenoso. Pela sua raridade a espécie merece ser melhor observada para conclusões sobre sua auto-ecologia e com a necessidade de sua conservação *in situ*, uma vez que deve ser incluída na lista das espécies ameaçadas de extinção deste Estado.

Material estudado - SANTA CATARINA: ABELARDO LUZ: 900 m, campo, R. M. Klein 4907 (28.II.1964), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Até o momento somente coletada no município de Abelardo Luz.

BRASIL: Nos Estados de Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Distrito Federal. América do Sul tropical: VENEZUELA, COLÔMBIA, PARAGUAI e norte da ARGENTINA.

Utilidade - Não registrada na literatura consultada. Potencial como melífera.

3. PTEROCAULON POLYSTACHYUM* DC.

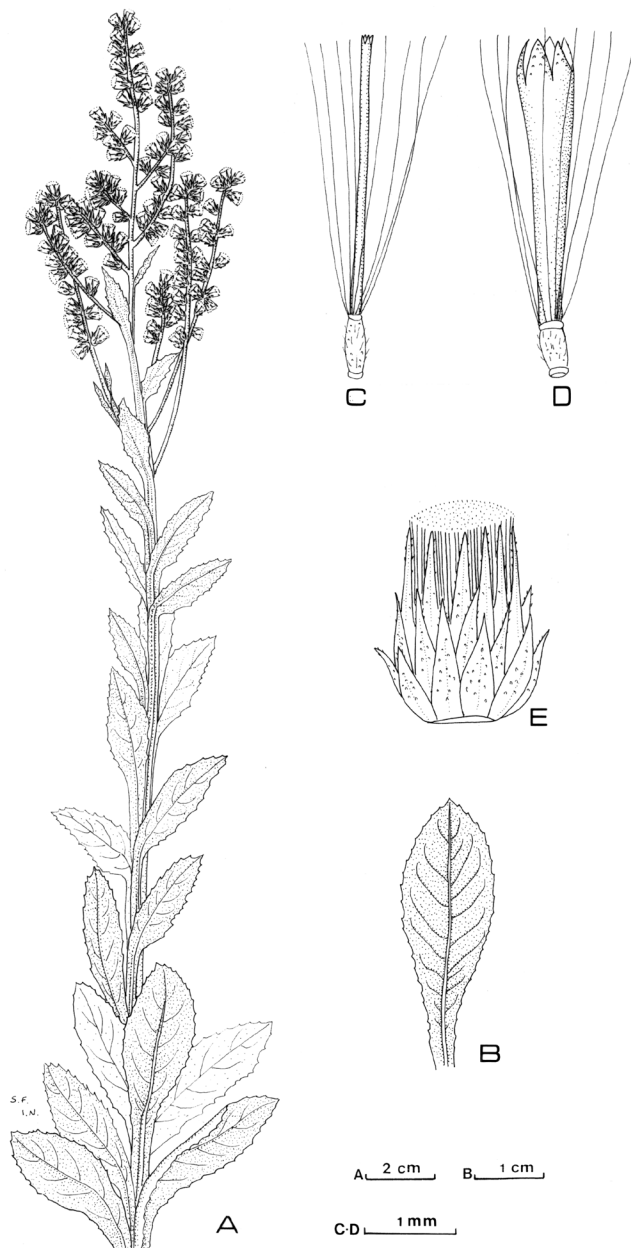
TORO-CAA

Est. 255

De Candolle, Prodr. 5: 454. 1836.

ERVA perene de 1-2 m de altura. Rizoma globoso. Caules ramificados na parte superior; cobertos de curtos pelos glandulares; alas de 3 mm de largura. FOLHAS inferiores obovadas; obtusas no ápice; atenuadas na base; serradas na margem; concolores, cobertas em ambas as faces por pelos glandulares bisseriados sésseis e pedunculados; de 7-10 x 2,3-2,5 cm., as folhas medianas e superiores gradualmente menores.

* Polystachyum – de polys = muitos e stachyum = caule. Relativo a seus caules ramosos.



Est. 255 – *Pterocaulon polystachyum* DC. A – Ramo florífero; B – Folha; C – Flor do raio; D – Flor do disco; E – Capitulo (C. V. Pavetti & T. Rojas 11017 - Original.)

CAPÍTULOS subsésseis, dispostos em laxos racemos espiciformes na parte superior dos ramos, formando em conjunto uma panícula triangular nos ápices dos caules. INVÓLUCRO ovóide de 4,5-5 mm de altura. Filárias ca. de 50: as exteriores ovadas, acuminadas e glandulosas; as interiores subglabras, lineares e agudas. Receptáculo desnudo. FLORES brancas ou branco-creme. Flores do raio: 99-106, curtamente bilabiadas (2+2) e glabras no ápice. Flores do disco: 3-4.

AQUÊNIOS: veludoso-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, do mesmo comprimento que a corola.

Observação – *P. polystachyum* se diferencia facilmente das demais espécies do gênero por apresentar somente pelos glandulares em seus órgãos vegetativos e reprodutivos.

Local do tipo – “in Brasilia prov. Rio Grande”.

Nome vulgar – No Brasil: “toro caa”; no Paraguai: “maryva”, “toro ka'a” (ka'a = erva), (Freire, 1998); na Argentina “sombra de toro”, “toro caá”, “yerba del toro” (Freire *et al.*, 2005).

Dados fenológicos – Em Santa Catarina o material coletado não especifica a data de floração. Em outros materiais foram registradas florações nos meses de outubro, dezembro e março.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos, distribuindo-se nas regiões **Centro-Oeste** (Goiás, Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Espécie muito rara em Santa Catarina, estando o único material coletado, sem especificação de local.

No material coletado em outras localidades se constata que cresce preferencialmente em savanas; sendo também encontrada em bosques, campos altos e úmidos e em beiras de caminhos e de riachos.

Um esforço de coleta deveria caracterizar melhor a real situação desta espécie na natureza, caracterizando seus ambientes naturais de ocorrência em Santa Catarina e suas possíveis ameaças de conservação.

Material estudado - SANTA CATARINA: P. Dusén 17932 (S, não visto).

PARAGUAI: Krapovickas *et al.* 12182 (LP); Jorgensen 4138 (LP); Pavetti & Rojas 11017 (LP); Rojas 9460 (LP).

ARGENTINA: Misiones: Ekman 1004 (LP); Gruner 248 (LP); Montes 573 (LP).
Corrientes: Hunziker 6530 (LP); Krapovickas *et al.* 18067 (LP). Entre Ríos: Friedman 337 (LP).

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Local não especificado.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. PARAGUAI,
URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades - De uso medicinal.

4. PTEROCAULON BALANSAE* Chodat

KITÓ

Est. 256, Mapa 230

Chodat, Bull. Herb. Boissier, sér. 2, 2(3): 388. 1902.

Pterocaulon paniculatum Arechav., Anal. Mus. Nac. Montevideo, 6:
270. 1906.

Pterocaulon virgatum f. *subpaniculata* Arechav., loc. cit.: 269.

Pterocaulon polystachyum var. *tomentosa* Arechav., loc. cit.: 270.

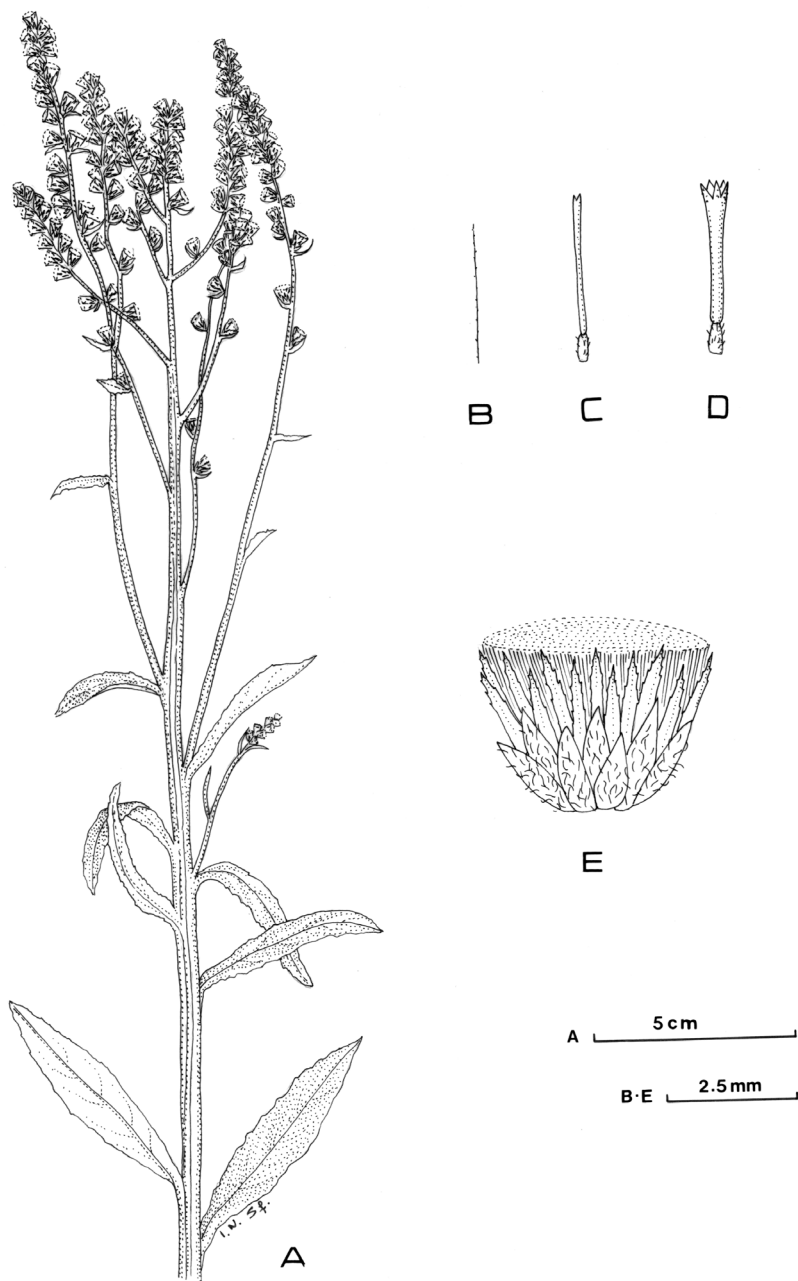
Pterocaulon interruptum auct. non DC., Malme, *Bih. Kongl. Svenska
Vetensk.-Akad. Handl.* 27(12): 19. 1901.

ERVA perene de 0,6-1,2 m de altura. Rizoma delgado. Caules eretos, ramificados na parte superior; densamente gris-ocráceo-tomentosos; com alas de 2 mm de largura. FOLHAS inferiores obovado-elípticas; agudo-mucronadas no ápice; miudamente serradas na margem; glabrescentes e escuras na face superior, densamente gris-ocráceas na face inferior; de 5-8 x 1,2-2,4 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores.

CAPÍTULOS dispostos em amplos racemos ou panículas de espigas laxas de até 28 cm de comprimento. INVÓLUCRO cilíndrico de ca. de 5 mm de altura. Filárias ca. de 50: as exteriores longamente acuminadas, gradualmente agudas, lanosas no dorso; as interiores lineares, agudas e ciliadas no ápice. Receptáculo desnudo. FLORES brancas. Flores do raio: ca. 88, curtamente bilabiadas (2+2) e glabras no ápice. Flores do disco: 3-4.

AQUÊNIOS veludoso-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, ligeiramente mais longo que a corola.

* *Balansae* - Em homenagem a Benedict Balansa (1825 – 1891), que coletou durante 11 anos no Paraguai.



Est. 256 – *Pterocaulon balansae* Chodat. A – Ramo florífero; B – Cerda do pápus; C – Flor do raio sem pápus; D – Flor do disco sem pápus; E – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 2880 – Original).

Local do tipo – “Paraguay. Bocaití, près de Villa-Rica, dans les prairies humides. B. Balansa 832”.

Nome vulgar – No Paraguai e na Argentina: “Kitó” (Freire, 1998; Freire *et al.* 2005).

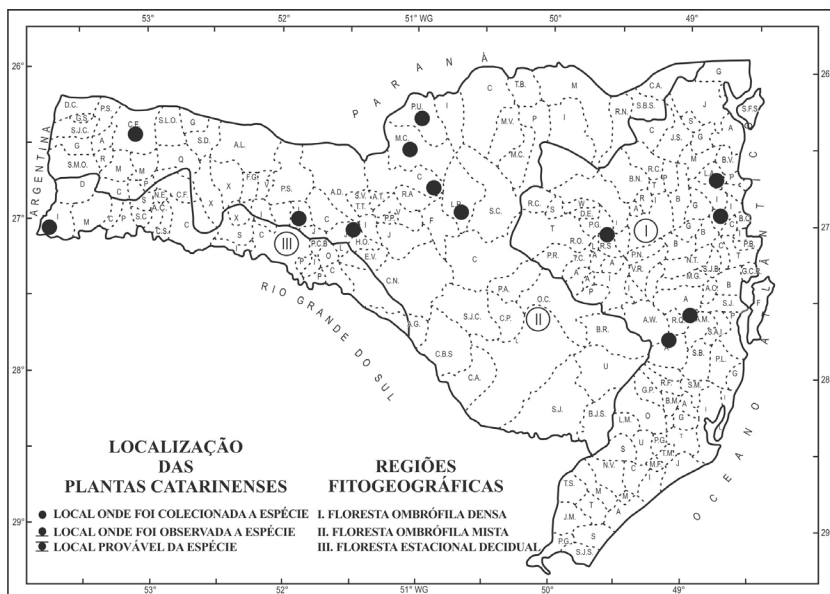
Dados fenológicos – Floração e frutificação nos meses de fevereiro a abril em Santa Catarina.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos (Pampa), distribuindo-se nas regiões **Centro-Oeste** (Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta erva perene de vasta e expressiva dispersão, ocorre nos campos meridionais (Estepe) e áreas sob influência edáfica por ação antrópica das Florestas Ombrófila Densa, Ombrófila Mista e mais raramente na Floresta Estacional Decidual .

Espécie heliófita e possivelmente seletiva higrófito, desenvolvendo-se nos campos meridionais, dentro de pinheirais abertos e como planta ruderal, nas roças abandonadas, capoeirinhas e pastagens. Encontra-se desde o nível do mar até altitudes de 900 metros acima do nível do mar.

Material estudado - SANTA CATARINA: ANITÁPOLIS: capoeira, R. Klein 474 (2.IV.1953), LP. CAÇADOR-CURITIBANOS: pinheiral, 43 km southeast of Caçador on the road to Lebon Régis (47 km), 700-900 m, L. B. Smith & R. Klein 12198 (16.III.1957), LP. CAMPO ERÊ: Fazenda Campo São Vicente, 900 m, R. Klein 4958 (29. II.1964), LP; bog, Fazenda Campo São Vicente, 24 km west of Campo Erê, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Klein 11621 (20-21.II.1957), LP. IRANI: campo, 1000 m, R. Klein 4726 (27.II.1964), LP. IRINEÓPOLIS: Valões, 750 m, banhado de campo, R. Reitz & R. Klein 12462 (25.II.1962), LP. ITAJAÍ: Cunhas, 10 m, pasto, R. Klein 1275 (14.IV.1955), LP. ITAPIRANGA: 200 m, no pasto, R. Klein 5205 (3.III.1964), LP. JOAÇABA: campo, campos of Palmas, 55 km west of Caçador, 1000-1200 m, L. B. Smith & R. Klein 11396 (18.II.1957), LP. LEBON RÉGIS: 900 m, campo, R. Reitz & R. Klein 12299 (22.II.1962), LP. LUÍZ ALVES: Braço Joaquim, 250 m, capoeira, R. Reitz & R. Klein 2880 (22.III.1950), LP. MATOS COSTA: bog, between Matos Costa and Calmon (22 km), s. of PU 63 km, ca. 900-1100 m, L. B. Smith & R. Klein 10865 (5.II.1957), LP. PORTO UNIÃO: 750 m, campo, R. Reitz & R. Klein 12398 (25.II.1962), LP. RIO DO SUL: 400 m, capoeira, R. Reitz & R. Klein 8607 (14.III.1959), LP. RANCHO QUEIMADO: Serra da Boa Vista, 700 m, capoeira, R. Reitz & R. Klein 10840 (3.III.1961), LP.



Mapa 230 - Locais de coleta de *Pterocaulon balansae* Chodat. em Santa Catarina

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de: Anitápolis, Caçador, Campo Erê, Irani, Irineópolis, Itajaí, Itapiranga, Joaçaba, Lebon Régis, Luiz Alves, Matos Costa, Porto União, Rio do Sul e Rancho Queimado.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. América subtropical: Paraguai, Uruguai e norte da Argentina.

Observação – *P. balansae* é facilmente reconhecível por seus amplos racemos (panículas) de laxas espigas e por sua elevada altura, até 1,2 metros.

Utilidades – Sem indicação de utilidade, possivelmente melífera.

5. PTEROCAULON POLYPTERUM* (DC.) Cabrera

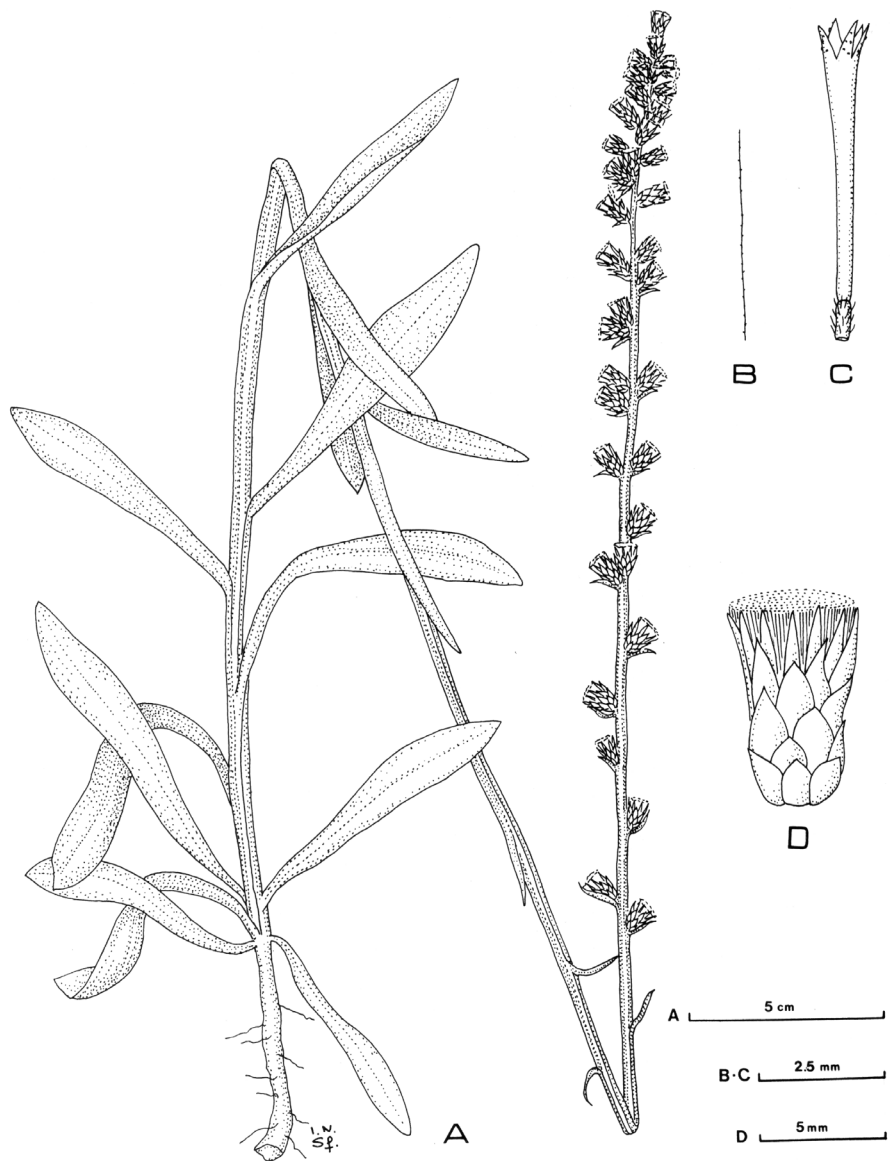
Est. 257, Mapa 231

Cabrera, Notas Mus. La Plata 17, Bot. 84: 75. 1954.

Baccharis polyptera DC., Prodr. 5: 426. 1836.

Vernonia pterocaulon Baker, J. Bot. 16: 77. 1878.

* Polypterum – *polys* = muito; *pteron* = asas; Relativo ao caule multialado desta planta.



Est. 257. *Pterocaulon polypterum* (DC.) Cabrera A – Planta; B – Cerda do pápus; C – Flor do disco sem pápus; D - Capitulo (R. Reitz 6582 – Original).

Pterocaulon bakeri Malme, Bih. Kongl. Svenska Vetensk.- Akad. Handl. 32(5): 55. 1899.

ERVA perene de 0,75-1 m de altura. Rizoma vertical. Caule ereto, simples; densamente folhoso na parte inferior e subáfilo na parte superior; alvo-tomentoso; com alas de 1 mm de largura. FOLHAS inferiores oblanceoladas; semi-obtusas no ápice; largamente atenuadas e decurrentes na base; inteiras na margem; glabras e escuras na face superior, densamente alvo-lanosas na face inferior; de 9-14 x 1,5-2 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores, linear-lanceoladas e agudas.

CAPÍTULOS androdióicos, dispostos em laxas e simples espigas de glómérulos alongadas de 30-45 cm de comprimento. INVÓLUCRO cilíndrico, de ca. 5-6 mm de altura. Filárias ca. de 42, lanosas no dorso: as exteriores oblongo-obovadas, obtusas e acuminadas no ápice; as interiores lineares, agudas e ciliadas no ápice. Receptáculo desnudo. FLORES violáceas ou avermelhadas. Capítulos masculinos com ca. 20 flores, tubulosas, pentalobadas e com pelos glandulares no ápice. Capítulos heterógamos com numerosas flores femininas, filiformes, 3 a inúmeras flores masculinas, tubulosas, pentalobadas.

AQUÊNIOS veludoso-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, ligeiramente mais curto que a corola.

Local do tipo – “Rio Grande, C. Gaudichaud 1833”.

Nome vulgar – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: janeiro a março.

Observações ecológicas – Segundo Loelle (2010), esta espécie tem distribuição geográfica nos biomas Mata Atlântica e Campos Sulinos (Pampa), ocorrendo, no Brasil, somente nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina se expressa de forma muito rara, sendo, até momento, apenas coletada no município de Lages.

Erva perene característica e exclusiva dos Campos (Estepes) do Planalto Meridional no Estado de Santa Catarina, onde apresenta restrita, descontínua e inexpressiva dispersão.

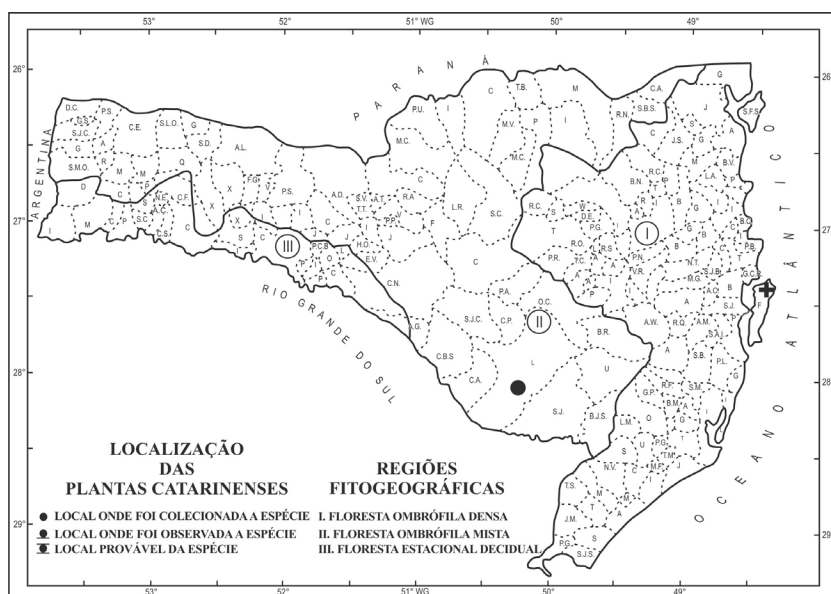
Espécie heliófita e sem indicação de preferência pelo tipo de solo. Possivelmente deve ser uma espécie muito rara, com populações de dispersão muito disjunta.

Considerando que a estação de coleta do Herbário Barbosa Rodrigues intitulada Morro do Pinheiro Seco estava a uns 5km do centro da cidade, hoje

não é mais uma área com vegetação natural devido a sua transformação em área urbana. Com isto, ressalta-se que não existe mais o único ambiente onde ocorreu a coleta desta espécie em Santa Catarina.

Devido a raridade desta espécie e a destruição dos campos nativos onde a mesma ocorria, sugere-se um esforço de coleta para reencontrá-la e estabelecer estratégias para a sua conservação.

Material estudado - SANTA CATARINA: LAGES: Morro do Pinheiro Seco, 3 km east of Lages, 900-950 m, L. B. Smith & R. Reitz 10071 (15.I.1957), LP. *ibidem.*, campo, 900 m, R. Reitz 6582 (4.II.1963), LP.



Mapa 231 - Local de coleta de *Pterocaulon polypterum* (DC.) Cabrera ● e *Pterocaulon virgatum* (L.) DC + em Santa Catarina

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Até o momento só encontrada no município de Lages.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul; América Subtropical: Norte do URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade, possivelmente melífera.

6. PTEROCAULON VIRGATUM* (L.) DC.

CARAÍ-TUYÁ

Est. 258, Mapa 231

De Candolle, Prodr. 5: 454. 1836 .

Gnaphalium virgatum L., Syst. nat. ed. 10, 2: 1211. 1759.

Conyza virgata (L.) L., Sp. pl. ed. 2, 2: 1206. 1763.

Chlaenobolus virgatus (L.) Cass., Dict. Sci. Nat. 49: 340. 1827.

Pterocaulon subvirgatum Malme, Bih. Kongl. Svenska Vetensk.- Akad. Handl. 27(12): 24. 1901.

Pterocaulon subspicatum Malme ex Chodat, Bull. Herb. Boissier sér. 2, 2(3): 388. 1902.

Pterocaulon virgatum f. *subvirgata* (Malme) Arechav., Anales Mus. Nac. Montevideo 6: 269. 1906.

Pterocaulon pilcomayense Malme, Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 8: 73. 1910.

Pterocaulon pompilianum Standl. & Williams, Ceiba 1: 94. 1950.

ERVA perene de 0,4-1 m de altura. Rizoma sub-horizontal, globoso. Caules eretos, ramificados desde a base ou mais comumente só na parte superior; alvo-tomentosos; com alas de 1 mm de largura. FOLHAS inferiores oblanceoladas; agudas no ápice; inteiras ou miudamente serradas e revolutas na margem; glabrescentes e escuras na face superior, densamente alvo-tomentosas na face inferior; de 6,5-10 x 0,6-1,5 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores, linear ou linear-elípticas e agudas.

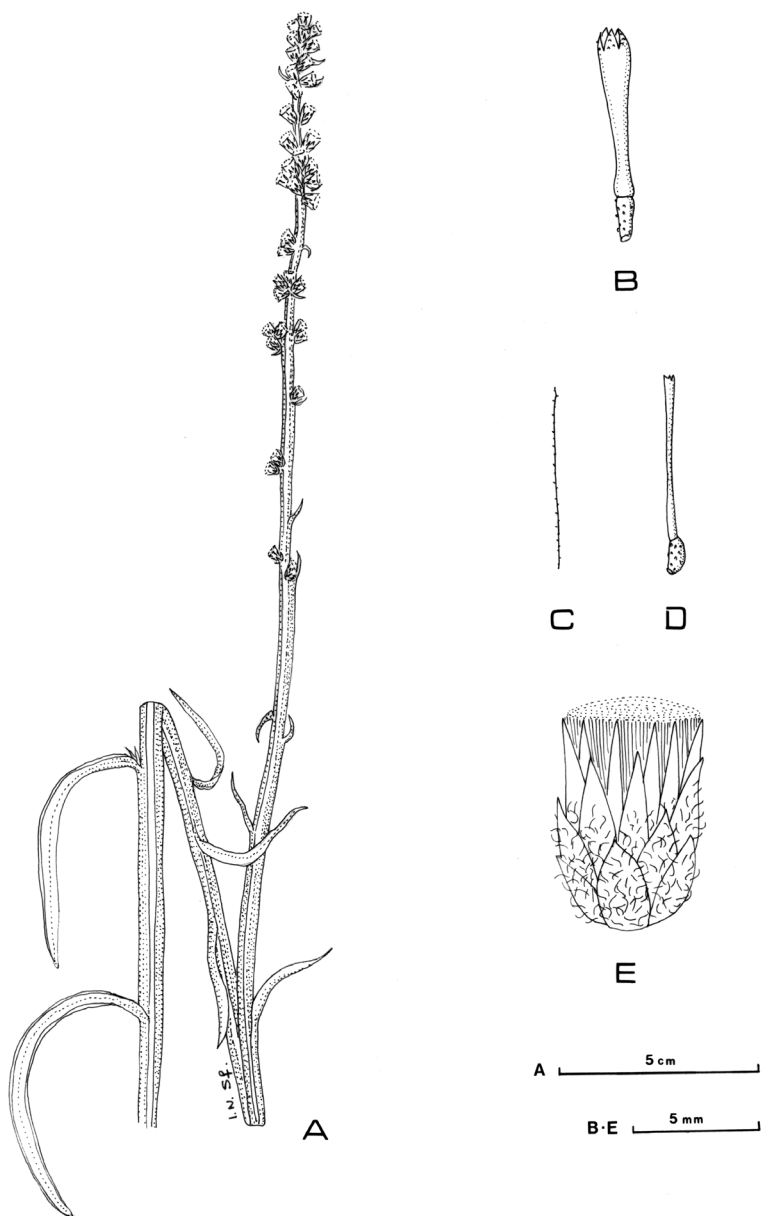
CAPÍTULOS dispostos em laxas e simples espigas alongadas de 12-17 cm de comprimento. INVÓLUCRO cilíndrico de ca. 5 mm de altura. Filárias ca. de 52, lanosas no dorso: as exteriores ovadas, acuminadas no ápice, as interiores lineares, agudas e ciliadas no ápice. Receptáculo desnudo. FLORES brancas. Flores do raio: ca. de 80, curtamente bilabiadas (2+1) e glabras no ápice. Flores do disco: ca. de 3, com pelos glandulares e não glandulares no ápice.

AQUÊNIOS veludoso-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, do mesmo comprimento que a corola.

Observação - Espécie afim a *P. cordobense*, da qual se diferencia por suas espigas simples e suas folhas mais estreitas e revolutas na margem.

Local do tipo – “Jamaica”.

* *Virgatum* – do latim *virgatus* =estreito. Provavelmente relativo as folhas desta planta.



Est. 258 – *Pterocaulon virgatum* (L.) DC. – A – Ramo florífero; B – Flor do disco; C – Pelo do pápus; D – Flor do raio sem pápus; E – Capitulum (B. H. Stienstra s.n. – Original).

Nome vulgar – No Paraguai: “ka’ a tingy” (ka’ a = erva; tingy = barbasco [= icticida]), (Freire, 1998); na Argentina: “caraf casó”, “caraf tuyá”, “yaguaretfí-caá”, “tuyá casó” (Freire *et al.*, 2005).

Dados fenológicos – Floração de janeiro a abril em Santa Catarina.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Maranhão, Bahia), **Centro-Oeste** (Goiás), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina a espécie é muito rara, com registro somente para a Ilha de Santa Catarina e outro local não detalhado.

Sugere-se um esforço de coleta desta espécie para definição de seus ambientes de ocorrência em Santa Catarina e, se confirmada sua raridade, o estabelecimento de uma estratégia de conservação para esta espécie.

Material estudado - SANTA CATARINA: FLORIANÓPOLIS: Isla Santa Catarina about 20 km northeast of Florianópolis, J. Conrad 2144 (7.II.1974), LP; SEM INDICAÇÃO DO MUNICÍPIO: Morro da Igreja*, B. H. Stienstra s.n. (20.I.1947), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Florianópolis e Morro da Igreja (Sem indicação do município).

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Parte setentrional e meridional da América tropical: Sul dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (Texas), MÉXICO, ANTILHAS, HONDURAS, BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI e norte da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

* Atualmente a localidade de Morro da Igreja, em Santa Catarina, se refere ao ponto culminante do Estado, com 1822m, no município de Urubici. Provalmente esta coleta não foi realizada neste local, uma vez que a primeira estrada para atingir este local é da década de 1970.

7. PTEROCAULON ALOPECUROIDES* (Lam.) DC.

TORO-CAA

Est. 259, Mapa 232

De Candolle, Prodr. 5: 454. 1836.

Conyza alopecuroides Lam., Encycl. 2: 93. 1786.

Chlaenobolus alopecuroides (Lam.) Cass., Dict. Sci. Nat. 49: 339. 1827.

Pterocaulon alopecuroides var. *polystachyum* DC., Prodr. 5: 454. 1836.

Pterocaulon interruptum DC., loc. cit.

Pterocaulon interruptum var. *polystachyum* DC., loc. cit.

Pterocaulon interruptum var. *monostachyum* DC., loc. cit.

Baccharis erioptera Benth., Ann. Nat. Hist. 2: 441. 1839.

Pterocaulon latifolium Kuntze, Revis. gen. pl. 3(2): 169. 1898.

Pterocaulon alopecuroides var. *glabrescens* Chodat, Bull. Herb. Boissier sér. 2, 2(3): 387. 1902.

Pterocaulon virgatum f. *alopecuroides* (Lam.) Arechav., Anales Mus. Nac. Montevideo, 6: 268. 1906.

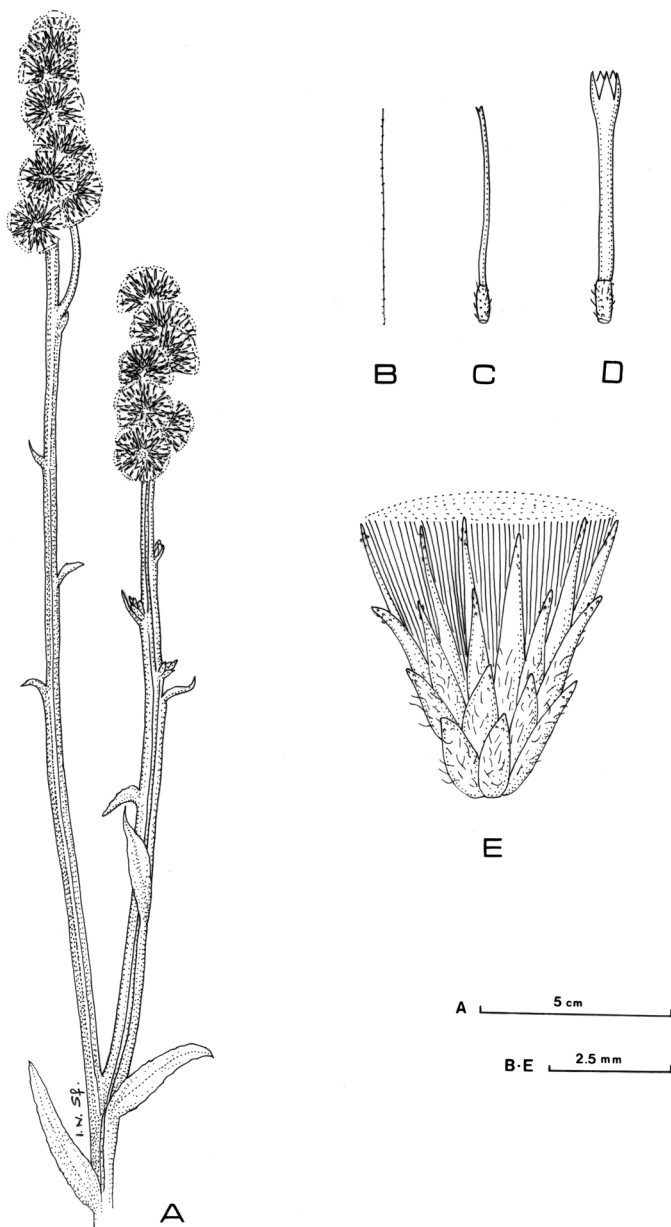
Pterocaulon virgatum f. *subcorymbosa* Arechav., loc. cit.

ERVA perene de 0,5-1,5 m de altura. Rizoma globoso. Caules eretos e geralmente ramificados na parte superior; alvo-tomentosos; com alas de 2-4 mm de largura. FOLHAS inferiores oblongo-elípticas a ovado-elípticas; agudas no ápice; atenuadas na base; miudamente dentadas ou quase inteiras na margem; glabrescentes, escuras e rugosas na face superior, densamente lanoso-incanas na face inferior; de 3,5-10 x 1,5-4,5 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores, ovadas.

CAPÍTULOS dispostos em densas espigas alongadas, às vezes descontínuas na parte inferior, de 3-14 cm de comprimento. INVÓLUCRO cilíndrico de ca. de 8 mm de altura. Filárias ca. de 50, lanosas no dorso e glandulosas no ápice: as exteriores estreitamente ovadas; as interiores lineares. Receptáculo desnudo. FLORES brancas. Flores do raio: 27-36, curtamente bilabiadas (2+1) e glabras no ápice. Flores do disco: uma a 3, glandulosas no ápice.

AQUÊNIOS veludosos-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, ligeiramente mais longo que a corola.

* *Alopecuroides* – do grego *alopekos* = raposa e *oura* = cauda. Em alusão as grossas espigas de glomérulos. *Oides* = Parecido ao gênero *Alopecurus* Poaceae (Monocotiledôneas).



Est. 259 – *Pterocaulon alopecuroides* (Lam.) DC. – A – Ramo florífero; B – Pelo do pápus; C – Flor do raio sem pápus; D – Flor do disco sem pápus; E – Capítulo (R. Klein 4947 – Original).

Observação - Espécie afim a *P. rugosum*, da qual se diferencia por seus capítulos dispostos em espigas alongadas. Facilmente reconhecida por suas folhas largamente obovadas ou elípticas.

Local do tipo – “Martinique”.

Nome vulgar – No Paraguai: “jakare ka’a” (jakare = jacaré; ka’a = erva); “toro ka’a moroti” (moroti = branco), (Freire, 1998); na Argentina: “carai casó”, “carai tuyá casó”, “sup toptobelité”, “toro caá”, “tuyá casó” (Freire *et al.*, 2005).

Dados fenológicos – Floração e frutificação nos meses de fevereiro e março em Santa Catarina.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Norte** (Amapá, Tocantins), **Nordeste** (Paraíba, Bahia), **Centro-Oeste** (Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina apresenta-se como uma erva perene, provavelmente de distribuição muito rara e esparsa. Foi registrada sua ocorrência nos campos meridionais (Estepe) e na restinga litorânea.

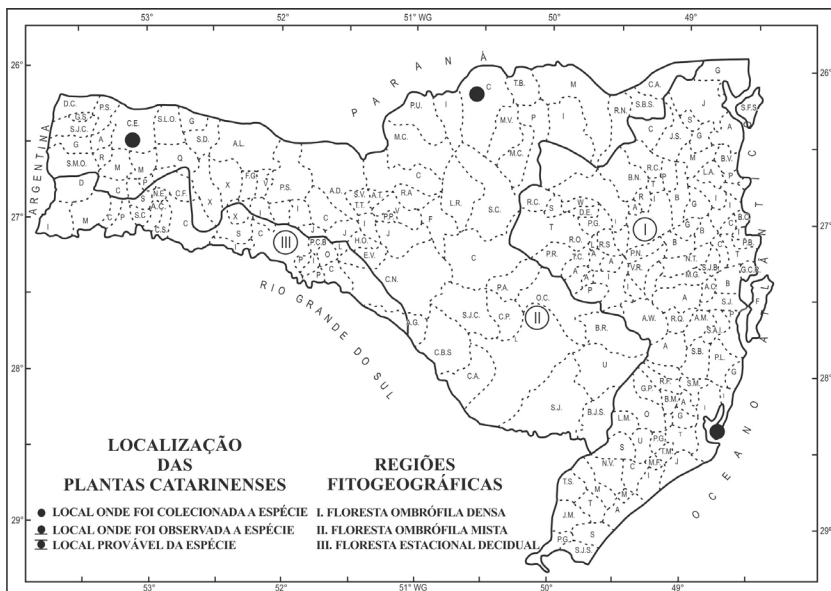
Espécie provavelmente heliófita e sem preferências específicas de solo, capaz de ocorrer desde o nível do mar até altitudes de 750 a 900 metros.

Material estudado - SANTA CATARINA: CAMPO ERÊ: Fazenda Campo São Vicente, 900 m, campo, R. Klein 4947 (29.II.1964), LP. CANOINHAS: east of Valões (Irineópolis), on the road to Canoinhas, 750 m, L. B. Smith & R. Klein 12139 (14.III.1957), LP. LAGUNA: restinga litorânea, R. Reitz & R. Klein 234 (29.II.1952), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Campo Erê, Canoinhas e Laguna.

BRASIL: Nos Estados do Amapá, Goiás, Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. América cálida: ILHAS DO CARIBE, GUIANA, VENEZUELA, COLÔMBIA, EQUADOR, PERU, BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI, norte e centro da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Possivelmente com potencial melífero.



Mapa 232 - Locais de coleta de *Pterocaulon alopecuroides* (Lam.) DC. em Santa Catarina.

8. PTEROCAULON LORENTZII* Malme

TUYÁ-CANILHA

Est. 260, Mapa 233

Malme, *Bih. Kongl. Svenska Vetensk. - Akad. Handl.* 27 (12): 22. 1901.

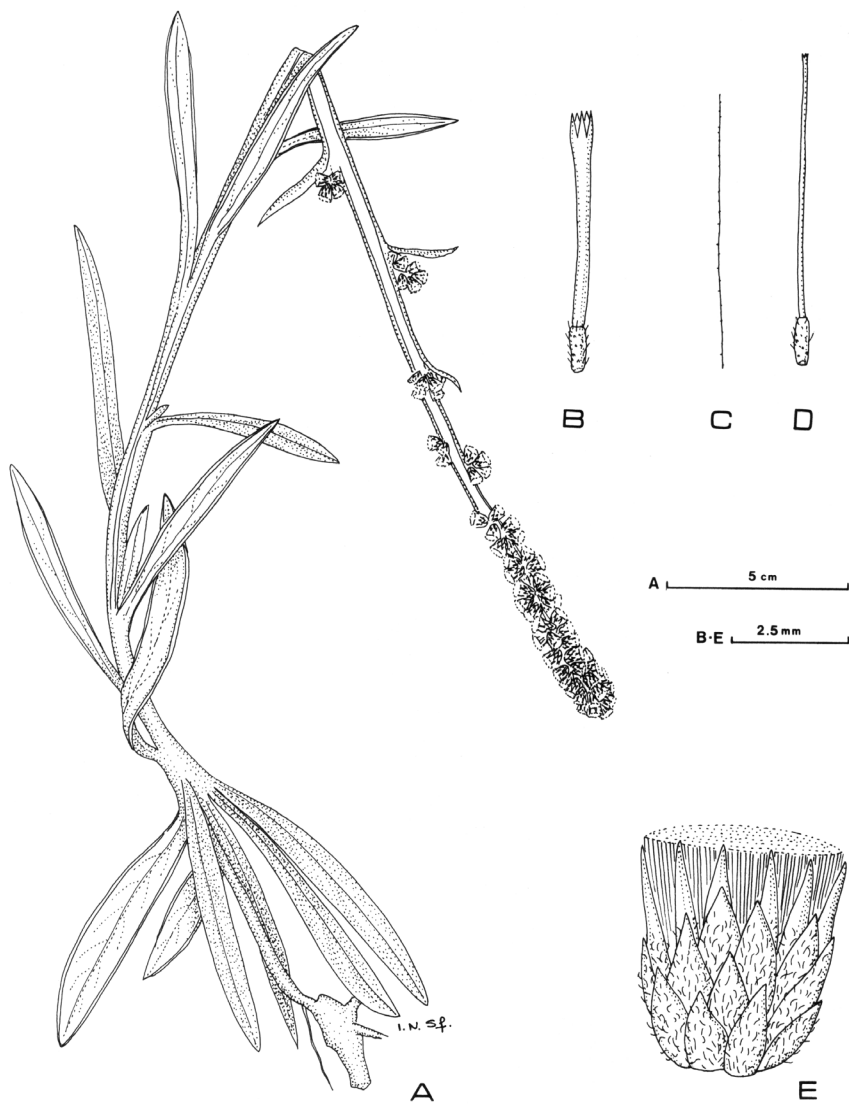
Pterocaulon malmeanum Chodat, *Bull. Herb. Boissier sér.* 2, 2: 388. 1902.

Pterocaulon virgatum f. spicata Arechav., *Anales Mus. Nac. Montevideo* 6: 268. 1906.

Pterocaulon virgatum f. angustifolia Arechav., loc. cit.

ERVA perene de 0,5-1,5 m de altura. Rizoma vertical. Caules eretos, simples, ocasionalmente ramificados na parte superior; incano-tomentosos; com alas de 2-3 mm de largura. FOLHAS inferiores oblanceoladas; agudo-mucronadas no ápice; atenuadas na base; inteiras e revolutas na margem; glabrescentes, escuras e rugosas na face superior, densamente incano-tomentosas na face

* *Lorentzii* = Nome em homenagem ao Botânico Paul Günther Lorentz, professor de Botânica de Córdoba (Argentina).



Est. 260. *Pterocaulon lorentzii* Malme. **A** – Planta; **B** – Flor do disco sem pápus; **C** – Pelo do pápus; **D** – Flor do raio sem pápus; **E** – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 1439 – Original).

inferior; de 6,5-11 x 0,6-2 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores, linear - lanceoladas.

CAPÍTULOS dispostos em densas espigas alongadas, algumas vezes descontínuas na base, de 5-20 cm de comprimento. INVÓLUCRO ovóide de ca. de 6 mm de altura. Filárias 48-60: as exteriores ovadas, acuminadas, lanosas no dorso; as interiores lineares, agudas e glabrescentes. Receptáculo desnudo. FLORES brancas. Flores do raio: 74-113, curtamente bilabiadas (2+2) e glabras no ápice. Flores do disco: 3-6.

AQUÊNIOS veludosos-glandulosos. PÁPUS curtamente escabroso, ligeiramente mais longo que a corola.

Observação - Espécie afim a *P. alopecuroides*, da qual se diferencia por suas folhas linear-lanceoladas e revolutas na margem.

Local do tipo - “Rio Grande do Sul: Cachoeira (in campo aprico arenoso, parce gramíno. 18 10/2 93. Malme 578”.

Nomes vulgares - Na Argentina: “Tuyá-canilla” (Cabrera, A. L. & A. M. Ragonese, 1978); Na Bolívia: “Frezadilla negra” (Cabrera 1978); No Paraguai: “toro ka'a kokuere” (kaà = erva; kokuere = horta abandonada; “tuya retyrna” (tuya = velho; retyrna [osc.] = perna), (Freire, 1998).

Dados fenológicos - Floresce de setembro a março em Santa Catarina, com predominância nos meses de fevereiro e março.

Observações ecológicas - Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Centro-Oeste** (Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina, esta erva perene ocorre preferencialmente junto a vegetação de restinga desde o norte até a altura de Laguna. Também foi registrada sua ocorrência, de forma bastante rara, na região de campo (Estepe).

Espécie heliófita, seletiva xerófito e possivelmente psamófito. Ocorre preferencialmente no nível do mar e como espécie rara também foi registrada sua ocorrência em altitudes de 800 metros.

Material estudado - SANTA CATARINA: FLORIANÓPOLIS: Ilha de Santa Catarina, Canasvieiras, dune formation, 1-5 m, L. B. Smith & R. Reitz 12269 (28.III.1957), LP; ibidem, restinga, 2 m, R. Klein & A. Bresolin 6534 (17.I.1966), LP. ITAPOÁ: Barra do Saf-Guaçu, restinga, 2 m, R. Reitz & R. Klein 1439 (3.I.1954), LP. LAGUNA: Caputera, dunas fixas, G. Hatschbach 40990 (12.II.1978), LP; Praia do Gy, depressões brejosas entre dunas costeiras, G. Hatschbach 41017 (12.II.1978), LP; Laguna, 5 m, restinga litorânea, R. Reitz & R. Klein 90 (19.IX.1951), LP; ibidem, dunas, R. Reitz & R. Klein 242 (29.II.1952), LP. MAFRA: campo, 2 km west of Tingui on the road to Mafra (19 km), 800 m, L. B. Smith &

R. Klein 12057 (11.III.1957), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, R. Reitz 5556 (5.II.1953), LP. SOMBRIO: Sombrio, no campo, 10 m, R. Reitz C487 (10.IV.1944), LP.



Mapa 233 – Locais de coleta de *Pterocaulon lorentzii* Malme em Santa Catarina

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Florianópolis, Garuva, Laguna, Mafra, Palhoça e Sombrio.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. América subtropical, sudeste da BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI e nordeste da ARGENTINA até o Rio da Prata.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Possivelmente com potencial melífero.

II. STENACHAENIUM* Benth.

Benthams, in Benthams & Hooker f., Gen. Pl. 2: 289. 1873.

CAPÍTULOS heterógamos. INVÓLUCRO campanulado ou hemisférico, formado por várias séries de filárias, imbricadas e escariosas. RECEPTÁCULO plano, alveolado, desnudo. FLORES dimorfas. Flores do raio: muito numerosas,

* Stenachaenium - do grego: *steno* = estreito, do latim: *achaeium* = aquênio. Relativo ao aquênio estreito desta planta

femininas, com corola filiforme e dentada no ápice. Flores do disco: numerosas, hermafroditas, com corola tubulosa e pentadentada no ápice. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE com ramos curtos, agudos, pubescentes no dorso, por vezes mais abaixo do ponto de bifurcação.

AQUÊNIOS elípticos ou oblongo-elípticos, multcostados, glabros ou laxamente pubescentes. PÁPUS formado por numerosos pelos livres, ásperos e rígidos.

ERVAS perenes com caules alados. FOLHAS inferiores freqüentemente em roseta. Folhas caulinares espaçadas oblanceoladas; atenuadas e decurrentes na base; inteiras ou paucidentadas na margem; laxa ou densamente hirsutas. CAPÍTULOS grandes ou medianos, solitários ou em cimeiras corimbiformes.

Espécie-tipo: *Stenachaenium megapotamicum* (Spreng.) Baker (= *Conyza megapotamica* Spreng.).

Área de dispersão - Gênero sul-americano (sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e nordeste da Argentina), com cinco espécies. Em Santa Catarina ocorrem duas espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Plantas laxamente hirsutas. Folhas do caule reduzidas. Folhas inferiores obovadas de 2,5-7 cm x 1,5-4 cm. Aquênios pubescentes, 6-10 costados, suavemente comprimidos
 1. *S. adenanthum*
1. Plantas densamente hirsutas. Folhas do caule oblanceoladas. Folhas inferiores oblanceoladas de 11-30 x 3,5-8 cm. Aquênios glabros, 2-4 costados, fortemente comprimidos.
 2. *S. riedelii*

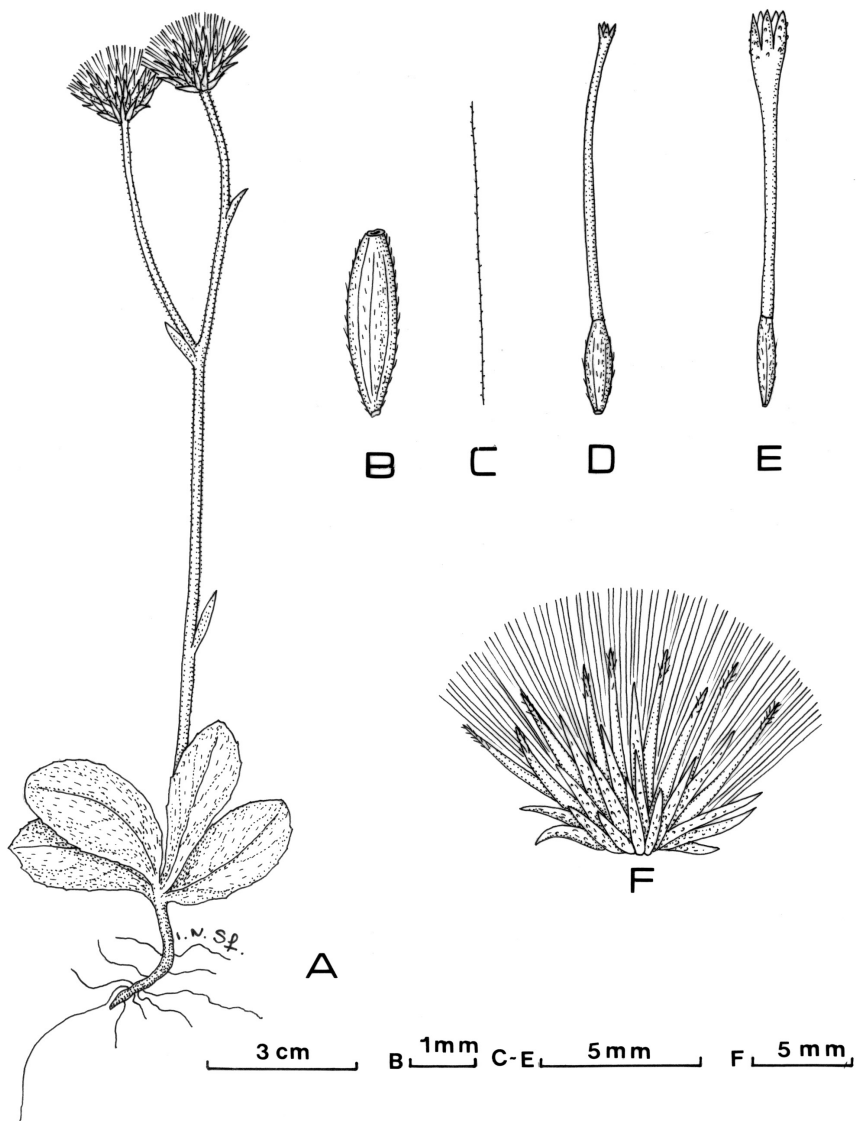
1. STENACHAENIUM ADENANTHUM* Krasch.

Est. 261, Mapa 234

H. Krascheninnikov: Not. Syst. Herb. Hort. Petrop. 4: 49. 1923.

ERVA perene, rizomatosa, de 0,15-0,4 m de altura. Caule ereto, simples ou ramificado na metade superior, delicado, estreitamente alado na terça parte proximal, com alas de ca. de 0,5 mm de largura; laxamente hirsuto com pelos frouxos e patentes. FOLHAS inferiores rosuladas, obovadas a obovado-espataladas; inteiras a serreadas na margem; obtusas a rotundas no ápice; hirsutas, laxamente coberta por pelos longos e frouxos; de 2,5-7 x 1,5-4 cm., folhas do caule reduzidas, decurrentes, as superiores bracteiformes.

* *Adenanthum* - *Aden* = glândula; *anthum* = flor



Est. 261. *Stenachaenium adenanthum* Krasch. A - Planta; B - Aquênio da flor do raio; C - Pelo do pápus; D - Flor do raio sem pápus; E - Flor do disco sem pápus; F - Capítulo (L.B. Smith & R. Reitz 13396 - Original)

CAPÍTULOS solitários ou em corimbos laxos, de até 7 capítulos. INVÓLUCRO campanulado, de 0,9-1,1 cm de altura x 1 cm de diâmetro. Filárias numerosas, dispostas em 4-5 séries: as exteriores linear-lanceoladas, agudas e recurvadas no ápice, densamente vilosas e glandulosas no dorso; gradualmente mais longas, lineares e vilosas na parte superior. FLORES branco-virescente. Flores do raio muito numerosas, com corola filiforme, bilabiada no ápice. Flores do disco numerosas, com corola tubulosa pentalobada.

AQUÊNIOS suavemente comprimidos, 6-10 costados, elípticos; pubescentes, providos de tricomas geminados e alongados com glândulas esféricas. PÁPUS amarelo-virescente, do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Brasília: In campis graminosis et humidiuculis Mugy, Nov. 1833. Riedel 1720.”

Observações – Espécie próxima de *Stenachaenium campestre*, da qual pode ser separada pela maior densidade de tricomas, folhas basais mais largas, obovadas até obovado-espatuladas (vs. oblanceoladas até obovadas), e aquênios menores, com cerca de 3,5-4 mm (vs. 6-7 mm), providos de glândulas esféricas.

Nome vulgar – Sem nome vulgar conhecido.

Dados fenológicos – Floração e frutificação em dezembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (São Paulo), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

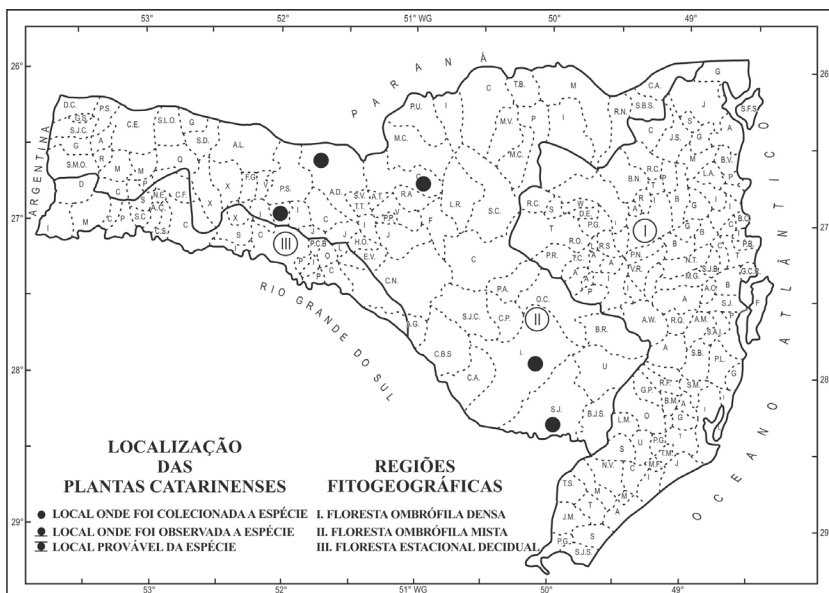
Erva perene de distribuição muito rara e esparsa, no Estado de Santa Catarina, restrita aos campos meridionais.

Espécie heliófita ocorrendo preferencialmente em campos rupestres. Encontra-se em altitudes superiores aos 900 metros acima do nível do mar.

Material estudado - SANTA CATARINA: ÁGUA DOCE: campo and bog, Campos de Palmas, near Caçador boundary, ca. 26 45' S, 51 23' W, 1000-1200 m, L. B. Smith & R. Klein 13396 (2.XII.1964), LP. CAÇADOR: 52 km west of Caçador near the eastern edge of the campos of Palmas, 1000-1200 m, L. B. Smith & R. Reitz 9120 (23.XII.1956), LP. IRANI: erva no campo rupestre, tomento amarelo-dourado, fl. brancas, L. P. Deble & A. S. de Oliveira-Deble 11838 (13-XII-2009), LP. LAGES: campo between Palmeiras and Lages, 800-900 m, L. B. Smith & R. Klein 8080 (2.XII.1956), LP. SÃO JOAQUIM: estrada São Joaquim para São José dos Ausentes, S. M. Marodin & M. R. Ritter 808, (9.XII.1994), ICN

PARANÁ: TIJUCAS DO SUL: Serra Papanduva, flor alva, 30 cm alt., E. Barbosa 810 (4-XII-2003), MBM, RB.

SÃO PAULO: SÃO PAULO: Vila Ema, A. C. Brade 12948 (XII-1933), RB.



Mapa 234 - Locais de coleta de *Stenachaenium adenanthum* Krasch. em Santa Catarina.

Área de dispersão: SANTA CATARINA até o momento coletada nos municípios de Água Doce, Caçador, Irani, Lages e São Joaquim.

BRASIL: Sul do Brasil: São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Possivelmente potencial como melífera.

2. STENACHAENIUM RIEDELI* Baker

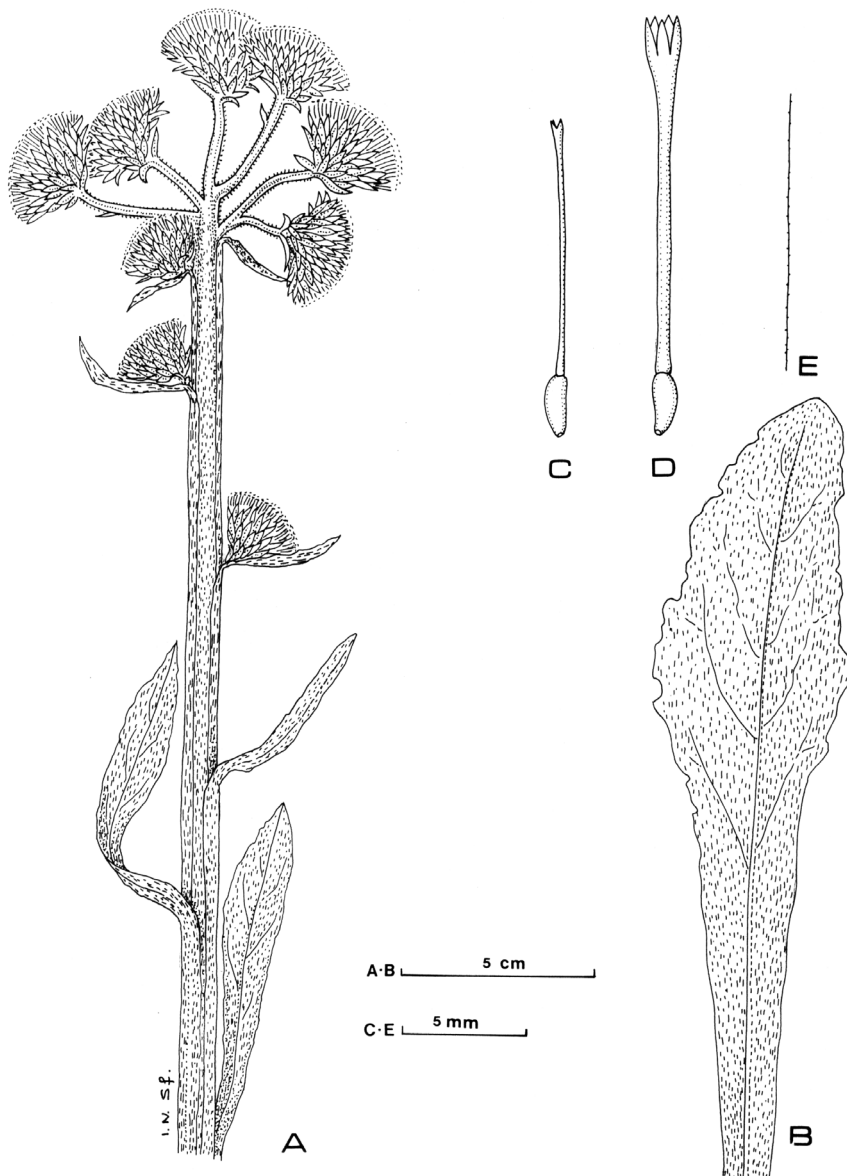
LINGUA-DE-BOI

Est. 262. Mapa 235

Baker, J. Bot. 16: 78. 1878.

ERVA perene, rizomatosa, de 0,3-1,6 m de altura. Caule ereto, robusto, alado, com alas retas ou onduladas de 3-10 mm de largura; simples ou mais comumente ramificado na parte superior; densamente hirsuto, com pelos

* Riedelii – Nome em homenagem ao Botânico alemão Ludwig Riedel (1790-1861).



Est. 262 *Stenachaenium riedelii* Baker A – Planta; B – Folha; C – Flor do raio sem pápus; D – Flor do disco sem pápus; E – Cerda do pápus (R. Klein 4290 – Original).

longos, frouxos e patentes. FOLHAS inferiores rosuladas; oblanceoladas; obtusas no ápice; atenuadas na base; desde inteiras ou ligeira e irregularmente lobuladas até crenado-serradas na margem; laxa ou densamente hirsutas, com pelos longos e frouxos; de 11-30 x 3,5-8 cm. Folhas caulinares oblanceoladas; subobtusas; decurrentes na base; serradas na margem, gradualmente menores. Folhas superiores lineares, bracteiformes.

CAPÍTULOS dispostos em panículas, as quais comumente terminam em cimeiras corimbiformes; pedúnculos densamente hirsutos. INVÓLUCRO hemisférico ou campanulado, de 1,5-2 cm de altura x 3-4 cm de diâmetro. Filárias numerosas, dispostas em 5-6 séries: as exteriores lanceoladas, acuminadas no ápice, densamente vilosas na parte superior; as interiores gradualmente mais longas e rígidas. FLORES rosado-lilases. Flores do raio: muito numerosas; corola filiforme tridentada no ápice. Flores do disco: numerosas, com corola pentadentada.

AQUÊNIOS comprimidos, 2-4-costados, elípticos e atenuados na parte superior, glabros. PÁPUS amarelo-avermelhado, do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Monte Video, in damp soil, Arechavaleta, 4029”.

Observações – *Stenachaenium riedelli* está relacionada a *S. megapota-micum*, espécie do Rio Grande do Sul e norte do Uruguai, da qual pode ser separada pelas folhas basais disposta em roseta, providas de tricomas mais longos, grisáceos.

Nome vulgar – Na Argentina “lengua de buey” (Freire *et al.*, 2005).

Dados fenológicos – Floração e frutificação de setembro até abril, tendo como predominância nos meses de outubro-novembro e fevereiro-março.

Observações ecológicas – Segundo Loeulle (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (São Paulo), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

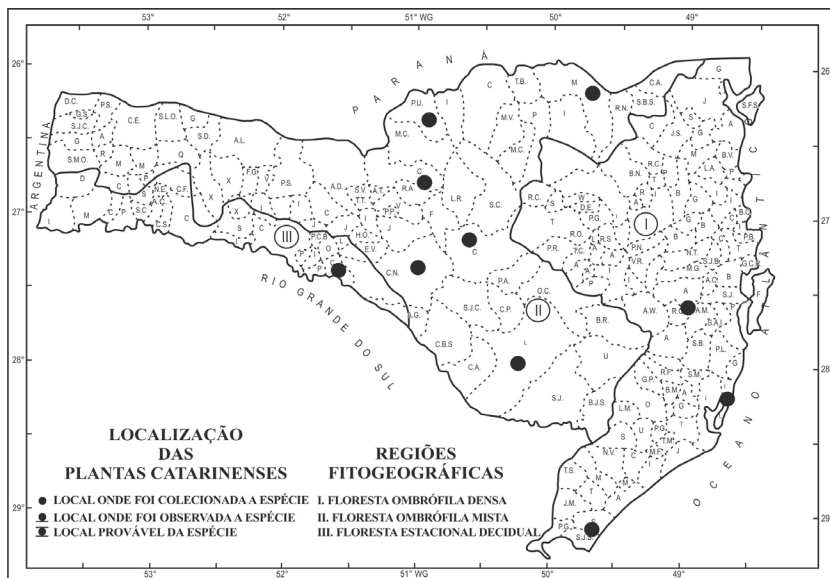
Esta erva perene tem expressiva ocorrência nos campos meridionais (Estepes) e distribuições exparsas na restinga e locais de altitude dentro da Floresta Ombrófila Densa em Santa Catarina.

Espécie heliófita sem pronunciadas afinidades por condições físicas especiais de solos. Encontra-se entre altitudes de 700 a 1000 metros acima do nível do mar e também pode ocorrer ao nível do mar, junto da vegetação litorânea da restinga.

Material estudado - SANTA CATARINA. CAÇADOR: 5 km west of Caçador, 900-1000 m, L.B. Smith & R. Klein 10883 (6.II.1957), LP; Fazenda Carneiros, campo, R. Reitz & R. Klein 12836 (22.IV.1962), LP. CAMPOS NOVOS: campo, 1000 m, R. Reitz 6405 (31.I.1963), LP; 19-20 km south of Campos Novos on the road to Anita Garibaldi,

800-900 m, L. B. Smith & R. Klein 11974 (1.III.1957), LP; campo and ruderal, 9 km east of Campos Novos on the road to Curitibanos (92 km), 800-900 m, L. B. Smith & R. Klein 11146 (9.II.1957), LP. : CAPINZAL: entrada de Capinzal, campo, 700 m, R. Klein 4290 (30.X.1963), LP CURITIBANOS: Marombas, R. Reitz & R. Klein 11802 (9.I.1962), LP. IMBITUBA: Nova Esperança, dunas costeiras, Hatschbach 41023 (13.II.1978), LP. LAGES: Morro do Pinheiro Seco, campo, 950 m, R. Reitz & R. Klein 14908 (14.IV.1963), LP; 20 km east of Índios, ruderal, 800-900 m, L. B. Smith & R. Klein 11248 (11.II.1957), LP; Passo do Socorro, campo, 900 m, R. Klein 4394 (31.X.1963), LP. MAFRA: campo, 2-4 km south of Mafra by the Estrada de Rodagem, ca. 800 m., L. B. Smith & R. Klein 10670 (2.II.1957), LP. PORTO UNIÃO: ca. 750 m, Fazenda Frei Rogério, E of PU, L. B. Smith & R. Klein 12144 (14.III.1957), LP. RANCHO QUEIMADO: Serra da Boa Vista, capoeira, R. Reitz & R. Klein 10847 (3.III.1961), LP. SOMBRIO: campo, 10 m, R. Reitz C1299 (19.IX.1945), LP.

RIO GRANDE DO SUL: PORTO ALEGRE: Morro da Glória, campo, Rambo 489 (5.X.1931), LP.



Mapa 235 - Locais de coleta de *Stenachaenium riedelii* Baker em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Caçador, Campos Novos, Capinzal, Curitibanos, Imbituba, Lages, Mafra, Porto União, Rancho Queimado e Sombrio.

BRASIL: Sul do Brasil: Paraná e Rio Grande do Sul. América do Sul subtropical: PARAGUAI, URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Com potencialidade como planta melífera.

III. TESSARIA* Ruiz & Pav.

H. López Ruiz & J. Pavón, Fl. Peruv. Prodr.: 112, tab. 24. 1794.

CABRERA, A. L. (1939). Las especies argentinas del género *Tessaria*. Lilloa **4**: 181-189. ROBINSON, H. & J. CUATRECASAS (1973). The generic limits of *Pluchea* and *Tessaria* (Inuleae, Asteraceae). Phytologia **27**: 277-285. ARIZA ESPINAR, L. (1979). Contribución al conocimiento del género *Tessaria* (Compositae). Kurtziana **12-13**: 47-62. FREIRE, S.E. (1997). Notas críticas en la tribu Inuleae (Compositae) para la Flora del Paraguay. Candollea **52**: 214-215.

CAPÍTULOS heterógamos. INVÓLUCRO turbinado ou campanulado formado por várias séries de filárias imbricadas e escariosas: as exteriores curtas e largas e as interiores lineares. RECEPTÁCULO desnudo, glabro ou piloso. FLORES dimorfas, brancas ou rosadas. Flores do raio: numerosas, femininas, com corola filiforme curtamente bilabiada no ápice e estilete profundamente bifido. Flores do disco: poucas (uma a 18), masculinas por esterilidade do ovário, com corola tubulosa larga, curta ou profundamente pentalobada. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE densamente pubescente na parte superior, apenas dividido ou indiviso no ápice.

AQUÊNIOS cilíndricos ou turbinados, glabros ou pubescentes. PÁPUS formado por numerosos pelos simples ou ásperos, unidos em um anel basal.

ÁRVORES ou arbustos resinosos. Raízes gemíferas. FOLHAS alternas, lanceoladas, com margem inteira ou ligeiramente serrada, tomentosas ou glabras (só com pelos glandulares). CAPÍTULOS pequenos, dispostos em cimeiras corimbiformes.

Espécie-tipo: *Tessaria integrifolia* Ruiz & Pav.

Área de dispersão- Gênero sul-americano com cerca de quatro espécies, das quais só *T. integrifolia* var. *ambigua*, ocorre em Santa Catarina.

Observação - *Tessaria* Ruiz & Pav. é tratado aqui no sentido de Cabrera (1939), o qual inclui em seu conceito genérico 4 espécies sul-americanas arbóreas ou arbustivas, com capítulos formados por uma a 15 flores masculinas centrais. Segundo Robinson & Cuatrecasas (1973), o gênero *Tessaria* estaria formado por uma única espécie, *T. integrifolia* Ruiz & Pav., a qual se caracteriza por seu hábito arbóreo e por ter só uma flor masculina por capítulo, com corola profundamente pentassecta; as espécies restantes, arbustivas, com mais de uma flor masculina por capítulo e corolas pentadentadas, pertenceriam ao gênero *Pluchea*, segundo estes dois autores. (Freire, 1997)

* *Tessaria* - Gênero dedicado a Louis Tessari, professor de Botânica.

1. TESSARIA INTEGRIFOLIA* VAR. AMBIGUA** (DC.) S.E. Freire

ALISO

Est. 263, Mapa 236

Freire, S.E. *Candollea* 52: 215. 1997.

Tessaria ambigua DC., Prodr. 5: 457. 1836

Tessaria absinthioides var. *ambigua* (DC.) R. E. Fr. *Ark. Bot.* 5(13): 15, 1906.

Tessaria integrifolia var. *polyandra* Cabrera, *Lilloa* 4: 189. 1939.

ARBUSTO de (0,3) 2-8 m de altura, densamente incano-tomentoso. Caules delgados com ramos escuros e glabros. FOLHAS oblanceoladas, obovadas ou elípticas, agudas ou obtusas no ápice e decurrentes em pseudopecíolo na base; desde inteiras a serradas na margem; cobertas em ambas as faces por pelos glandulares e não glandulares pluricelulares; de 5-7,5 x 0,7-1,6 cm.

CAPÍTULOS dispostos em cimeiras corimbiformes. INVÓLUCRO turbinado, de ca. 5-6 x 1,5-3,5 mm. Filárias 26-32: as interiores lineares, recurvadas e radiantes as exteriores ovadas, com pelos 1-2 celulares na margem. Receptáculo piloso. FLORES rosa pálido. Flores do raio: ca. 90, com corola filiforme, curtamente bilabiada (2+1) e glabra no ápice. Flores de disco: 3-6, com corola tubulosa de cerca de 4 mm, profundamente pentalobada, lóbulos de 2-2,5 mm, papilosos e com pelos unicelulares curtos; anteras com caudas formadas por células globosas; estilete indiviso.

AQUÊNIOS glabros. PÁPUS formado por cerdas simples na parte superior e ásperas até a base, de igual comprimento que as corolas.

Nota do editor – A mesma coleta desta planta (R. Reitz & R. Klein 186 LP) utilizada pelos autores desta obra como *Tessaria integrifolia* var. *ambigua* (DC.) S. E. Freire é citada por Loeuille (2010) como sendo *Tessaria absinthioides* (Hook. & Arn.) DC. Para os autores desta publicação *T. absinthioides* é sinônimo de *T. integrifolia*.

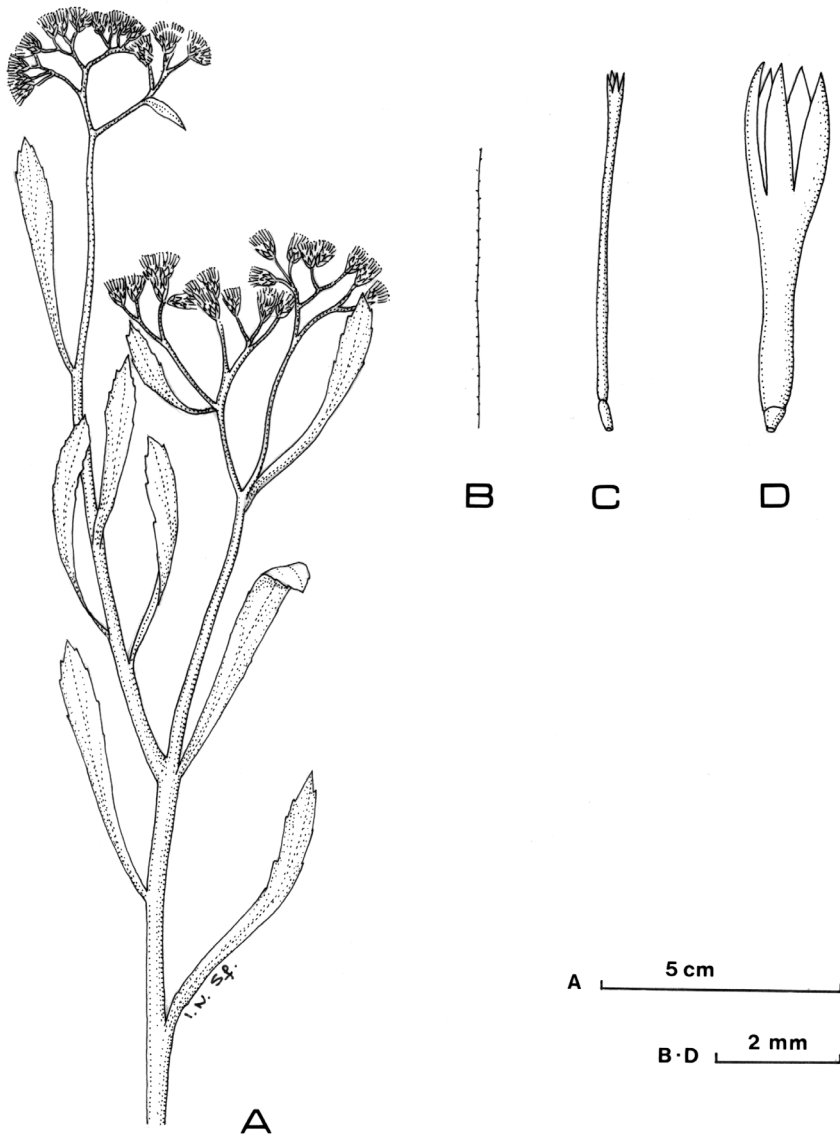
Local do tipo – “in América merid, forte in Peruvia”

Nomes vulgares – no Paraguai e na Argentina: “aliso”, “pájaro bobo”, “palo bobo” (Freire, 1998; Freire *et al.* 2005).

Dados fenológicos – Floração e frutificação de fevereiro-junho, julho-dezembro em Santa Catarina.

* Integrifolia = Relativo as folhas inteiras da espécie

** Ambigua = em referência a colocação duvidosa desta variedade.



Est. 263. *Tessaria integrifolia* var. *ambigua* (DC.) S. E. Freire . A – Ramo florífero; B – Cerda do pápus; C – Flor do raio sem pápus; D – Flor do disco sem pápus; (R. Reitz & R. Klein 186 - Original).

Observações ecológicas - As coletas feitas em Santa Catarina representam o único registro desta espécie para o Brasil.

Arbusto de distribuição muito restrita em Santa Catarina, sendo coletado apenas no Município de Laguna, sobre vegetação de restinga úmida.

Espécie possivelmente heliófita e seletiva higrófila, até o momento apenas coletada a poucos metros acima do nível do mar.

A raridade desta espécie no território brasileiro sugere um esforço de mais coletas para caracterizar o verdadeiro status de conservação desta espécie e o estabelecimento de estratégias para a sua conservação.

Material estudado - SANTA CATARINA: LAGUNA: R. Reitz & R. Klein 27 (20.IX.1951), LP; ibidem, restinga, 5 m, R. Reitz & R. Klein 186 (28.II.1952), LP.



Mapa 236 - Local de coleta de *Tessaria integrifolia* var. *ambigua* (DC.) S.E. Freire em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Até o momento apenas encontrada no município de Laguna.

BRASIL: Santa Catarina. América subtropical: BOLÍVIA, PARAGUAI, ARGENTINA (desde as Províncias de Jujuy até Chubut).

Utilidades – Sem indicação em Santa Catarina. Potencial como melífera.

4. PLUCHEA** Cass.

A.-H. de Cassini, Bull. Sci. . Soc. Philom. Paris **4(2)**: 31. 1817.

CABRERA, A. L. (1949). El nombre correcto de la Lucera. Bol. Soc. Argent. Bot. **3**: 35-36. GODFREY, R. K. (1952), *Pluchea*, section *Stylimnus*, in North America, J. Elisha Mitchel Sci. Soc. **68**: 238-271. ROBINSON H. & J. CUATRECASAS. (1973). The generic limits of *Pluchea* and *Tessaria* (*Inuleae*, *Asteraceae*), Phytologia **27**: 277-285. ARIZA ESPINAR, L. (1989). Notas sobre compuestas argentinas, Kurtziana **5**: 297-304.

CAPÍTULOS heterógamos, discóides, pequenos e pedunculados. INVÓLUCRO hemisférico ou campanulado formado por várias séries de filárias. RECEPTÁCULO desnudo, glabro ou piloso. FLORES dimorfas, brancas ou lilases. Flores do raio: plurisseriadas, femininas, com corola filiforme curtamente bilabiada no ápice e estilete exserto. Flores do disco: numerosas (25-50), masculinas por esterilidade do ovário, com corola tubulosa pentalobada. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE apenas dividido no ápice, pubescente na parte superior até mais abaixo do ponto de bifurcação.

AQUÊNIOS cilíndricos, 4-5-costados, glabros ou curtamente pubescentes. PÁPUS formado por numerosas cerdas unisseriadas, unidos em um anel basal.

ARBUSTOS, subarbustos ou ervas perenes. FOLHAS alternas, comumente decurrentes e glanduloso-pubescentes. Capítulos pequenos e pedunculados, dispostos em cimeiras corimbiformes.

Espécie-tipo: *Pluchea marilandica* (Michx.) Cass. (= *Conyza marilandica* Michx.).

Área de dispersão- Cerca de 90 espécies da América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia e África. Em Santa Catarina ocorrem três espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

- | | |
|-----------------------|---------------------------|
| 1. Caules alados | |
| 2. Folhas lanceoladas | 1. <i>P. sagittalis</i> |
| 2. Folhas ovadas | 2. <i>P. laxiflora</i> |
| 1. Caules não alados | 3. <i>P. oblongifolia</i> |

* *Pluchea* = Nome dedicado ao abade N. A. Pluche (1688 – 1761)

1. PLUCHEA SAGITTALIS* (Lam.) Cabrera

“ERVA-LUCERA”

Est. 264, Mapa 237

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. **3(1)**: 36. Est. 14. 1949.

Conyza sagittalis Lam., Encycl. **2**: 94. 1786.

Gnaphalium suaveolens Vell., Icones **8**, tab. 100. 1827 (1831).

Pluchea quitoc DC., Prodr. **5**: 450. 1836.

Epaltes brasiliensis DC., Prodr. **5**: 461. 1836.

Pluchea suaveolens (Vell.) Kuntze, Rev. gen. pl. **3 (2)**: 168. 1898.

ERVA perene de 0,4-2,5 m de altura. Caules eretos, ramosos, alados, cobertos de pelos glandulares bisseriados e com canais resiníferos. FOLHAS sésseis; lanceoladas a largamente lanceoladas; agudas no ápice; atenuadas e decurrentes na base; brevemente dentado-mucronadas a serradas na margem; cobertas em ambas as faces por pelos glandulares e não glandulares pluricelulares; de 8-15 x 0,7-4 cm.

CAPÍTULOS dispostos em cimeiras corimbiformes. Receptáculo glabro. INVÓLUCRO hemisférico de 4-7 x 7-12 mm. Filárias ca. 45, com pelos na margem que lhes conferem um aspecto ciliado, glandulosas no dorso: as interiores lineares, igualando-se em altura com as flores; as exteriores largamente ovadas, obtusas, irregulares na margem. FLORES brancas ou branco-creme. Flores do raio: ca. 500, corola filiforme curtamente bilabiada (2+1) e com pelos glandulares no ápice. Flores do disco: 30-50, corola tubulosa com pelos glandulares e ligeiramente dilatada na parte superior com curtos pelos semelhantes aos das brácteas.

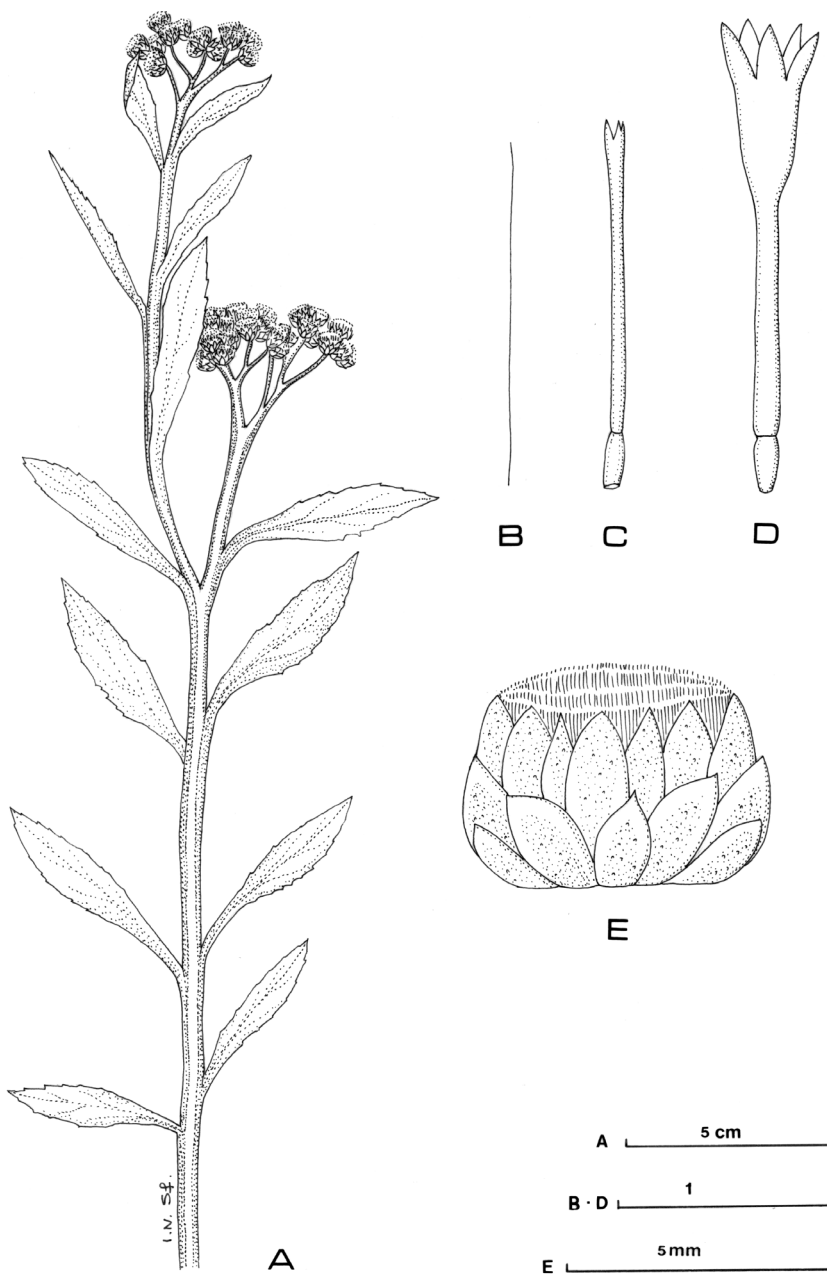
AQUÊNIOS cobertos de pelos glandulares. PÁPUS formado por numerosas cerdas simples unidas na base, ligeiramente mais curtas que a corola ou igualando-se a ela.

Local do tipo – “M. Commerson, Monte-Video”.

Nome vulgar – Na Argentina: “kitó”, “lucera”, “nasherek itaá”, “quitoco”, “uashitó lok/o/lák”, “uoué”, “yerba del lucero” (Freire *et al.*, 2005); no Paraguai: “jakare ka’a” (jakare = jacaré; ka’a = erva), “kitó”, “yerba del lucero” (Freire, 1998)

Dados fenológicos – Floração e frutificação de outubro a maio, com predominância no mês de março em Santa Catarina.

* *Sagittalis* = do latim *sagita* = sagitada. Relativo as anteras sagitadas, ausentes no gênero *Conyza*.



Est. 264 - *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera. A - Ramo florífero; B - Cerda do pápus; C - Flor do raio sem pápus; D - Flor do disco sem pápus; E - Capítulo (R. Klein 2431) - Original.)

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta planta ocorre nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos. (Pampa) nas regiões **Norte** (Amapá, Pará, Acre), **Nordeste** (Maranhão, Pernambuco, Bahia, Sergipe), **Centro-Oeste** (Goiás), **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Erva perene, em Santa Catarina, com distribuição nas áreas primárias com solos rasos como os topos de morros ou formações secundárias no estágio de capoeiras da Floresta Ombrófila Densa da Encosta Atlântica e em Restingas, onde apresenta restrita descontínua e inexpressiva dispersão.

Espécie heliófita e seletiva xerófila, encontrada preferencialmente em lugares abertos de topo de morros, clareiras de florestas, beira-de-rios, dunas, capoeiras ou pastagens. É uma espécie característica de ambientes com condições edáficas deficientes.

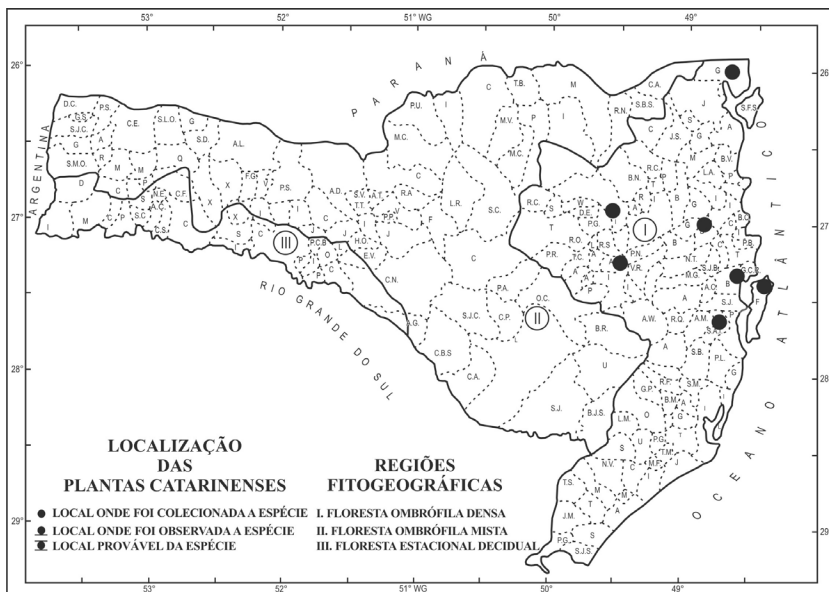
A espécie foi coletada em altitudes próximas ao nível do mar até 950 m.

Material estudado - SANTA CATARINA: BLUMENAU: Morro Spitzkopf, topo de morro, 950 m, R. Klein 2431 (11.III.1960), LP. FLORIANÓPOLIS: Canasvieiras, Ilha de Santa Catarina, dune formation, 1-5 m, L. B. Smith & R. Reitz 12271 (28.III.1957), LP; Rio Tavares, Ilha de Santa Catarina, 2 m, R. Reitz & R. Klein 301 (11.III.1953), LP. GARUVA: Três Barras, capoeira, 10 m, R. Reitz & R. Klein 5802 (21.XII.1957), LP. GOVERNADOR CELSO RAMOS: Vargem do Macário, pastagem, 5 m, A. Bresolin 390 (24.X.1971), LP. IBIRAMA: Horto Florestal, I.N.P., mata, 200 m, A. Gevieski 113 (27.I.1954), LP. LONTRAS: Salto do Pilão, beira rio, 350 m, R. Reitz & R. Klein 8655 (14.III.1959), LP. SANTO AMARO DA IMPERATRIZ: Pilões, capoeiras, 200 m, R. Reitz & R. Klein 3178 (3.V.1956), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Blumenau, Florianópolis, Garuva, Governador Celso Ramos, Ibirama, Lontras e Santo Amaro da Imperatriz.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI, NORTE E CENTRO DA ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Possivelmente com potencialidades como melífera.



Mapa 237 - Locais de coleta de *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera em Santa Catarina.

2. *PLUCHEA LAXIFLORA** Hook. & Arn. ex Baker

Est. 265, Mapa 238

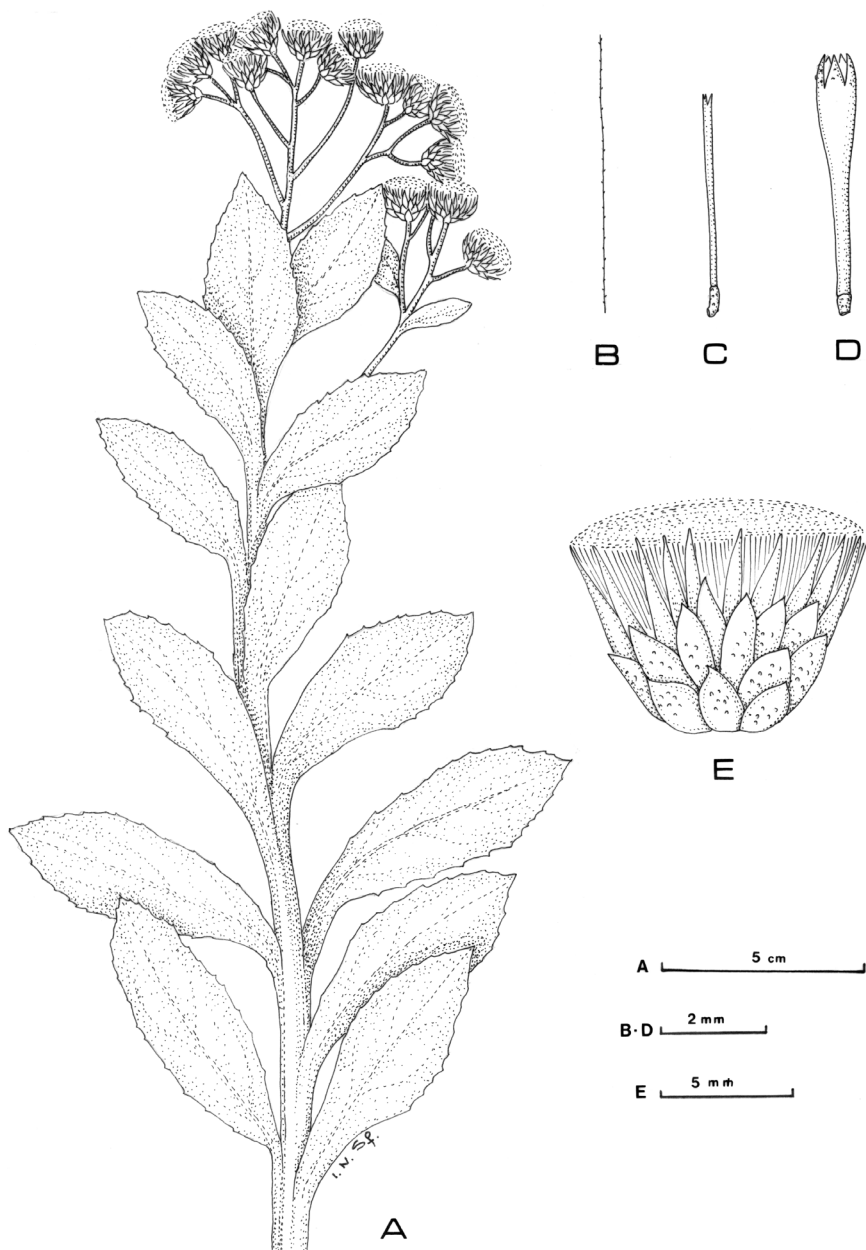
Hooker & Arnott ex Baker, In: Mart., Fl. bras. 6(3): 107. 1882.

Pluchea macrophylla Sch. Bip. ex Baker, l.c.: 107.

ERVA perene de ca. 1,5 m de altura. Caules eretos, alados, cobertos de pelos glandulares. FOLHAS sésseis; ovadas; agudas no ápice; atenuadas e decurrentes na base; dentado-mucronadas na margem; cobertas em ambas as faces por pelos glandulares; de ca. 8 x 2,5-2,6 cm.

CAPÍTULOS dispostos em laxas cimeiras corimbiformes. Receptáculo glabro. INVÓLUCRO hemisférico de 6-7 x 10-12 mm. Filárias ca. 80, glandulosas no dorso: as exteriores largamente ovadas, acuminadas; as interiores lineares, do mesmo comprimento que as flores. FLORES de cor branco-creme. Flores do raio: ca. 450, corola filiforme, curtamente bilabiada (2+1) e com pelos glandulares na parte superior. Flores do disco: ca. 17, corola tubulosa, pentabada e com pelos glandulares na parte superior.

* Laxiflora - do latim *laxus* = distante, exparso e *flora* = flor. Relativo a posição exparsa dos capítulos na inflorescência.



Est. 265 - *Pluchea laxiflora* Hook. & Arn. ex Baker A - Ramo florífero; B - Cerda do pápus; C - Flor do raio sem pápus; D - Flor do disco sem pápus; E - Capítulo (R.Klein 7156 - Original).

AQUÊNIOS cobertos de pelos glandulares. PÁPUS formado por numerosas cerdas ásperas, ligeiramente mais longas que a corola.

Local do tipo – “São Paulo, Riedel” ; “Rio Grande do Sul prope coloniam, Victoria, Tweediei” ; “praetera Sello N.2031”.

Nome vulgar – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floresce e frutifica nos meses de janeiro e fevereiro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie ocorre nas regiões Sudeste (São Paulo), Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina, esta erva perene é característica e exclusiva da região da Floresta Ombrófila Densa da Encosta Atlântica, onde apresenta larga, não obstante descontínua, irregular e pouco expressiva dispersão.

Espécie heliófita e seletiva higrófito, ocorrendo em banhados, margens de rios, orlas de florestas, capoeiras e restingas úmidas.

Material estudado - SANTA CATARINA: BRUSQUE: banhado, 35 m, R.Reitz 3350 (23.II.1950), LP. FLORIANÓPOLIS: Ilha de Santa Catarina, Morro do Ribeirão, capoeira, 100 m, R. Klein 7156 (14.II.1967), LP; PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, 5 m,



Mapa 238 - Locais de coleta de *Pluchea laxiflora* Hook. & Arn. ex Baker em Santa Catarina.

R. Reitz 5599 (5.II.1953), LP. SANTO AMARO DA IMPERATRIZ: Pilões, margem do rio, 200 m, R. Reitz & R. Klein 2774 (24.II.1956), LP. SÃO JOSÉ: Barreiros, 100 m, R. Klein & Souza Sobr. 8622 (26.II.1970), LP. SOMBRIO: Capparelli 311 (12.II.1946), LP; banhado, 10 m, R. Reitz C1407 (6.II.1946), LP; Pirão Frio, orla de mata, 10 m, R. Reitz & R. Klein 9444 (28.I.1960), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA nos municípios de Brusque, Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Sombrio.

BRASIL: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. América subtropical.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

3. PLUCHEA OBLONGIFOLIA* DC.

Est. 266, Mapa 239

De Candolle, Prodr. 5: 451. 1836.

Pluchea organensis Gardner, London J. Bot. 4:125, 1845.

ERVA perene de 0,3-0,5 m de altura. Caules eretos, cobertos de pelos glandulares. FOLHAS sésseis; oblongas a oblongo-lanceoladas; agudo-mucronadas no ápice; subcordadas na base; brevemente dentado-mucronadas na margem; cobertas em ambas as faces por pelos glandulares; de 3,5-8 x 1,2-2 cm.

CAPÍTULOS dispostos em cimeiras corimbiformes. Receptáculo glabro. INVÓLUCRO hemisférico de ca. 6 x 10 mm. Filárias ca. 35, glandulosas no dorso e acuminadas no ápice: as exteriores ovadas; as interiores lineares. FLORES brancas. Flores do raio ca. 500, corola filiforme curtamente bilabiada (2+1). Flores do disco ca. 53, corola tubulosa, pentalobada, dilatada e com pelos glandulares na parte superior.

AQUÊNIOS cobertos de tricomas glandulares. PÁPUS formado por numerosas cerdas ásperas, do mesmo comprimento que a corola.

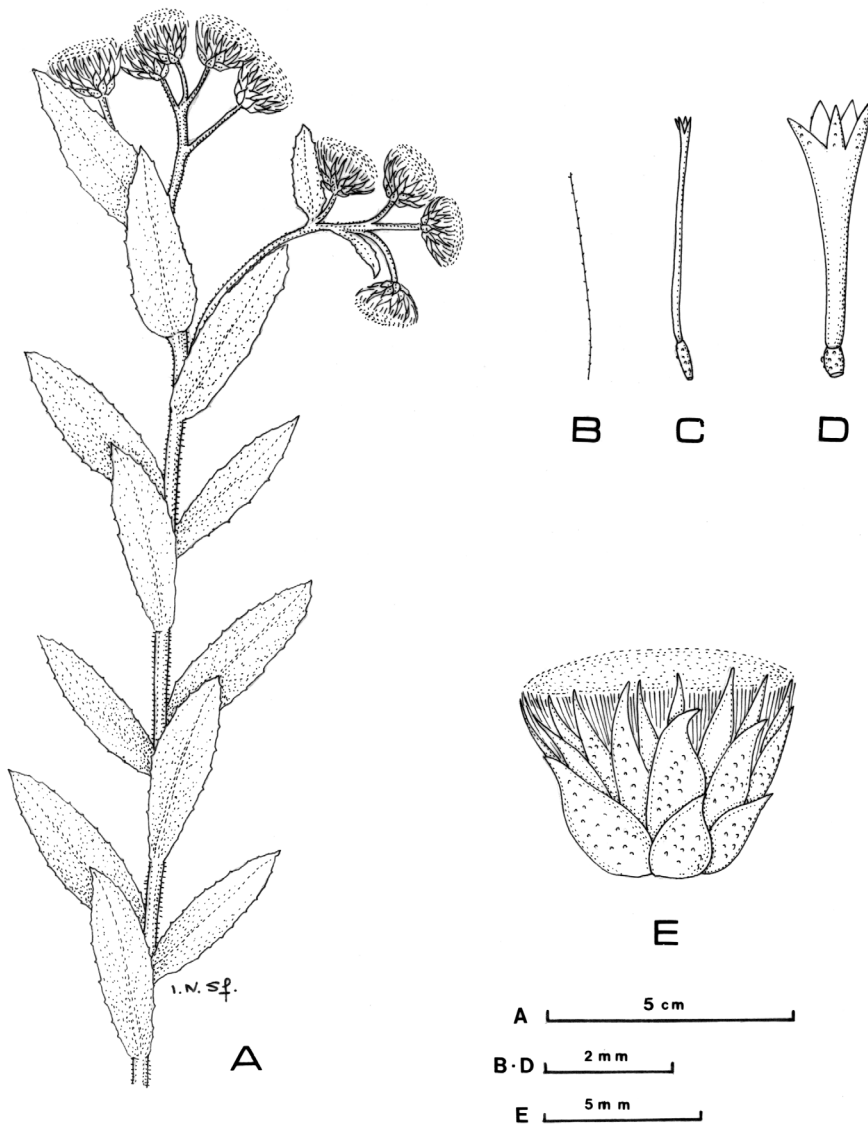
Local do tipo – “Rio-Janeiro et Bahía legit cl. Blanchet (n 71, n 72 et n 1035”, “Prou sancti-Pauli cl. Lund”.

Nome vulgar – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos – Floração e frutificação nos meses de janeiro a março em Santa Catarina.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Distrito

* *Oblongifolia* – de *oblongus* = oblongo; *folia* = folha; Relativo às folhas oblongas desta planta.

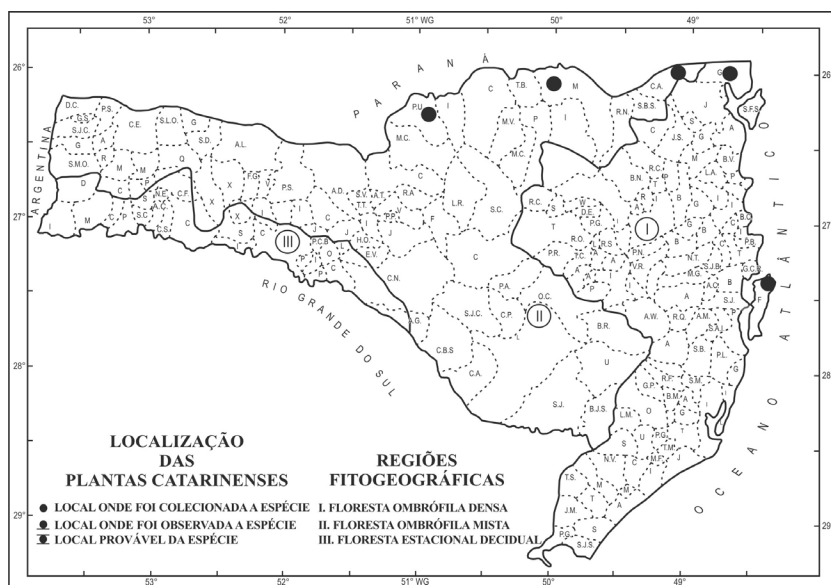


Est. 266 - *Pluchea oblongifolia* DC. A - Ramo florífero; B - Cerda do pápus; C - Flor do raio sem pápus; D - Flor do disco sem pápus; E - Capítulo (L.B. Smith & R. Klein 10736 - Original).

Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina distribui-se no planalto norte envolvendo campos úmidos com altitudes entre 800 e 1200m e de forma mais exparsa, atinge a Ilha de Santa Catarina (100m).

Material estudado - SANTA CATARINA: CAMPO ALEGRE: Morro do Campo Alegre, 1200 m, R. Reitz & R. Klein 10688 (20.I.1961), LP. FLORIANÓPOLIS: Ilha de Santa Catarina, Morro do Ribeirão, capoeira, 100 m, R. Klein 7152 (14.II.1967), LP. GARUVA: Monte Crista, campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 10909 (23.III.1961), LP. MAFRA: campo, 8 km west of Tingui on the road to Mafra (19 km), 800 m, L. B. Smith & R. Klein 12060 (11.III.1957), LP. PORTO UNIÃO: bog, Fazenda Frei Rogério, 12 km southeast of Porto União, 750 m, L. B. Smith & R. Klein 10736 (4.II.1957), LP.



Mapa 239 - Locais de coleta de *Pluchea oblongifolia* DC. em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Florianópolis, Garuva, Porto União e São Francisco do Sul.

BRASIL: Nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

5. FACELIS* Cass.

A.-H. de Cassini, Bull. Sci. Soc. Philom. Paris: 94. 1819. Anderberg, A.A. & S.E. Freire.(1991). A cladistic and biogeographic analysis of the *Lucilia* group (Asteraceae, Gnaphalieae), Bot. J. Linn. Soc. **106**: 173-198.

CAPÍTULOS heterógamos. INVÓLUCRO estreitamente campanulado formado por filárias semelhantes a folhas dispostas em 4 séries. RECEPTÁCULO plano, desnudo. FLORES dimorfas, de cor branco-creme. Flores do raio: plurisseriadas, femininas, com corola filiforme freqüentemente muito mais curta que o estilete. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa 5-lobada. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE com ramos obtusos, papilosos no dorso.

AQUÊNIOS obovados, pubescentes (com longos tricomas duplos mucilaginosos). PÁPUS formado por tricomas plumosos soldados entre si na base.

ERVAS anuais, baixas, com caules eretos ou decumbentes, simples ou ramificados desde a base. FOLHAS alternas, estreitamente lineares ou espatuladas, laxamente pubescentes na face superior e densamente lanosas na face inferior. CAPÍTULOS nas axilas das folhas superiores, formando pseudo-racemos.

Espécie-tipo: *Facelis retusa* (Lam.) Sch. Bip. (= *Gnaphalium retusum* Lam.).

Área de dispersão - Gênero sul-americano (sudeste do Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Chile, Uruguai e Argentina) com três espécies (Anderberg & Freire, 1991). Em Santa Catarina ocorre uma espécie.

1. FACELIS RETUSA** (Lam.) Sch. Bip.

MACELINHA

Est. 267, Mapa 240

Schultz Bipontinus, *Linnaea* **34**: 532. 1866.

Gnaphalium retusum Lam., *Encycl.* **2**: 758. 1788.

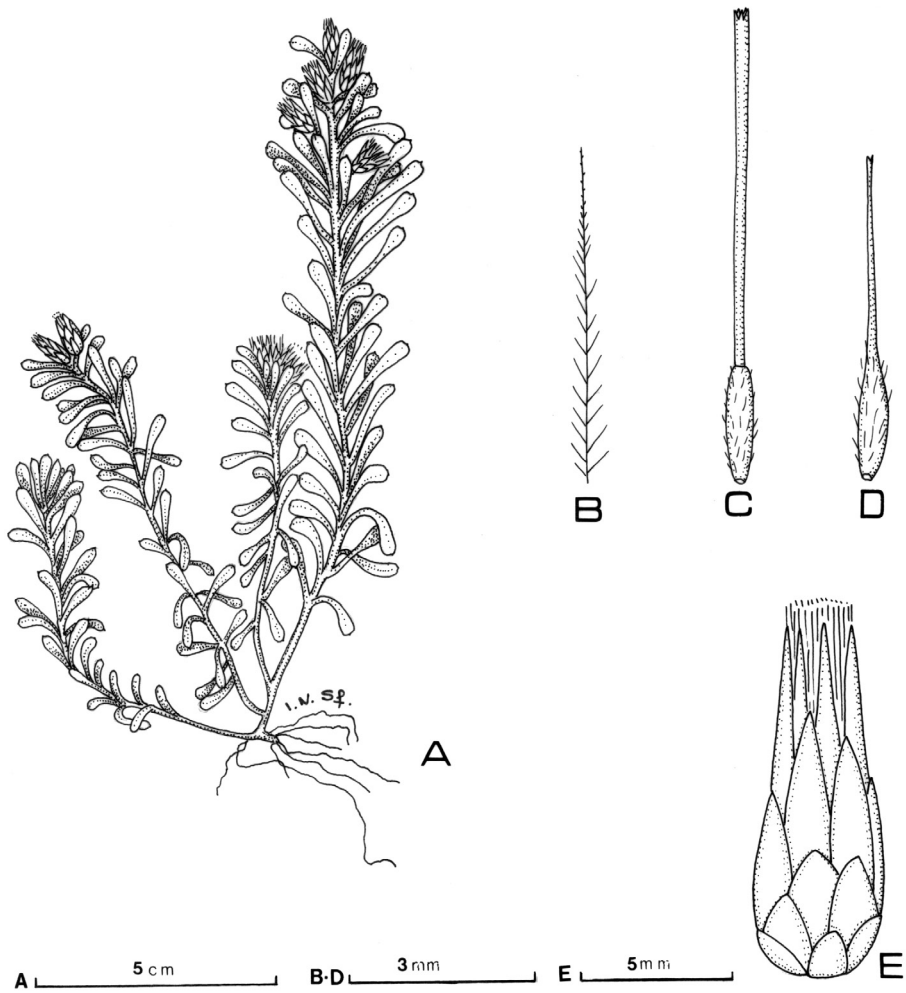
Facelis apiculata Cass., *Dict. Sci. Nat.* **16**: 104. 1820.

Helichrysum retusum (Lam.) Spreng., *Syst. veg.* **3**: 484. 1826.

Leptalea apiculata D. Don ex Hook. & Arn., *Comp. Bot. Mag.* **1**: 102. 1835.

* *Facelis* = do latim *fasces*=punhado e *lis*= pertencente a, em referência ao pápus soldado irregularmente na base.

** *Retusa* – do latim *retusus* = retuso. Relativo as folhas truncadas e com um pequeno múcron no ápice, desta planta.



Est. 267 - *Facelis retusa* (Lam.) Sch. Bip. A - Planta; B - Cerda do pápus; C - Flor do raio sem pápus; D - Flor do disco sem pápus; E - Capítulo (L. B. Smith & R. Reitz 12820 - Original).

ERVA anual de 0,1-0,5 m de altura. Caules eretos ou ascendentes, simples, lanosos e folhosos até o ápice. FOLHAS alternas; espatuladas; truncadas e com um pequeno múcron no ápice; de 10-20 x 2-4 mm.

CAPÍTULOS dispostos em pseudorracemos folhosos na parte superior do caule. INVÓLUCRO estreitamente campanulado de ca. 10 mm de altura. Filárias ca. de 20: as exteriores foliáceas, ovadas; as interiores hialinas, lanceoladas. FLORES esbranquiçadas. Flores do raio: ca. 15. Flores do disco: ca. 3.

AQUÊNIOS densamente seríceo-pubescentes. PÁPUS formado por pelos plumosos e apicalmente ásperos, mais longo que a corola.

Local do tipo – “Argentina (Buenos Aires) e Uruguay (Montevideo) Commerson”.

Nome vulgar – Annual Trampweed

Dados fenológicos - Floração: setembro-outubro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

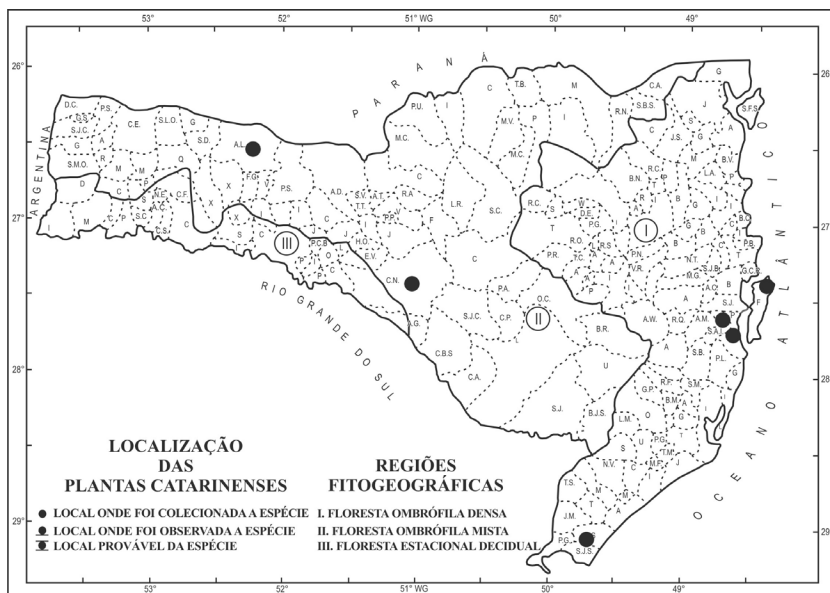
Erva anual possivelmente adaptada a solos rasos dos campos meridionais e restingas. Devido a sua plasticidade, atualmente se encontra distribuída por todas as regiões tropicais e subtropicais do globo como erva ruderal ou mesmo como invasora em plantações.

Material estudado - SANTA CATARINA: ABELARDO LUZ: low pastured woods, 12 km north of Abelardo Luz, ca. 26 32' S, 52 20' W, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Reitz 12820 (23.X.1964), LP, MO. CAMPOS NOVOS: Caxambu, Tupitinga, orla da mata, R. Klein 4236 (29.X.1963), LP. FLORIANÓPOLIS: Vargem do Bom Jesus, roça de solo arenoso, abundante com *Plantago sp.*, 10 m, R. Klein & Souza Sobr. 8749 (22.IX.1970), LP, HBR, FLOR. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, 3 m, R. Reitz & R. Klein 963 (24.IX.1953), LP. SANTO AMARO DA IMPERATRIZ: Pilões, capoeira, 200 m, R. Reitz & R. Klein 3721 (28.IX.1956), LP. SOMBRIO: campo, 10m, R. Reitz C1274 (9.X.1945), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA nos municípios de Aberlardo Luz, Campos Novos, Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Sombrio.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. PARAGUAI, URUGUAI, ARGENTINA e CHILE. Também foi introduzida na ÁFRICA DO SUL, AUSTRÁLIA e AMÉRICA DO NORTE.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.



Mapa 240 - Local de coleta de *Facelis retusa* (Lam.) Sch. Bip. em Santa Catarina.

6. CHEVREULIA* Cass.

A.-H. de Cassini, Bull. Sci. Soc. Philom. Paris: 69. 1817.

Anderberg, A. A. & S. E. Freire. (1991). A cladistic and biogeographic analysis of the *Lucilia* group (Asteraceae, Gnaphalieae), Bot. J. Linn. Soc. **106**: 173-198.

CAPÍTULOS heterógamos. **INVÓLUCRO** estreitamente campanulado, formado por 4-5 séries de filárias escariosas. **RECEPTÁCULO** plano, desnudo. **FLORES** dimorfas. Flores do raio: numerosas, femininas, com corola filiforme. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa, 5-lobada. **ANTERAS** sagitadas na base. **ESTILETE** com ramos obtusos ou truncados, papilosos no dorso.

AQUÊNIOS fusiformes prolongados em um longo rostró, pubescentes (com curtos tricomas duplos claviformes). **PÁPUS** formado por cerdas ásperas unidas na base em um anel.

ERVAS perenes, pigméias, subcespitosas. **FOLHAS** opostas e espaçadas ou rosuladas; oblongas, oblongo-lanceoladas ou espatuladas; laxamente pubescentes a glabrescentes na face superior e densamente lanosas na face inferior.

* Chevreulia - Gênero em homenagem à Eugenio Chevreul, químico francês e professor do Colegio Real de Carlos Magno.

CAPÍTULOS solitários; sésseis durante a antese, tornando-se longamente pedunculados quando maduros.

Espécie-tipo: *Chevreulia sarmentosa* (Pers.) Blake (= *Tussilago sarmentosa* Pers.).

Área de dispersão - Gênero sul-americano (sul e sudeste do Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Chile, norte e centro da Argentina e Ilhas Malvinas) com cinco espécies. Em Santa Catarina ocorrem duas espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

- 1. Folhas rosuladas; espatuladas, obtusas no ápice
1. *C. sarmentosa*
- 1. Folhas distribuídas ao longo do caule; lanceoladas, agudo-acuminadas no ápice
2. *C. acuminata*

1. CHEVREULIA SARMENTOSA* (Pers.) Blake

MARCELINHA-RASTEIRA

Est. 268, Mapa 241

Blake, Proc. Biol. Soc. Wash. **38**: 85. 1925.

Tussilago sarmentosa Pers., Syn. Pl. **2**: 456. 1807.

Gnaphalium calicinum Poir. Encycl., Suppl. **2**: 807, 1812.

Chevreulia stolonifera Cass., Dict. Sci. Nat. **8**: 516. 1817.

Leriaca espitosa Spreng., Syst. Veg. **3**: 502, 1826

Chevreulia thouarsii J. R émy, en Gay, Fl. Chil. **3**: 332, 1847.

Xeranthemum caespitosum Thouars, Fl. Tristan d'Acugna: 39. 1808.

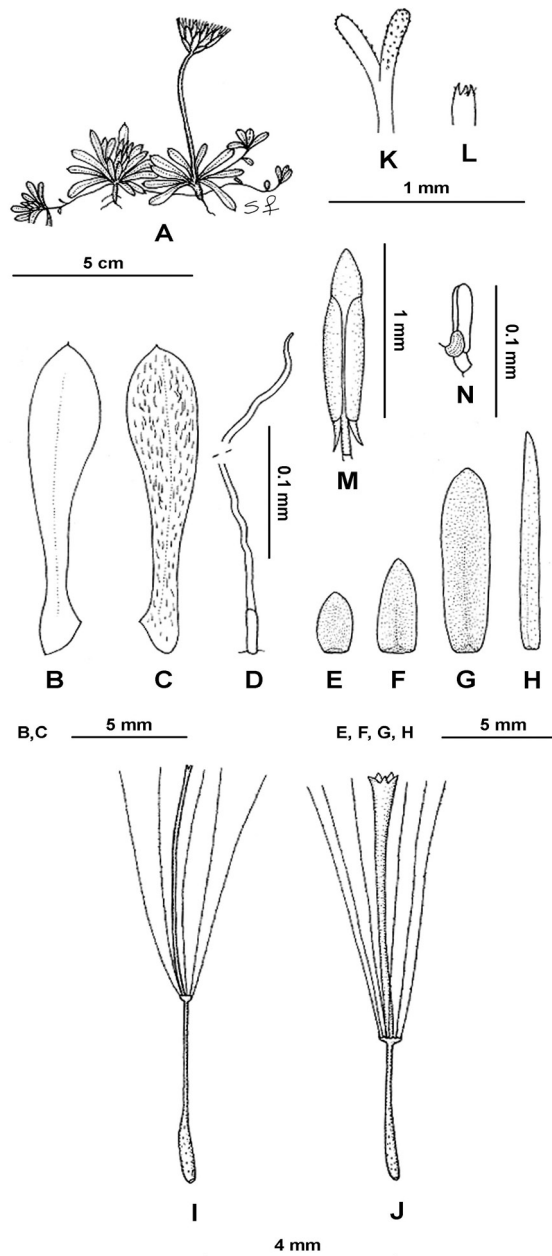
ERVA perene, pigméia, estolonífera. Caules muito breves, com folhas rosuladas. FOLHAS espatuladas; obtusas e brevemente mucronadas no ápice; discolores, face superior laxamente tomentosa ou glabrescente e face inferior densamente alvo-lanosa; de 15-20 x 3-3,5 mm.

CAPÍTULOS solitários no centro da roseta de folhas, primeiramente sésseis e na maturidade sustentados por um longo e delgado pedúnculo áfilo. INVÓLUCRO cilíndrico de ca. 10 mm de altura. Filárias ca. 22. FLORES de cor branco-creme. Flores do raio: ca. 110. Flores do disco: ca. de duas.

AQUÊNIOS fusiformes, longamente rostrados com curtos pelos duplos claviformes. PÁPUS formado por cerdas ásperas, unidas na base, do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Monte – Video, et in ins tristan d’Amguna, Aubert”.

* Sarmentosa – do latim *sarmentosus* = sarmentoso. Relativo ao carácter estolonífero da planta, lembrando um sarmento.



Est. 268 - *Chevreulia sarmentosa* (Pers.) Blake. A - Planta; B - Folha face superior; C - Folha, face inferior; D - Tricoma foliar; E-H - Filarias; I - Flor marginal; J - Flor do disco; K - Ramos do estilete da flor do disco; L - Ápice da corola da margem do capitulo; M - Antera; N - Cerda do aquênio - (Estampa retirada da Flora do Paraguai).

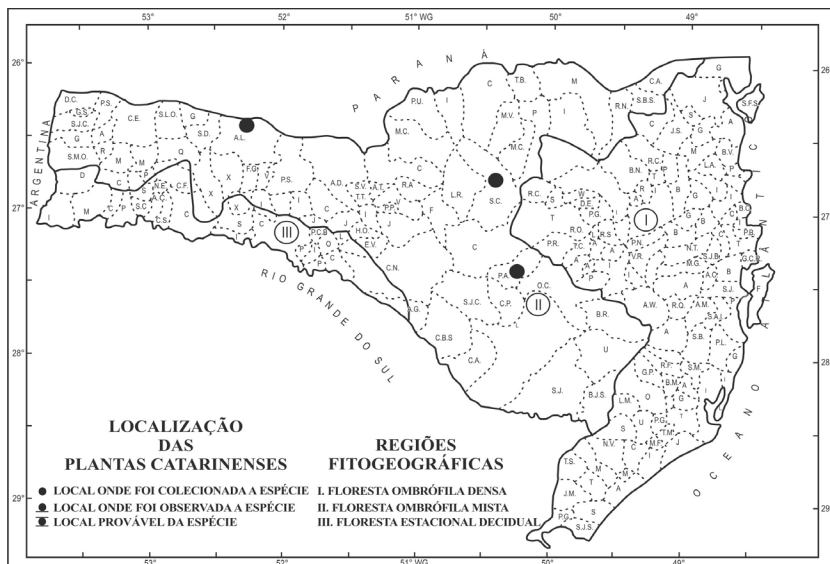
Nome vulgar – Marcelinha-rasteira. No Paraguai: “jate’i ka’a hata” (jate’i = abelha silvestre sem ferrão) [*Trigona jaty* Smith.]; ka’a = erva; hata = dura) (Freire, 1998).

Dados fenológicos - Floração: outubro (primavera).

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica na região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta espécie ocorre no planalto, envolvendo campos naturais (Estepe) em altitudes entre 900 a 1200 m.

Material estudado - SANTA CATARINA: **ABELARDO LUZ**: low pastured woods, 12 km north of Abelardo Luz, ca. 26 32’ S, 52 20’ W, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Reitz 12819 (23.X.1964), LP, MO. **PONTE ALTA**: beira de estrada, 900 m, R. Reitz & R. Klein 13349 (24.X.1962), LP. **SANTA CECÍLIA**: Campo Alto, campo seco, 1200 m, R. Reitz & R. Klein 13472 (25.X.1962), LP.



Mapa 241 - Locais de coleta de *Chevreulia sarmentosa* (Pers.) Blake em Santa Catarina.

Área de dispersão - SANTA CATARINA: Nos municípios de Abelardo Luz, Ponte Alta e Santa Cecília.

BRASIL: Sul do Brasil: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI, CHILE e ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

2. CHEVREULIA ACUMINATA* Less.

MARCELINHA

Est. 269, Mapa 242

Lessing, *Linnaea* 5: 360. 1830.

Chevreulia filiformis Hook. & Arn., *Comp. Bot. Mag.* 1: 102. 1835.

Chevreulia longipes Wedd., *Chlor. Andina* 1: 157. 1856.

Chevreulia elegans Rusby, *Bull. New York Bot. Gard.* 4(14): 389. 1907.

ERVA perene, pigméia, estolonífera. Caules filiformes, rasteiros, uniformemente folhosos; laxamente lanuginosos; densamente folhosos. FOLHAS opostas; oblongo-lanceoladas; acuminadas no ápice e atenuadas na base; lanuginosas na face superior e densamente lanosas na face inferior, de 0.8-2 x 0.3-0.4 cm.

CAPÍTULOS solitários no ápice dos caules, primeiramente sésseis e na maturidade sustentados por um longo e delgado pedúnculo áfilo. INVÓLUCRO cilíndrico de 8-10 mm de altura. Filárias ca. 22, oblongas, obtusas no ápice e laxamente lanuginosas no dorso. FLORES de cor branco-creme. Flores do raio: ca. 110. Flores do disco: ca. de duas.

AQUÊNIOS fusiformes, longamente rostrados, com curtos tricomas duplos claviformes. PÁPUS formado por cerdas ásperas, unidas na base, do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Serra dos Orgãos pr. Rio Janeiro. Jan. 1828- Sellow misit e Brasilia”.

Nomes vulgares – Marcelinha. No Paraguai: “jate’i ka’a miri” (jate’i = abelha silvestre sem ferrão) [*Trigona jaty* Smith.]; ka’a = erva; miri = pequena), (Freire, 1998).

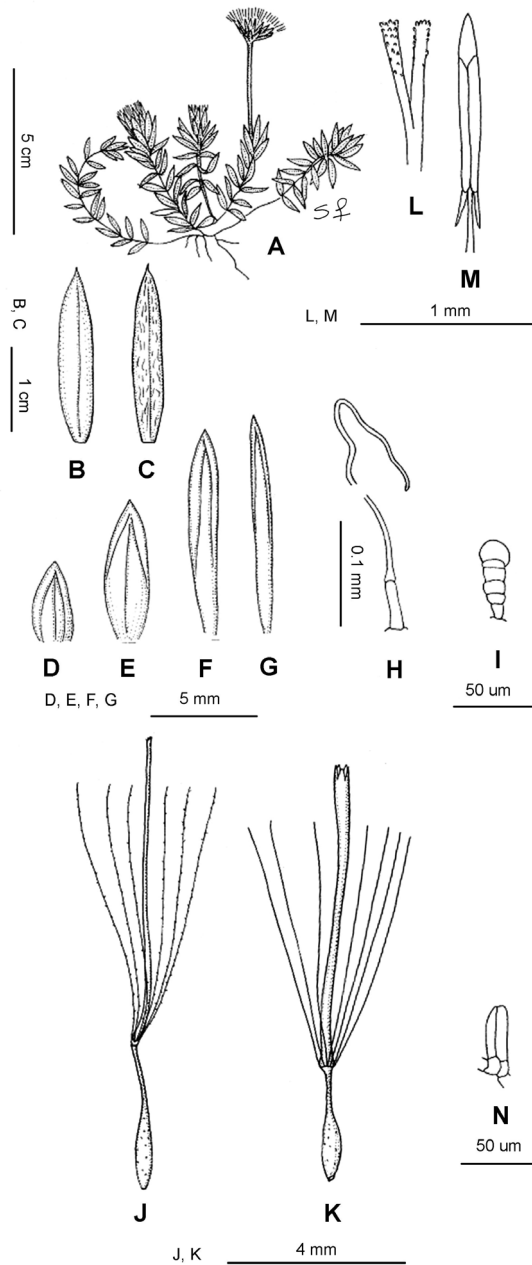
Dados fenológicos - Floração: setembro - novembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Rio Grande do Sul).

Vegeta preferencialmente em campos, em altitudes de 900-1300 m.

Material estudado - SANTA CATARINA: BOM JARDIM DA SERRA: campos en paisaje del Bosque de *Araucaria angustifolia* con Mirtáceas, a ca. 1300 m, Eskuche 1905 (12.IX.1969), LP. CAMPO ALEGRE: campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 4827 (6.IX.1957),

* *Acuminata* – do latim *acuminatus* = acuminado. Relativo a forma acuminada no ápice das folhas desta planta.



Est. 269 – *Chevreulia acuminata* Less. A – Planta; B – Folha, face superior; C – Folha, face inferior; D-G – Filarias; H – Tricoma foliar; I – Tricoma foliar glandular uniseriado; J – Flor da margem; K – Flor do disco; L – Ramos do estilete da flor do disco; M – Antera; N – Cerda do aquênio (Estampa retirada da Flora do Paraguai).

LP; campos, upper Fazenda of Ernesto Scheide, 900-1100 m, L. B. Smith & R. Reitz 7516 (9.XI.1956), LP. RANCHO QUEIMADO: Serra da Boa Vista, campo, 1000 m, R. Reitz & R. Klein 10183 (13.X.1960), LP.



Mapa 242 - Locais de coleta de *Chevreulia acuminata* Less. em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Bom Jardim da Serra, Campo Alegre e Rancho Queimado.

BRASIL – Sul e sudeste do Brasil: Nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, América do Sul. BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI, PERU e ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

VII. *ACHYROCLINE** (Less.) DC.

De Candolle, Prodr. 6: 219. 1838.

Gnaphalium subgen. *Achyrocline* Less., Syn. Comp.: 332. 1832.

Stenocline sect. *chionolepis* DC., Prodr. 6: 219. 1838.

Stenophalium Anderb., Op. Bot. 104: 141. 1991.

* *Achyrocline* – do grego *achyron* = pálea e *cline* = cama. Relativo ao receptáculo.

Giangualani, R. A. (1976). Las especies argentinas del género *Achyrocline* (Compositae). Darwiniana **20** (3-4): 549-576. Amat A. G. (1988). El uso de caracteres histofoliarens en la identificación de las especies Argentinas del género *Achyrocline* DC. (Asteraceae). Acta Farm. Bonarense **7** (2): 75-83. Deble, L. P. & Marchiori, J. N. C. (2005a). Novidades em *Achyrocline* (Less.) DC. (Asteraceae, Gnaphalieae). *Balduinia* **3**: 10-13.- Deble, L. P. & Marchiori, J. N. C. (2005b). Novas espécies de *Achyrocline* (Less.) DC. (Asteraceae, Gnaphalieae). *Balduinia* **4**: 5-9. Deble L. P. & Marchiori, J.N.C. (2005c). Redução de *Stenophalium* A. Anderb. a sinonímia de *Achyrocline* (Less.) DC. (Asteraceae-Gnaphalieae). *Balduinia* **4**: 10-19.

CAPÍTULOS homógamos ou heterógamos. INVÓLUCRO cilíndrico, formado por 3-4 séries de filárias papiráceas ou membranáceas, hialinas, amareladas, castanho-avermelhadas ou esbranquiçadas. RECEPTÁCULO plano, desnudo. FLORES geralmente dimorfas (por vezes, algumas espécies somente com flores hermafroditas), amarelas ou rosadas. Flores do raio: poucas, femininas, com corola filiforme miudamente dentada no ápice. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa estreita, pentalobada no ápice. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE com ramos truncados, de onde se eleva uma corozinha de pelos coletores.

AQUÊNIOS elipsóides, glabros ou com curtos tricomas duplos, epiderme papilosa ou lisa. PÁPUS formado por numerosas cerdas ásperas livres, ligeiramente unidos na base por meio de cílios patentes, com células apicais obtusas ou subclaviformes.

SUBARBUSTOS ou arbustos, laxa ou densamente pubescentes (com dois tipos de pelos, longos não glandulares e curtos glandulares). Caules pouco ou muito ramificados. FOLHAS alternas, simples, inteiras, sésseis; lineares, lanceoladas ou ovadas; comumente atenuadas em um pseudopecíolo e às vezes decurrentes. CAPÍTULOS pequenos, dispostos em glómérulos e estes reunidos em cimeiras corimbiformes terminais.

Espécie-tipo: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. (= *Gnaphalium satureioides* Lam.).

Área de dispersão – Cerca de 45 espécies das regiões tropicais e subtropicais da África (inclusive Madagascar) e América do Sul. Em Santa Catarina ocorrem quatro espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Folhas não decurrentes (caules sem alas)
 2. Folhas lineares até lanceoladas de 2,5-6 x 0,2-0,4 cm
 1. **A. satureioides**
 2. **A. flaccida**
 3. **A. alata**
 2. Folhas lanceoladas de 6-10(11,5) x 0,5-0,7(0,9) cm
1. Folhas decurrentes (caules com alas)

1. ACHYROCLINE SATUREIOIDES* (Lam.) DC.

“MARCELA”

Est. 270, Mapa 243

De Candolle, Prodr. 6: 220. 1838.

Gnaphalium satureioides Lam., Encycl. 2: 747. 1788.

SUBARBUSTO ramoso de 0,2-1,75 m de altura. Caules ascendentes, ramificados desde a base, densamente lanosos. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas em todo o caule; linear-lanceoladas; agudas e curtamente mucronadas no ápice; atenuadas e trinervadas na base; ligeiramente discoloras, laxamente lanosas na face superior e densamente ocráceo-lanosas na face inferior; de 2,5-5 (6) x 0,2-0,3 (0,4) cm .

CAPÍTULOS numerosos dispostos em densos glomérulos reunidos em cimeiras corimbiformes terminais. INVÓLUCRO cilíndrico de 4,5-6 mm de altura. Filárias 9-15, papiráceas, de cor estramínea, amarelo-limão ou castanho-avermelhadas, dispostas em 3-4 séries: as exteriores ovadas levemente agudas, lanuginosas e com curtos tricomas glandulares no dorso; as interiores lanceoladas, agudas, só com tricomas glandulares. FLORES amarelas, glandulosas na parte superior. Flores do raio: 3-8. Flores do disco: uma a 4.

AQUÊNIOS glabros, epiderme lisa ou delicadamente papilosa. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Uruguay, Montevideo, Commerson, 1767”.

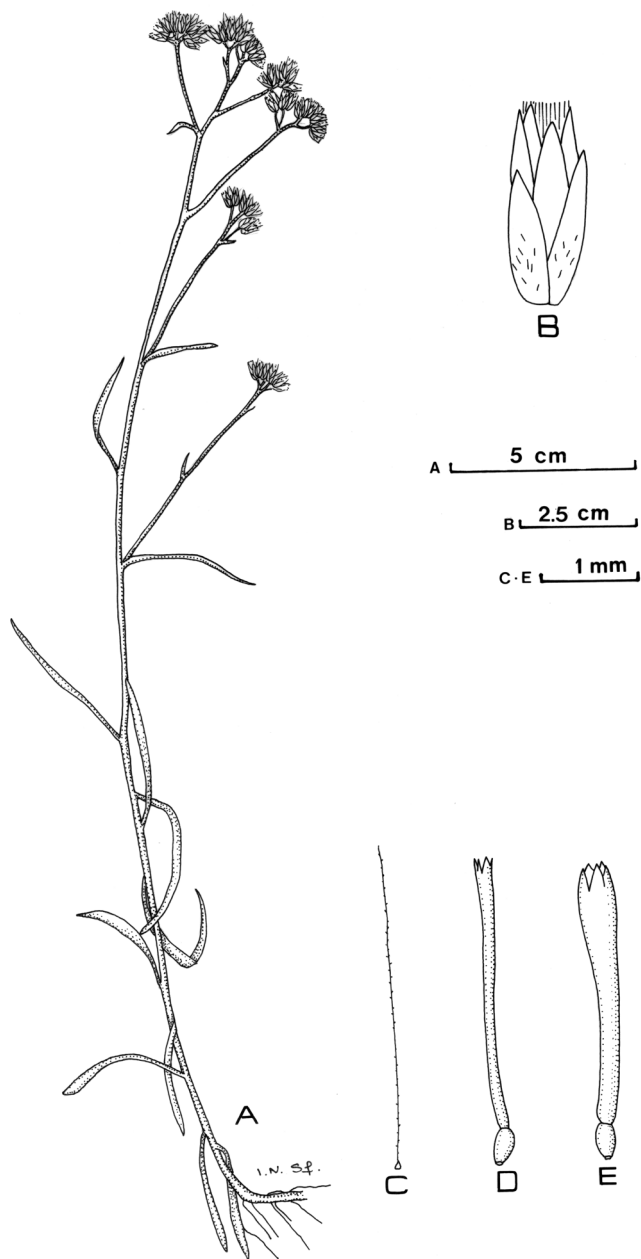
Nomes vulgares – Na Argentina: “Alquitrán”, “Marcela”, “Marcela de campo”, “Marcela hembra”, “Marcelita”, “virá-virá guazú”; no Paraguai: “jate’i ka’a estero” (jate’i = abelha silvestre sem ferrão) [*Trigona jaty* Smith.]; ka’a = erva), “marcela, manzanilla” (marcella [português] = camomila), (Freire, 1998).

Dados fenológicos - Floração: (agosto, outubro), janeiro-abril, com maior frequência durante os meses de fevereiro e março.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina ocorrem todas as formações vegetais, principalmente nas de caráter secundário como beira de estradas, bordas de capões ou terrenos abandonados. Possivelmente sua distribuição original estivesse associada aos

* *Satureioides* – de *Satureja* gênero de Lamiaceae (Dicotiledôneas) e *oides* = semelhante. Relativo à semelhança com o gênero *Satureja* (Lamiaceae).



Est. 270 – *Achyrolcline satureioides* (Lam.) DC. A – Planta; B – Cerda do pápus; C - Flor do raio sem pápus; D - Flor do disco sem pápus; E - Capítulo (R. Reitz & R. Klein 8668 – Original).

campos meridionais e as restingas, tornando-se espontânea nas formações antrópicas.

Espécie heliófita e indiferente quanto as condições do solo, evitando, no entanto, os solos higromórficos.

Ocorre desde o nível do mar até 1300 m de altitude.

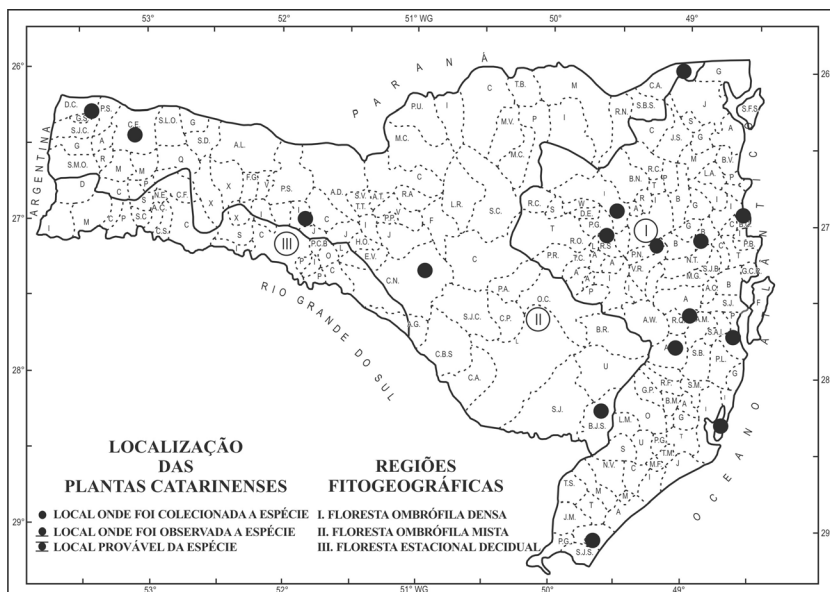
Material estudado - SANTA CATARINA: ANITÁPOLIS: capoeira, 400 m, R. Klein 459 (2.IV.1953), LP. BRUSQUE: open banks, Azambuja, ca. 27 06' S, 48 54' W, 35-135 m, L. B. Smith & R. Reitz 6238 (III.1952), LP. CAMPO ALEGRE: Fazenda Ernesto Scheide, campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 5326 (19.X.1957), LP. CAMPO ERÊ: Fazenda Campo São Vicente, campo, 900 m, R. Klein 5031 (29.II.1964), LP. CAMPOS NOVOS: Palmares, capoeira, 900 m, Reitz & Klein 14601 (11.IV.1963), LP. DIONÍSIO CERQUEIRA: ruderal, 3 km west of Rio Capetinga, between Campo Erê and Dionísio Cerqueira, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Klein 11653 (22.II.1957), LP. IBIRAMA: capoeira, 100 m, R. Klein 605 (20.X.1953), LP; Horto Florestal I.N.P., capoeira, 200 m, R. Reitz & R. Klein 3120 (13.IV.1956), LP. IRANI: banhado, 1000 m, R. Klein 4714 (27.II.1964), LP. ITAJAÍ: Praia Braba, 0-3 m, L. B. Smith & R. Klein 7302 (4.XI.1956), LP. LAGUNA: dunas litorâneas, R. Reitz & R. Klein 275 (31.VII.1952), LP. PALHOÇA: Pilões, capoeira, 200 m, R. Reitz & R. Klein 2788 (24.II.1956), LP; Campo do Maciambu, restinga, 2 m, R. Reitz & R. Klein 646 (14.V.1953), LP; ibidem, R. Reitz & R. Klein 435 (12.III.1953), LP; Campo do Maciambu, restinga, 5 m, R. Reitz 4838 (18.XII.1952) (LP). PRESIDENTE NEREU: Sabiá, capoeira, 600 m, R. Reitz & R. Klein 6349 (29.I.1958), LP. RANCHO QUEIMADO: Serra da Boa Vista, campo, 1000 m, R. Reitz & R. Klein 10822 (2.III.1961), LP; ibidem, R. Reitz & R. Klein 10985 (13.IV.1961), LP; ibidem, campo, 1300 m, R. Reitz 5459 (2.II.1953), LP. RIO DO SUL: Alto Matador, orla da mata, 400 m, R. Reitz & R. Klein 8600 (14.III.1959), LP. SANTA CECÍLIA: Campo do Areão, campo, 1200 m, R. Reitz & R. Klein 12613 (24.IV.1962), LP. BOM JARDIM DA SERRA, Serra do Oratório, campo, 1400 m, Reitz & Klein 8668 (19.III.1959), LP. SOMBRIO: nas plantações, 20 m, R. Reitz 1088 (15.III.1944), LP; no banhado, 8 m, R. Reitz C1022 (25.IV.1945), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Anitápolis, Brusque, Bom Jardim da Serra, Campo Alegre, Campo Erê, Campos Novos, Dionísio Cerqueira, Ibirama, Irani, Itajaí, Laguna, Palhoça, Presidente Nereu, Rancho Queimado, Rio do Sul, Santa Cecília e Sombrio.

BRASIL: Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Amplamente distribuída na América do Sul: VENEZUELA, COLÔMBIA, EQUADOR, PERU, BOLÍVIA, URUGUAI, PARAGUAI e ARGENTINA.

Utilidades – As plantas frescas apresentam odor forte e são comumente usadas como planta medicinal, estimulante e tônica, para prevenir indigestão e problemas hepáticos (Freire & Urtubey, 2000).

Atualmente, ainda é utilizado para a confecção de travesseiros, alegando-se contribuir para diversos males, notadamente enxaquecas e alergias.



Mapa 243 - Locais de coleta de *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. em Santa Catarina.

Dickel *et al.* (2011), em um portfólio sobre o potencial medicinal desta planta, destacam suas funções como analgésica, antidiarréica, digestiva, calmante, no combate ao colesterol e triglicéridios. Em Porto Alegre é uma das plantas comercializadas por ervateiros para emagrecimento (Dickel, 2005). Entre as atividades biológicas comprovadas se destaca a atividade antiespasmódica (Langeloh & Schenkel, 1985), antiinflamatória e analgésica em camundongos (Simões *et al.*, 1988), atividade antibacteriana (Simões *et al.*, 1998), anti-hiperglicêmica e hepatoprotetora em camundongos (Carney *et al.*, 2002, Kadarian *et al.*, 2002).

Segundo Silva *et al.* (2007) *A. satureioides* é a espécie mais estudada do ponto de vista químico. Foram encontrados flavonóides terpenóides, carotenóides, cumarinas, esteróides, sesquiterpenos, monoterpenos, dibenzofurano (achyrofurano), componentes derivados de fenilpirona, componentes derivados de tiofeno e ácido cafeico, clorogênico e isoclorogênico.

Segundo Kissmann & Groth (1997) o uso das inflorescências em travesseiros e almofadas está associado a crença de que aliviam as dores de cabeça de quem as usa. Na região Sul, por ocasião da Páscoa cozinham-se ovos junto com as inflorescências, para que a casca fique com a coloração amarelada.

Outra tradição está associada a coleta das inflorescências na sexta feira santa, antes que o dia amanheça, para que o efeito medicinal seja mais eficiente. As inflorescências coletadas antes que o dia amanheça são guardadas por todo o ano para os usos medicinais.

2. *ACHYROCLINE FLACCIDA** (Weinm.) DC.

MARCELA

Est. 271, Mapa 244

De Candolle, Prodr. 6: 220. 1838.

Gnaphalium flaccidum Weinm., Flora 3 (2): 610. 1820.

Achyrocline citrina Griseb., Symbol. fl. argent.: 187. 1879.

SUBARBUSTO ramoso de 0,8-1,5 m de altura. Caules ascendentes ou eretos, ramificados desde a base, laxamente lanosos. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas em todo o caule; lanceoladas; agudas e curtamente mucronadas no ápice; atenuadas e trinervadas na base; ligeiramente discoloradas, lanuginosas na face superior e densamente lanosas na face inferior; de 6-10(11,5) x 0,5-0,7(0,9) cm.

CAPÍTULOS numerosos dispostos em densos glomérulos reunidos em cimeiras corimbiformes terminais. INVÓLUCRO cilíndrico de 4,5-6 mm de altura. Filárias ca. 10, papiráceas, de cor amarelo-limão ou castanho-avermelhadas, dispostas em 3-4 séries: as exteriores ovado-lanceoladas, agudas, lanuginosas e com curtos tricomas glandulares no dorso; as interiores lanceoladas, agudas, só com tricomas glandulares. FLORES amarelas, glandulosas na parte superior. Flores do raio: ca. 4. Flores do disco: ca. de uma.

AQUÊNIOS glabros, epiderme papilosa. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

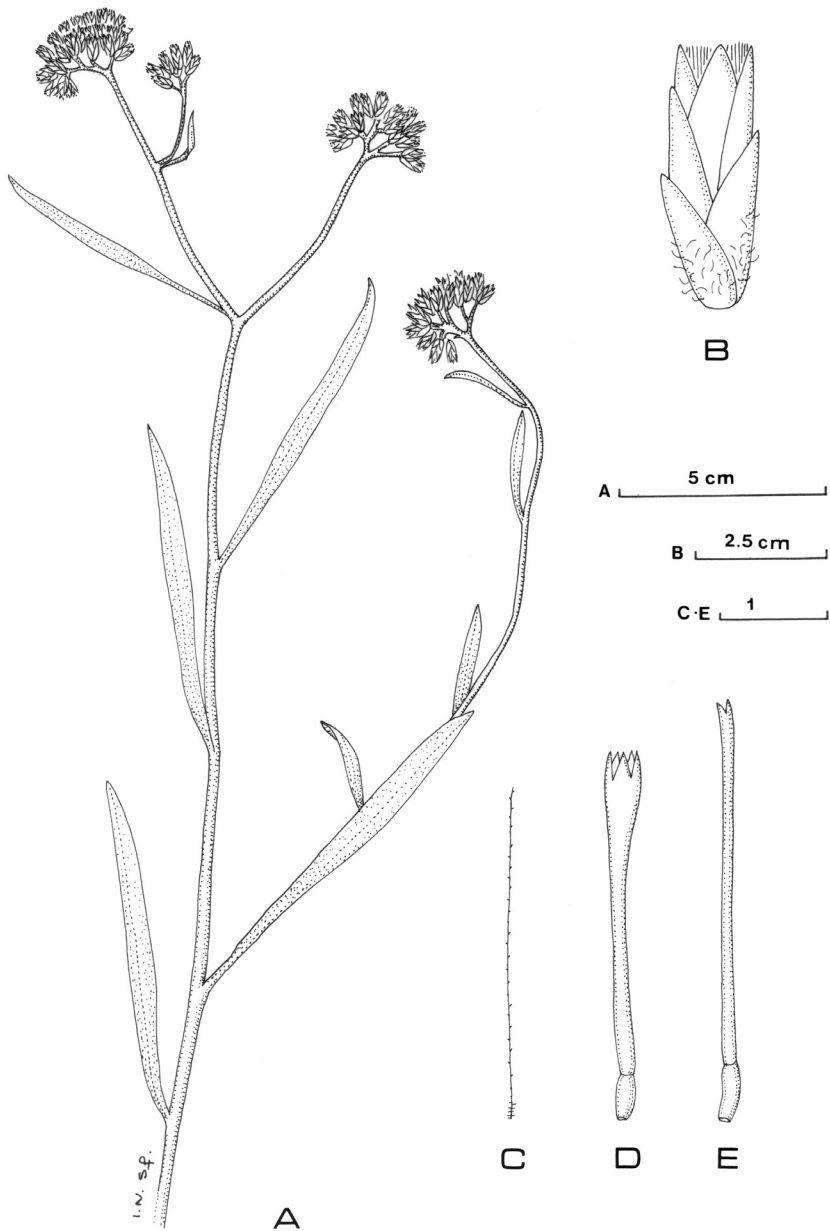
Local do tipo – “In Brasilia, D. Langsdorff”.

Nomes vulgares – Na Argentina: “falso yatei-caá”, “Marcela”, “Marcela macho”, “vira- vira”(Freire et al., 2005); no Paraguai: “marcela” (marcella [poruguês] = camomila), “vira-vira”. (Freire, 1998).

Dados fenológicos - Floração: janeiro, março-abril, junho-julho, novembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Mato Grosso,

* Flaccida – do latim *flaccidus* = frouxo. Relativo ao hábito laxamente ramificado e por suas folhas espaçadas.



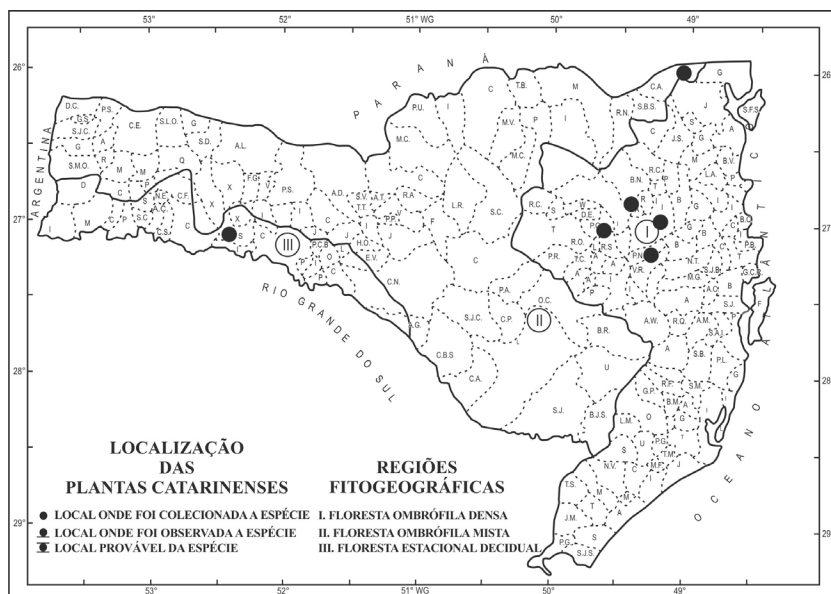
Est. 271 – *Achyrocline flaccida* (Weinm.) DC. **A** – Ramo florífero; **B** – Capítulo; **C** – Cerda do pápus; **D** - Flor do disco sem pápus; **E** – Flor do raio sem pápus (R. Reitz & R. Klein 10941 – Original).

Distrito Federal, Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina ocorre principalmente nas vegetações secundárias da Floresta Ombrófila Densa, notadamente no Alto Vale do Rio Itajaí. De forma exparsa também foi encontrada na Floresta Estacional Decidual.

Vegeta preferencialmente sobre solos arenosos. Tem sido encontrada em campos e capoeiras, desde 200 m até 1200 m de altitude.

Material estudado - SANTA CATARINA: ASCURRA: capoeira, R. Klein 513 (11.VI.1953), LP. CAMPO ALEGRE., Morro do Campo Alegre, campo, 1200 m, R. Reitz & R. Klein 10941 (24.III.1961), LP. GARUVA: Três Barras, capoeira, 10 m, Reitz & Klein 6606 (26.III.1958), LP, IBIRAMA: Horto Florestal I.N.P., capoeira, 200 m, R.Reitz & R. Klein 3118 (13.IV.1956), LP. RIO DO SUL: Alto Matador, capoeira, 500 m, R. Reitz & R. Klein 7606 (24.XI.1958), LP. SEARA: Nova Teutônia, 300-500 m, F. Plaumann 574 (24.VII.1944), LP. VIDAL RAMOS: Sabiá, capoeira, 600 m, Reitz & Klein 6349 (29.I.1958), LP.



Mapa 244 - Locais de coleta de *Achyrocline flaccida* (Weinm.) DC. em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Ascurra, Campo Alegre, Garuva, Ibirama, Rio do Sul, Seara e Vidal Ramos.

BRASIL: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Sul da América do Sul: BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI e norte da ARGENTINA.

Utilidades – Antiespasmódica, antihelmíntica, febrífuga e tônica (Freire & Urtubey, 2000).

3. *ACHYROCLINE ALATA** (Kunth) DC.

MARCELA

Est. 272, Mapa 245

De Candolle, Prodr. 6: 221. 1838.

Gnaphalium alatum Kunth, in Humb., Bonpl. & Kunth, Nov. gen. sp. 4: 79. 1820.

Achyrocline pterocaula DC., Prodr. 6: 221, 1838.

Achyrocline flavescens Griseb., Pl. lorentz.: 133. 1874.

Achyrocline argentina O. Hoffm., Linnaea 43 (2): 135. 1881.

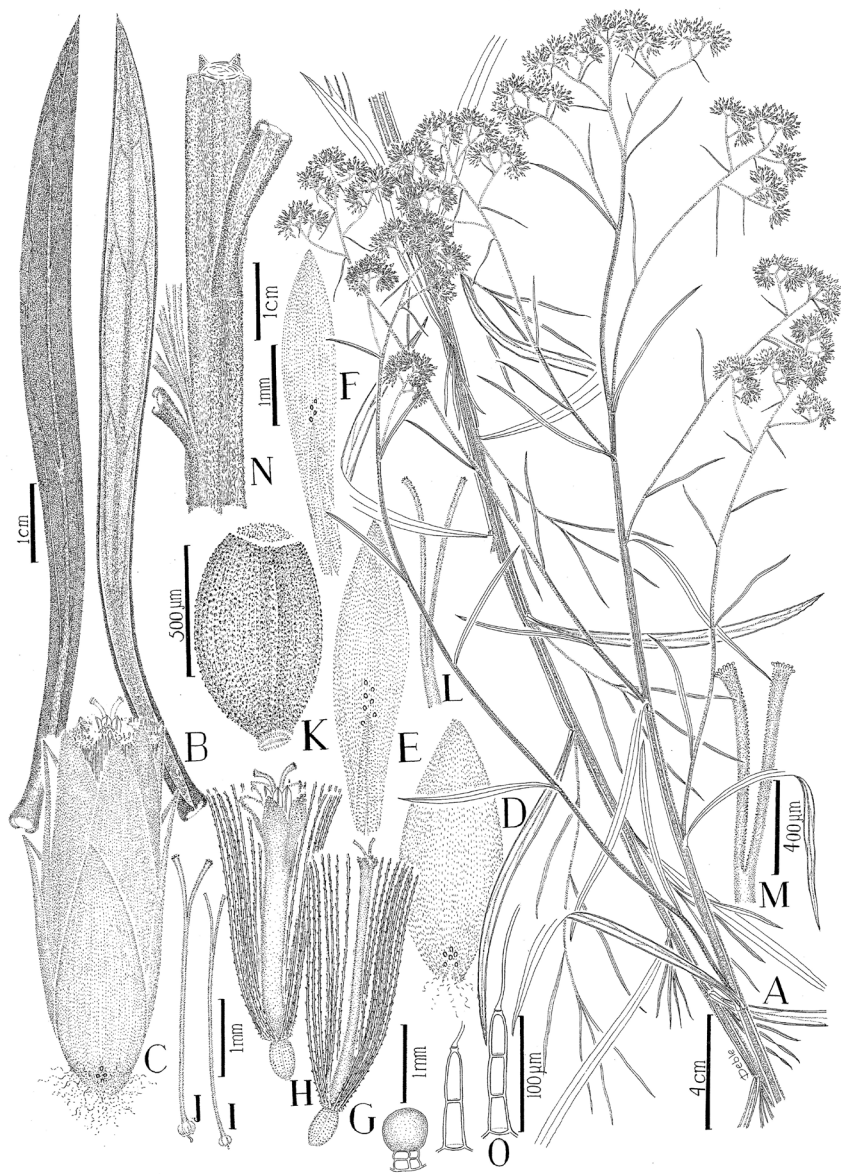
SUBARBUSTO ramoso de 0,6-2 m de altura. Caules eretos, estreitamente alados, lanuginosos, folhosos até a inflorescência. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas em todo o caule; lineares a linear-lanceoladas; agudas e curtamente mucronadas no ápice; atenuadas e trinervadas na base; ligeiramente revolutas nas margens; glandulosas e lanuginosas em ambas as faces; de 4-12 x 0,3-1 cm .

CAPÍTULOS numerosos dispostos em densos glomérulos reunidos em cimeiras corimbiformes terminais. INVÓLUCRO de ca. 5 mm de altura. Filárias 10-15, papiráceas, de cor amarelo-limão ou pardo-claro, dispostas em 3-4 séries: as exteriores ovado-lanceoladas, glandulosas e lanuginosas no dorso; as interiores lanceoladas, só glandulosas no dorso. FLORES 6-10, amarelas. Flores do raio: 5-8. Flores do disco: uma a 3.

AQUÊNIOS glabros, epiderme papilosa. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observações: *Achyrocline alata* (Kunth) DC. é tratada em sentido amplo. Deble & Marchiori (2005c) consideraram exemplares com folhas providas de tricomas flageliformes de base vítrea e 6-7 celulares como *Achyrocline glandulosa* S. F. Blake. *Achyrocline alata* é espécie polimorfa, que pode ser densamente pilosa no caule e em ambas as faces da folha e escassamente revestida de tri-

* *Alata* – do latim *alatus* = alado. Relativo ao caule alado desta espécie.



Est. 272 - *Achyrocline alata* (Kunth) DC. A - Ramo florífero; B - Folha; C - Capitulo; D - Filária externa; E - Filária interna; F - Flor do raio; G - Flor do disco; H - Flor do disco; I - Estigma da flor do raio; J - Estigma da flor do disco; K - Aquênio; L - Ápice do estigma da flor do raio; M - Ápice do estigma da flor do disco; N - Detalhe do caule; O - Tricomas (Deble & Oliveira-Deble 9018 - Original).

comas glandulares (pedunculados e não-pedunculados) até escassamente pilosa e com abundantes tricomas glandulares. Um estudo detalhado nas espécies que apresentam folhas decurrentes e caules alados é necessário para melhor compreender os limites no complexo de *Achyrocline alata* s.l..

Local do tipo – “Ecuador – Herb. HBK”. ÿ

Nomes vulgares – Na Argentina: “Marcela brasileira”, “yatehí cáá”, (Freire *et al.*, 2005); no Paraguai “jate’ï ka’a” (“jate’ï” = abelha silvestre sem ferrão, “ka’a” = erva), “jate’ï ka’a ete” (ete= verdadeiro), (Freire, 1998)

Dados fenológicos - Floração: janeiro-março, junho, outubro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Goiás, Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Vegeta preferencialmente em campos baixos, úmidos e pantanosos, entre gramíneas; em altitudes desde próximas ao nível do mar até 1200 m.

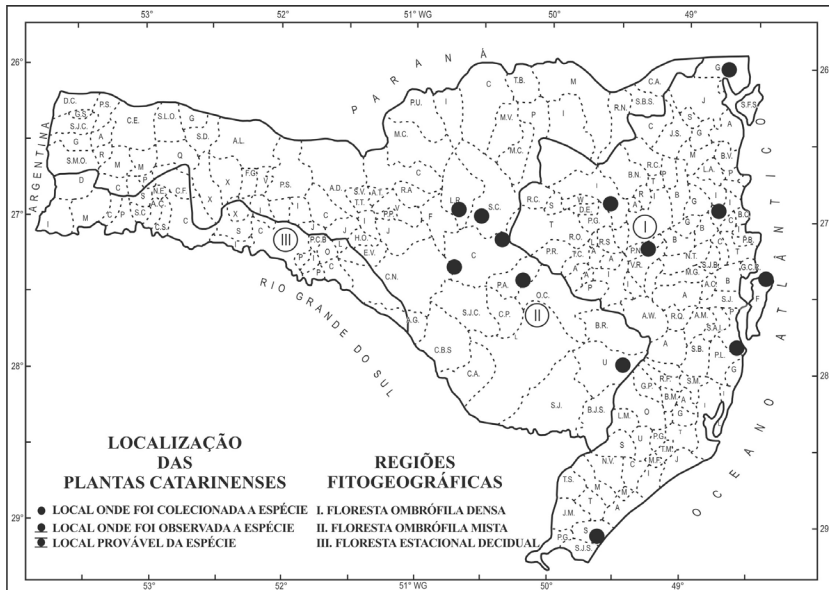
Material estudado - SANTA CATARINA: CAÇADOR: Fazenda Carneiros, campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 12833 (22.IV.1962), LP, HBR. CAMPOS NOVOS: Marombas, capoeirão, R.Reitz & R. Klein 14588 (11.IV.1963), LP. FLORIANÓPOLIS: Canasvieiras, restinga, 2 m, R. Klein, Souza Sobr. & A. Bresolin 6691 (15.II.1966), LP; Rio Vermelho, M. L. Souza & D. B. Falkenberg 722 (29.III.1984), FLOR.GARUVA: Três Barras, capoeira, 10 m, R. Reitz & R. Klein 6604 (26.III.1958), LP, HBR. IBIRAMA: Horto Forestal I.N.P., capoeira, 250 m, R. Reitz & R. Klein 1603 (1.III.1954), LP. ITAJAÍ: Cordeiros, capoeira, 5 m, R. Reitz & R. Klein 9183 (9.X.1959), LP, HBR. LEBON RÉGIS: campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 11880 (9.I.1962), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, 3 m, R. Reitz & R. Klein 345 (12.III.1953), LP. PONTE ALTA: Ponte Alta do Norte, capoeira, 900 m, R. Reitz & R. Klein 12594 (19.IV.1962), LP, HBR: Ibidem, capoeira, 900 m, R. Reitz & R. Klein 12580 (19.IV.1962), LP. PRESIDENTE NEREU: Sabiá, capoeira, 500 m, R. Reitz & R. Klein 6663 (8.IV.1958), LP. SANTA CECÍLIA: Campo do Areão, campo, 1200 m, R. Reitz & R. Klein 12610 (20.IV.1962), LP. SOMBRIO: banhado, 6 m, R. Reitz C1041 (25.IV.1945), LP; banhado, R. Reitz C517 (15.IV.1944), LP. URUBICI: Belverde, 1250m, planta com capítulos amarelos, L. P. Deble & A. S. Oliveira-Deble 9018 (10-IV-2007) MB

RIO GRANDE DO SUL: Sellow s.n. [= HIB 989], LP, R. CACHOEIRA DO SUL: Malmé (24-II-1893), R. SÃO JOSÉ DOS AUSENTES: Serra da Rocinha, “in paludosis dumetosis” B. Rambo s.n. (27-II-1946), PACA.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Caçador, Campos Novos, Florianópolis, Garuva, Ibirama, Itajaí, Lebon Régis, Palhoça, Ponte Alta, Presidente Nereu, Santa Cecília, Sombrio e Urubici.

BRASIL: Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Bahia. COLÔMBIA, PERU, EQUADOR, PARAGUAI, URUGUAI e metade norte da ARGENTINA

Utilidades – Sem indicação. Possivelmente potencial como melífera.



Mapa 245 - Locais de coleta de *Achyrocline alata* (Kunth) DC. em Santa Catarina.

7. PSEUDOGNAPHALIUM* Kirp.

M. E. Kirpichnikov, Acta Inst. Bot. Acad. Sci. S.S.S.R., ser. 1, 9: 33. 1950.

Gnaphalium L. p.p. excl. typus

Kirpichnikov, M. E. & L. A. Kuprijanova (1950). Morphological-geographical contributions to the understanding of the genera of the subtribe Gnaphaliinae (em russo). Act. Inst. Bot. Acad. Sci. URSS ser. 1 (9): 7-37. Drury, D. G. (1970). A fresh approach to the classification of the genus *Gnaphalium* with particular reference to the species present in New Zealand (Inuleae - Compositae). New Zeal. J. Bot. 8: 222-248. Hilliard, O. M. & B. L. BURTT (1981). Some generic concepts in Compositae - Gnaphaliinae. Bot. J. Linn. Soc. 82: 181-232. Anderberg, A. A. (1991). Taxonomy and phylogeny of the tribe Gnaphalieae (Asteraceae), Opera Bot. 104:146-148. Deble, L. P. & J. N. C. Marchiori Sinopse de *Pseudognaphalium* Kirp. (Asteraceae-Gnaphalieae) no Brasil, Balduina 9: 13-16. 2006.

CAPÍTULOS heterógamos. INVÓLUCRO campanulado, formado por filárias escariosas, 3-4 seriadas. RECEPTÁCULO plano, convexo ou semi-cônico, desnudo. FLORES dimorfas, amareladas, brancas ou rosadas. Flores do raio: numerosas, femininas, com corola filiforme, curtamente bilabiada no

* *Pseudognaphalium* - do grego *pseudos* = falso e *Gnaphalium* gênero das compostas onde estavam colocadas a maioria das espécies de *Pseudognaphalium*.

ápice. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa, apenas alargada, pentalobada e com pelos na parte superior. ANTERAS sagitadas na base. ESTILETE com ramos truncados no ápice, onde apresentam uma coroa de tricomas coletores.

AQUÊNIOS oblongos ou obovados, glabros ou papilosos (tricomas esparsos, duplos, curtos e globosos). PÁPUS isomorfo ou dimórfico, formado por numerosas cerdas livres ou ligeiramente unidas na base, ásperas, com cílios patentes na base. Em alguns casos, as flores do disco apresentam pápus formado por cerdas ásperas, com células apicais claviformes (pápus dimórfico).

ERVAS anuais ou perenes. FOLHAS oblanceoladas, lanceoladas ou linear-lanceoladas, atenuadas na base e às vezes decurrentes, lanosas ou glandulosas, freqüentemente discolores. Capítulos pequenos, dispostos em cimeiras corimbiformes, raramente solitários.

Espécie-tipo: *Pseudognaphalium oxyphyllum* (DC.) Kirp. (= *Gnaphalium oxyphyllum* DC.)

Área de dispersão - Gênero predominantemente americano com cerca de 95 espécies; das quais, 35 são sul-americanas. Em Santa Catarina ocorrem duas espécies.

Observações – *Pseudognaphalium* Kirp. é separado de *Gnaphalium* L. s. str., por alguns autores (e.g. Hilliard & Burtt, 1981; Anderberg, 1991; Deble & Marchiori, 2006), principalmente pelas inflorescências em panículas ou corimbos terminais (vs. pseudo-espigas folhosas), pelas brácteas involucrais monocromáticas com estereoma dividido (vs. policromáticas com estereoma inteiro), pelas flores estramíneas, virentes ou amareladas (vs. púrpuras) e pelo pápus monomórfico (vs. dimórfico), a maioria desses caracteres são consistentes, embora a presença de pápus dimórfico seja reportada para algumas espécies incluídas em *Pseudognaphalium*.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Folhas discolores (escuras na face superior e densamente alvo-lanosas na inferior)
 1. *P. gaudichaudianum*
1. Folhas concolores (gris-tomentosas em ambas as faces)
 2. *P. cheirantifolium*

1. PSEUDOGNAPHALIUM GAUDICHAUDIANUM* (DC.) Anderb.

“MARCELA-MACHO”

Est. 273, Mapa 246

A.Anderberg., Opera Bot. **104**: 147. 1991

Gnaphalium gaudichaudianum DC. Prodr. **6**: 226. 1838.

Gnaphalium gaudichaudianum DC. var. *subrufescens* DC. Prodr. **6**: 226. 1838.

Gnaphalium mendocinum Phil., Anales Univ. Chile **36**: 184. 1870.

Gnaphalium cheiranthifolium Lam. var. *gaudichaudianum* (DC.) Baker, Fl. Bras. **6** (3): 122. 1882.

Gnaphalium cheiranthifolium Lam. var. *subrufescens* (DC.) Baker, Fl. Bras. **6** (3): 122. 1882.

Pseudognaphalium austrobrasileum Deble & Marchiori, Balduinia **6**: 1. 2006

Pseudognaphalium mendocinum (Phil.) Deble & Marchiori, Balduinia **9**: 15. 2006.

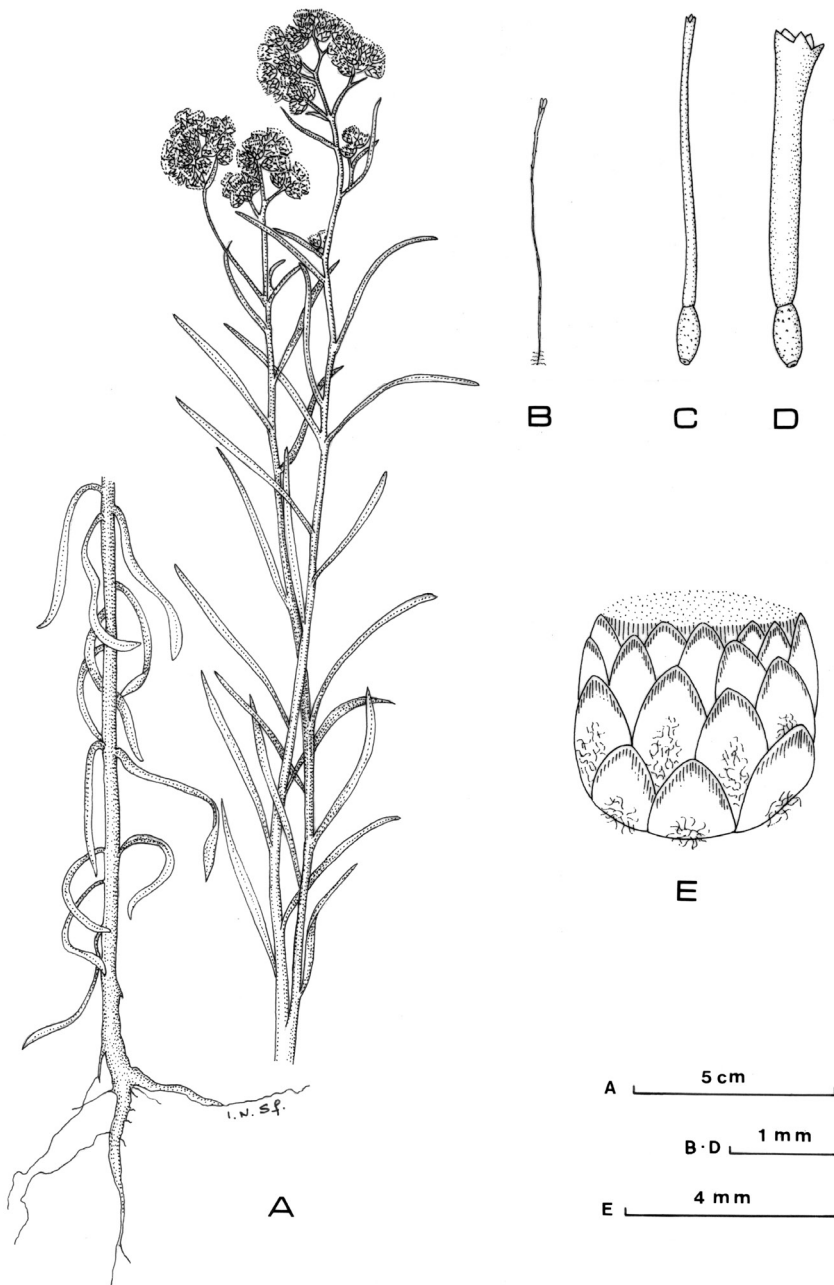
ERVA anual ou bianual de 0,3-0,6 m de altura. Caules eretos, ramosos, tomentosos. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas por todo o caule; lineares ou oblanceoladas; agudo-mucronadas no ápice; atenuadas e curtamente decurrentes na base; discolors, glanduloso-pubescentes na face superior e densamente alvo-lanosas na face inferior; de 5,5-6 x 0,3-0,5 cm.

CAPÍTULOS numerosos, dispostos em globosas cimeiras de glomérulos (pseudocéfalos) na parte superior dos caules. INVÓLUCRO hemisférico de ca. 4 mm de altura. Filárias ca. 60, papiráceas, transparentes, obtusas no ápice e com pelos no dorso, dispostas em 3-4 séries: as exteriores ovado-elípticas, as interiores oblongas a oblongo-obovadas. FLORES amarelas. Flores do raio: ca. 250. Flor do disco: 7-15.

AQUÊNIOS oblongo-elípticos, glabros, células epidérmicas com papilas imbricadas. PÁPUS ligeiramente dimórfico, formado por cerdas ásperas com células apicais claviformes (mais alargadas nas flores do disco) e cílios patentes na base; do mesmo comprimento que a corola.

Observações – *Pseudognaphalium gaudichaudianum* (DC.) Anderb. é tratado em sentido amplo. Na sinopse do gênero para o Brasil, Deble & Marchiori (2006) reconheceram *P. gaudichaudianum* e *P. mendocinum* como táxons independentes; os autores diferenciaram as espécies principalmente pela densidade de tricomas na face inferior da folha, dimensões de capítulos, aquênios e número de flores.

* *Gaudichaudianum* - Nome em homenagem a Charles Gaudichaud-Beaupré (1789-1854).



Est. 273 – *Pseudognaphalium gaudichaudianum* (DC.) Anderb. A – Planta; B – Cerda do pápus; C – Flor do raio sem pápus; D – Flor do disco sem pápus; E – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 5801 – Original).

Local do tipo – “Brezil (Rio de Janeiro) Gaudichaud”.

Nomes vulgares – marcelinha e marcela-branca.

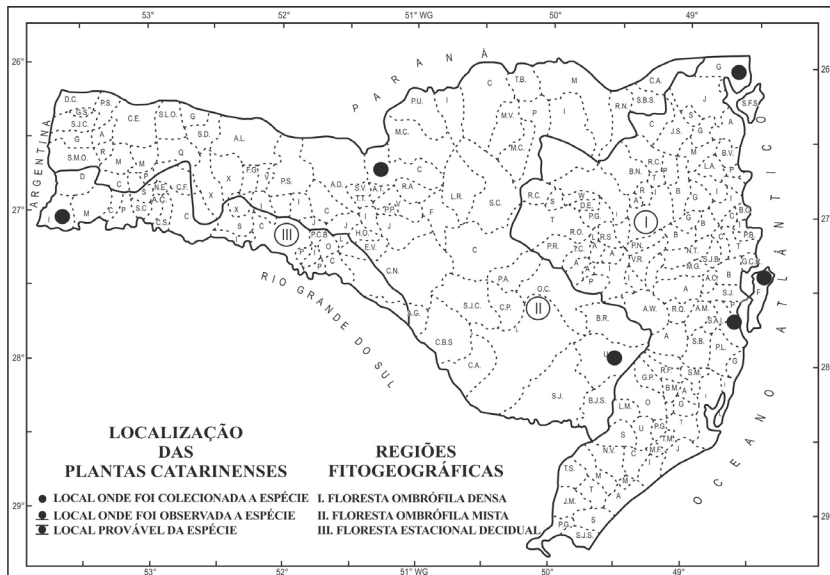
Dados fenológicos – Floração: outubro, dezembro-fevereiro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Vegeta na restinga e em capoeiras, entre 5 e 200 m de altitude; também foi encontrada ao longo de caminhos e em matas desde 250 m até 1500 m de altitude.

Material estudado - SANTA CATARINA: CAÇADOR-CURITIBANOS: ruderal, 14 km southeast of Caçador on the road to Lebon Régis (47 km), 700-900 m, L.B. Smith & R. Klein (no.?) (8.II.1957), LP. GARUVA: Três Barras, capoeira, 10 m, R. Reitz & R. Klein 5801 (21.XII.1957), LP. ITAPIRANGA: Barra do Macaco Branco, beira de estrada, 250 m, R. Reitz & R. Klein 16783 (1.I.1964), LP. PALHOÇA: restinga, 5 m, R. Reitz 5035 (22.XII.1952), LP; ibidem, R. Reitz 5511 (5.II.1953), LP. FLORIANÓPOLIS: Morro do Rio Vermelho, capoeira, 200 m, R. Klein & A. Bresolin 8061 (19.XII.1968), LP. URUBICI: Morro da Igreja, mata, 1500 m, R. Reitz 2950 (3.I.1949), LP.

URUGUAU: ruderal, Vila Rica by Rio do Peixe, ca. 27 27' S, 51 51' W, 350-400 m, L. B. Smith & R. Reitz 12920 (24.X.1964), LP.



Mapa 246 - Locais de coleta de *Pseudognaphalium gaudichaudianum* (DC.) Anderb. em Santa Catarina.

Área de dispersão - SANTA CATARINA: Nos municípios de Caçador, Garuva, Itapiranga, Palhoça, Florianópolis e Urubici.

BRASIL: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. América austral: PARAGUAI, URUGUAI, e ARGENTINA.

Utilidades – Segundo Silva *et al.* (2007), no Rio Grande do Sul, esta planta, também chamada de macelinha, é utilizada popularmente com propriedades semelhantes as de *Achyrocline satureoides*. Estudos mais detalhados (Meragelman *et al.*, 2003) encontraram diterpenos derivados do ent-pimarano junto com velutina, esqualeno e estigmosterol. Utilizada como medicinal contra transtornos digestivos e hepáticos (Freire & Urtubey, 2000).

2. PSEUDOGNAPHALIUM CHEIRANTHIFOLIUM*

(Lam.) Hilliard & Burt

“MARCELA-MACHO”

Est. 274, Mapa 247

Hilliard & B.L. Burt, Bot. J. Linn. Soc. **82** (3): 205, 1981.

Gnaphalium cheiranthifolium Lam., Encycl. **2**: 752. 1786.

Gnaphalium erectum Vellozo, Fl. Flum. **8**, tab. 98. 1831.

Gnaphalium citrinum Hook. & Arn. Bot. Beechey voy.: 31. 1830.

Gnaphalium paniculatum Colla, Mem. Reale Accad. Sci. Torino **38**: 17, tab. 26. 1835.

Gnaphalium cheiranthifolium Lam. var. *paniculatum* (Colla) Skotts., Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. **51** (9): 5. 1914.

Gnaphalium valdivianum Phil., Linnaea **29**: 6. 1858.

Gnaphalium araucanum Phil., Anales Univ. Chile **43**: 502. 1873.

Gnaphalium riedelianum Klatt, Linnaea **42**: 115. 1878.

Gnaphalium cheiranthifolium Lam. var. *riedelianum*. (Klatt) Baker, Fl. Bras. (Martius) **6** (3): 122. 1882.

Gnaphalium acutifolium Phil., Anales Univ. Chile **90**: 12. 1895.

ERVA perene, de 0,3-0,8 m de altura. Caule ereto, simples ou ramificado na parte superior; estreitamente alado; gris-tomentoso. FOLHAS espaçadas

* *Cheiranthifolium* – *Cheiranthus* gênero de Brassicaceae (Dicotiledóneas) e do latim *folium* = folhas. Relativo a semelhança das folhas com aquelas do gênero *Cheiranthus*.

uniformemente distribuídas por todo o caule; linear-lanceoladas; agudo-mucronadas no ápice; atenuadas e curtamente decurrentes na base; concolores, gris-tomentosas em ambas as faces; de 6-8 x 0,4-0,8 cm.

CAPÍTULOS numerosos, dispostos em globosas cimeiras de glomérulos (pseudocéfalos) na parte superior dos caules. INVÓLUCRO hemisférico, de ca. 4-5,5 mm de altura. Filárias amarelas ca. 50, escariosas, com tricomas no dorso, dispostas em 4-5 séries: as exteriores ovado-elípticas, agudas; as interiores linear-oblongas, obtusas. FLORES amareladas. Flores do raio: ca. 100. Flores do disco: ca. 6.

AQUÊNIOS oblongos, glabros, com células epidérmicas papilosas e imbricadas. PÁPUS formado por cerdas ásperas, claviformes na parte superior e sem cílios patentes na base; do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Uruguay, Montevideo – Commerson, may 1767”

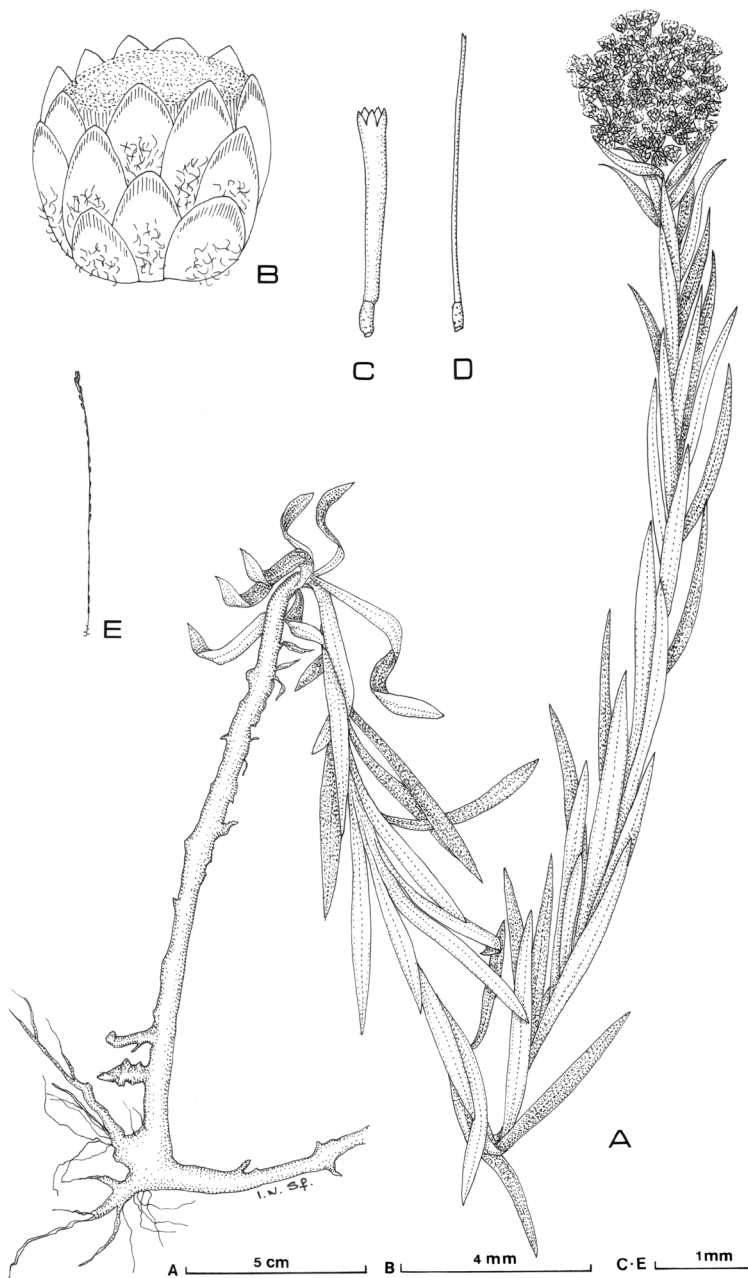
Nomes vulgares – Marcelinha, marcela-macho. Na Argentina: “huirahuirá”, “Marcela”, “Marcela macho”, “Marcelita”, “vira-vira”, “yerba de la vida” (Freire *et al.*, 2005).

Dados fenológicos: Floração: janeiro a abril.

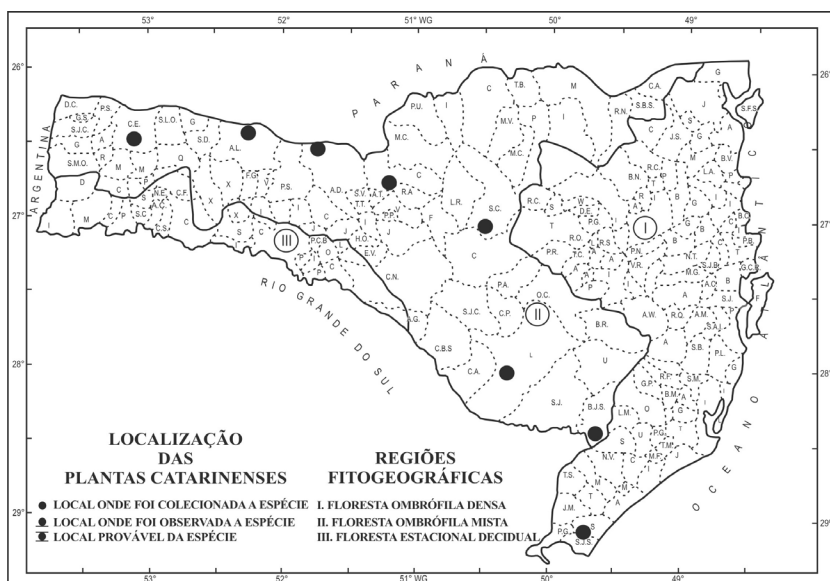
Observações ecológicas: Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Vegeta preferencialmente em caminhos e barrancos; em altitudes de 20 a 1500 m.

Material estudado - SANTA CATARINA: ABELARDO LUZ: campo, 900 m, R. Klein 4899 (28.II.1964), LP. ÁGUA DOCE: Campos of Palmas, 55 km west of Caçador, 1000-1200 m, L. B. Smith & R. Klein 11391 (18.II.1957), LP. BOM JARDIM DA SERRA: Curral Falso, campo, 1500 m, R. Reitz & R. Klein 8404 (19.II.1959), LP. CAÇADOR: ruderal, 5 km west of Caçador, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Klein 10884 (6.II.1957), LP.; Caçador-curitibanos: ruderal, 33 km southeast of Caçador on the road to Lebon Régis (47 km), L. B. Smith & R. Klein 12190 (16. III.1957), LP. CAMPO ERÊ: Fazenda Campo São Vicente, campo, 900 m, R. Klein 5004 (29.II.1964), LP. LAGES: campo, 950 m, R. Reitz & R. Klein 14883a (14.IV.1963), LP; Passo do Socorro, campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 14845 (13.IV.1963), LP. SANTA CECÍLIA: Campo do Areão, campo, R. Reitz & R. Klein 12617 (20.IV.1962), LP. SOMBRIO: Garapuvu, Vista Alegre, capoeira, 20 m, R. Reitz & R. Klein 9481 (29.I.1960), LP.



Est. 274 – *Pseudognaphalium cheiranthifolium* (Lam.) Hilliard & Burt. A – Planta; B – Capítulo; C – Flor do disco sem pápus; D – Flor do raio sem pápus E – Cerda do pápus (L. B. Smith & R. Klein 11391 – Original).



Mapa 247 - Locais de coleta de *Pseudognaphalium cheiranthifolium* (Lam.) Hilliard & Burttt em Santa Catarina.

Área de dispersão - SANTA CATARINA: Nos municípios de Aberlardo Luz, Água Doce, Bom Jardim da Serra, Caçador, Campo Erê, Lages, Santa Cecília e Sombrio.

BRASIL: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. América subtropical: **BOLÍVIA, CHILE, URUGUAI** e nordeste da **ARGENTINA**.

Utilidades – Utilizada como antitussígena, diaforética, sudorífica, depurativa e hemenagoga. Também usada para combater enfermidades da pele, como fungos, feridas e contra mordidas de cobras venenosas. (Freire & Urtubey, 2000).

IX. LUCILIA* Cass. s. str.- Anderb. & S.E. Freire

Cassini, Bull. Sci. Soc. Philom. Paris 3: 32. 1817. Anderberg & Freire, Bot. J. Linn. Soc. 106: 190. 1991.

Oligandra Less., Syn. Comp.: 124. 1832.

Pachyrhynchus DC., Prodr. 6: 255. 1838.

Lucilia Cass. sect. *Intermediae* S. E. Freire, Cladistics 3 (3): 271. 1987.

* *Lucilia* – do latim *lucidus* = brilhante, em alusão ao brilho das filárias do involúcro.

Freire, S. E. (1986). Revisión del género *Lucilia* (Compositae, Inuleae). *Darwiniana* **27(1-4)**: 431-490. Freire, S. E. (1987). A cladistic analysis of *Lucilia* Cass. (Compositae, Inuleae). *Cladistics* **3(3)**: 254-271. Freire, S. E. (1987). Nuevos sinónimos y una nueva combinación en el género *Lucilia* (Compositae, Inuleae). *Darwiniana* **28(1-4)**: 409-411. Freire, S. E. (1989). *Oligandra* Less. is *Lucilia* Cass. (Compositae, Inuleae). *Taxon* **38**: 298-299. Anderberg, A. A. & S. E. Freire. (1991). A cladistic and biogeographic analysis of the *Lucilia* group (Asteraceae, Gnaphalieae). *Bot. J. Linn. Soc.* **106**: 173-198.

CAPÍTULOS heterógamos (ocasionalmente homógamos). **INVÓLUCRO** oblongo a campanulado por expansão das filárias logo após a antese, formado por 4 séries de filárias comumente brilhantes e escariosas. **RECEPTÁCULO** plano, desnudo, alveolado. **FLORES** dimorfas, brancas. Flores do raio: em várias séries, femininas, com corola filiforme curtamente bilabiada ou ligulada no ápice. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa ciati-forme na parte superior, 5-lobada. **ANTERAS** sagitadas na base. **ESTILETE** com ramos truncados, obtusos ou agudos, com papilas no dorso não mais além do ponto de bifurcação.

AQUÊNIOS oblongos a oblongo-elípticos, seríceo-pubescentes (com longas cerdas duplas). **PÁPUS** formado por numerosos tricomas ásperos unidos irregularmente em um anel basal, com células apicais agudas ou mais raramente claviformes.

ERVAS perenes, rizomatosas, eretas, ascendentes, lanosas ou tomentosas. **FOLHAS** subdeccussadas; ovadas ou linear-ovadas, raramente obovadas; base atenuada e adpressa ao caule, agudas ou acuminadas, ocasionalmente obtusas com um pequeno múcron no ápice. **CAPÍTULOS** dispostos em inflorescências frondosas (pseudopanículas ou pseudo-racemos).

Espécie-tipo: *Lucilia acutifolia* (Poir.) Cass. (= *Serratula acutifolia* Poir.).

Área de dispersão - Gênero sul-americano com oito espécies (ao longo dos Andes na Bolívia, Argentina e Chile, e no sudeste do Brasil, de onde se estende ao Uruguai, Paraguai e nordeste da Argentina). Em Santa Catarina ocorrem quatro espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Folhas adpressas ao caule
1. *L. lycopodioides*
1. Folhas não adpressas ao caule
 2. Folhas discolores, face superior glabrescente e escura, face inferior lanosa e clara
2. *L. linearifolia*
 2. Folhas concolores, lanosas em ambas as faces ou lanuginosas em uma face e lanosas na outra.

3. Folhas com lanosidade prateada e adpressa. Lâmina das brácteas internas branco-creme

3. *L. nitens*

3. Folhas com lanosidade não prateada e nem adpressa. Lâmina das brácteas internas de cor castanha ou parda

4. *L. acutifolia*

1. *LUCILIA LYCOPODIOIDES** (Less.) S.E. Freire

Est. 275, Mapa 248

Freire, Taxon **38**: 298. 1989.

Oligandra lycopodioides Less., Syn. gen. Compos.: 124. 1832.

Oligandra lucilioides Less., loc. cit.: 124.

Hymenopholis imbricata Gardner, London J. Bot. **7**: 88. 1848.

Lucilia flagelliformis Wedd., Chlor. andina **1**: 157, Tab. 26D. 1856.

Lucilia glomerata Baker, In: Mart., Fl. Bras. **6(3)**: 114. 1882.

ERVA ereta de 0,2-0,6 m de altura. FOLHAS adpressas ao caule, estreitamente triangulares; face superior lanosa, face inferior lanuginosa; de 2-17 x 0,8-3 mm.

CAPÍTULOS heterógamos, ocasionalmente homógamos. Filárias 16-32: as exteriores ovadas, as interiores gradualmente mais longas, oblongo-ovadas, com lâmina branca ou parda. FLORES brancas. Flores do raio 12-27. Flores do disco 3-6, ramos do estilete agudos.

AQUÊNIOS oblongos ou oblongo-elípticos. PÁPUS escabroso, comumente com células claviformes no ápice e unidos em um anel basal.

Local do tipo – “Sellow in Brasilia” Provavelmente destruído.

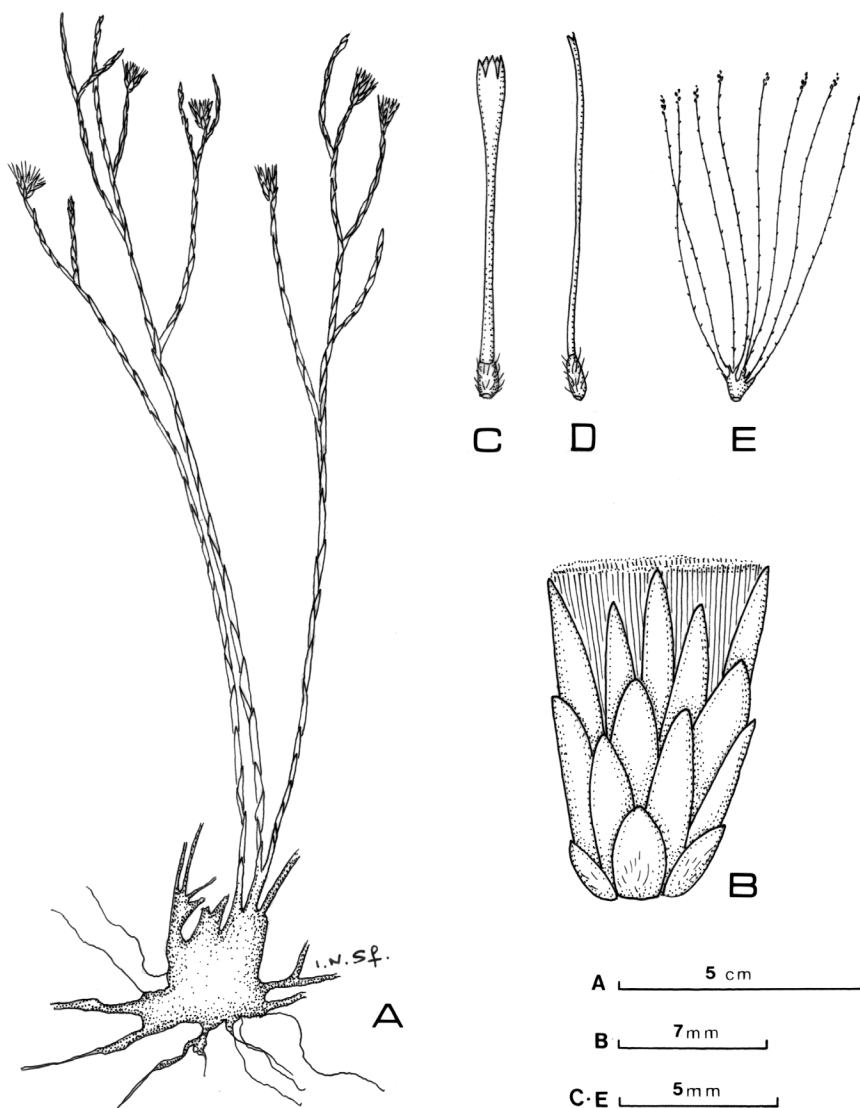
Neotipo: “Brasil”, Santa Catarina, Lages, Morro Pinheiro Seco, 3 km east of Lages, campo, 900-950 m, L. B. Smith & R. Reitz 10038 (15.I.1957), LP, US (neotypus).

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: setembro, dezembro-janeiro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Centro-Oeste** (Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina).

* *Lycopodioides* – de *Lycopodium* - gênero de Lycopodiaceae (Pteridófito) e oides = semelhante; Relativo ao aspecto semelhante ao *Lycopodium*.



Est. 275 – *Lucilia lycopodioides* (Less.) S.E. Freire A – Planta; B – Capítulo; C – Flor do disco sem pápus; D – Flor do raio sem pápus E – Pápus (L. B. Smith & R. Reitz 10038 – Original).

Esta espécie ocorre em campos secos e rochosos, e foi descrito para esta espécie a existência de uma estrutura subterrânea mista (sistema bipolar caulinar com raízes), denominada rizóforo, que constitui unidades de propagação vegetativa, caso haja fragmentação do sistema subterrâneo (Hayashi & Appezzato-da-Glória 2003).

Segundo Capucho (2008), rizóforos podem ser confundidos com rizomas e outros sistemas subterrâneos encontrados em plantas de Cerrado, mas, até o momento, são as únicas estruturas que, quando fragmentadas, são capazes de produzir novos indivíduos. Trata-se de um sistema bipolar de ramificação que consiste em uma estrutura caulinar com geotropismo negativo, formado a partir do desenvolvimento da plúmula, e outra com geotropismo positivo, formado a partir do desenvolvimento das gemas cotiledonares. Tal sistema é responsável pela distribuição das plantas de *Lucilia lycopodioides* em touceiras, produzindo indivíduos clonais.

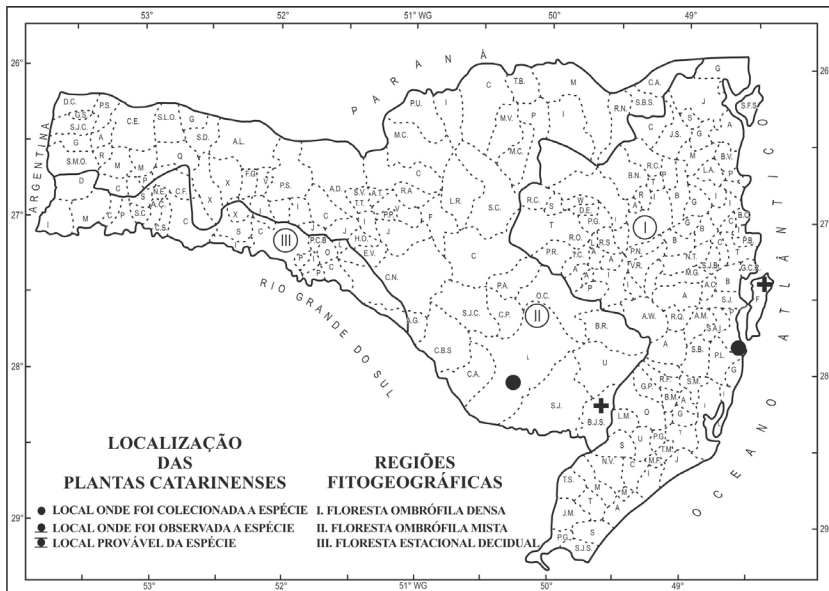
Capucho (2008) estudou as estruturas florais desta espécie, sugerindo que seja provável que as anomalias observadas nos órgãos florais, tanto em relação ao número por verticilo quanto à produção de gametófitos masculinos e de embriões, sugerem que as populações estudadas estão em processo de depressão endogâmica, causada por prováveis cruzamento entre indivíduos clonais e ausência de polinizadores. Esta autora conclui que a espécie apresenta Ginodioícia - estável, ou seja, há separação de indivíduos com flores perfeitas e outros com flores pistiladas. Os problemas endogâmicos desta espécie, são de certa forma, contornados ou acentua a função da propagação vegetativa através dos rizóforos.

Em Santa Catarina esta espécie tem distribuição disjunta, ocorrendo nas tipologias vegetais (campos de altitude e restinga) que justificam a presença dos caules subterrâneos. Todos os registros dos campos meridionais indicam sua ocorrência sobre campos rochosos. As altitudes variam de 5 a 950 m.

A raridade desta espécie sugere um esforço de coleta no sentido de caracterizar melhor seu estado de conservação, necessitando, possivelmente, entrar na lista das espécies ameaçadas de extinção de Santa Catarina.

Material estudado - SANTA CATARINA: LAGES: campo rochoso, R. Reitz 4686 (26.I.1952), LP; Morro Pinheiro Seco, 3 km east of Lages, campo, 900-950 m, L. B. Smith & R. Reitz 10038 (15.I.1957), LP, US (neotypus); ibidem., campo seco, 950 m, R. Reitz & R. Klein 16315 (15.IX.1963), LP; ibidem, sobre rochas, campo, 950 m, R. Reitz & R. Klein 14071 (18.XII.1962), LP; in rupestribus dumetosis, B. Rambo 49607 (10.I.1950), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, 5 m, R. Reitz 4840 (18.XII.1952), LP.

Área de dispersão - SANTA CATARINA: Nos municípios de Lages e Palhoça.



Mapa 248 - Locais de coleta de *Lucilia lycopodioides* (Less.) S.E. Freire ● e *Lucilia linearifolia* + Baker em Santa Catarina.

BRASIL: Distribuída nos Estados de Santa Catarina, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Na América do Sul BOLÍVIA e ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

2. LUCILIA LINEARIFOLIA* Baker

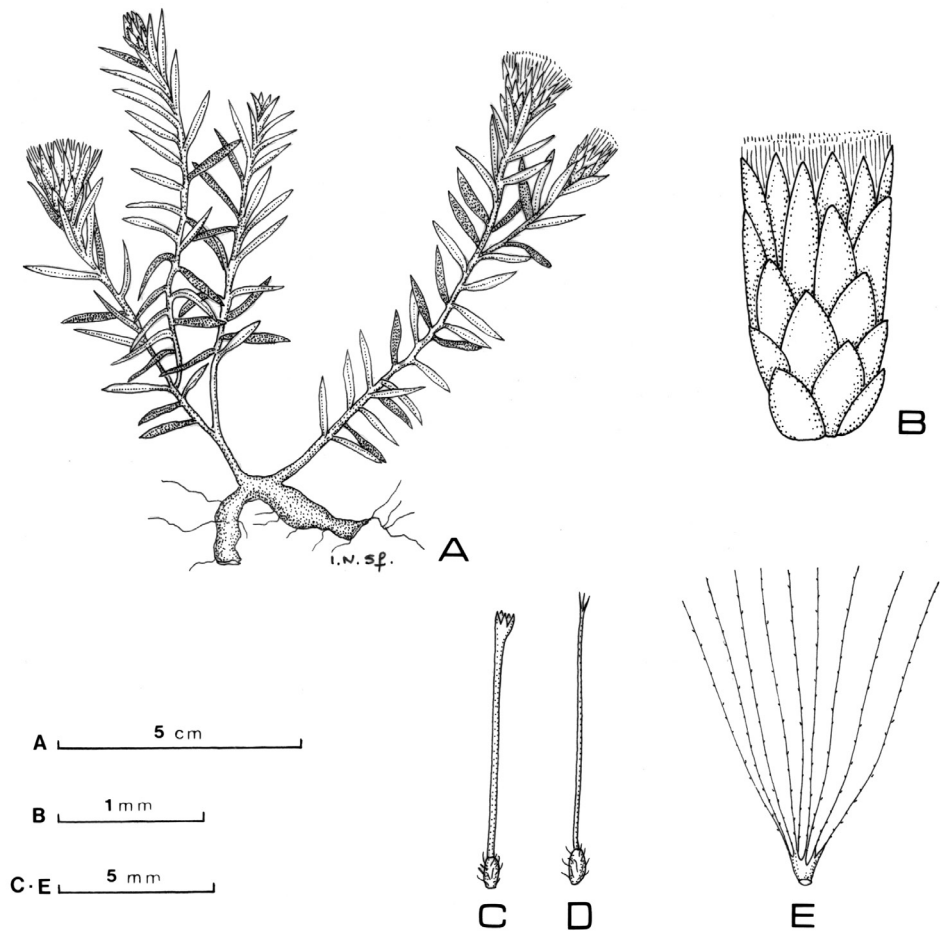
Est. 276, Mapa 248

Baker, In: Mart., Fl. bras. 6(3): 114. 1882.

ERVA ereta de 0,1-0,2 m de altura. FOLHAS divergentes; estreitamente ovadas, agudas; face superior glabrescente e escura, face inferior coberta por uma lâ branco-prateada; de 12-25 x 1,5-2 mm.

CAPÍTULOS dispostos em inflorescências frondosas (pseudopanículas ou pseudo-racemos). Filárias 22-45: as exteriores ovadas, as interiores gradual-

* Linearifolia – do latim *linearis* = linear e *folia* = folha. Relativo as folhas estreitamente ovadas desta espécie.



Est. 276 – *Lucilia linearifolia* Baker. A – Planta; B – Capítulo; C – Flor do disco sem pápus; D – Flor do raio sem pápus; E – Pápus (R. Reitz & R. Klein 7935 – Original).

mentes mais longas, oblongo-obovadas, com lâmina parda. FLORES brancas. Flores do raio 29-40. Flores do disco 4-5, ramos do estilete arredondados.

AQUÊNIOS oblongos ou elípticos. PÁPUS escabroso, apenas barbado no ápice e unidos em um anel basal.

Local do tipo – “Prov. de São Paulo in campis prope Morumbí, Burchell 4379”; “Rio de Janeiro , Glaziou 8142”.

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: dezembro a março.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta espécie tem distribuição disjunta ocorrendo nos campos meridionais (Estepe) e em formação secundária da Floresta Ombrófila Densa.

Habita solos pedregosos desde os 100 m até 2200 m sobre o nível do mar.

A raridade desta espécie sugere um esforço de coleta no sentido de caracterizar melhor seu estado de conservação, necessitando, possivelmente, entrar na lista das espécies ameaçadas de extinção de Santa Catarina.

Material estudado - SANTA CATARINA: BOM JARDIM DA SERRA: campo, 1300 m, R. Reitz & R. Klein 7935 (15.XII.1958), LP. FLORIANÓPOLIS: Lagoinha do Leste, Costão, Pântano do Sul, pastagem de encosta, 100 m, A. Bresolin 224 (22.III.1971), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Bom Jardim da Serra e Florianópolis.

BRASIL: Nos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo e na ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

3. LUCILIA NITENS* Less.

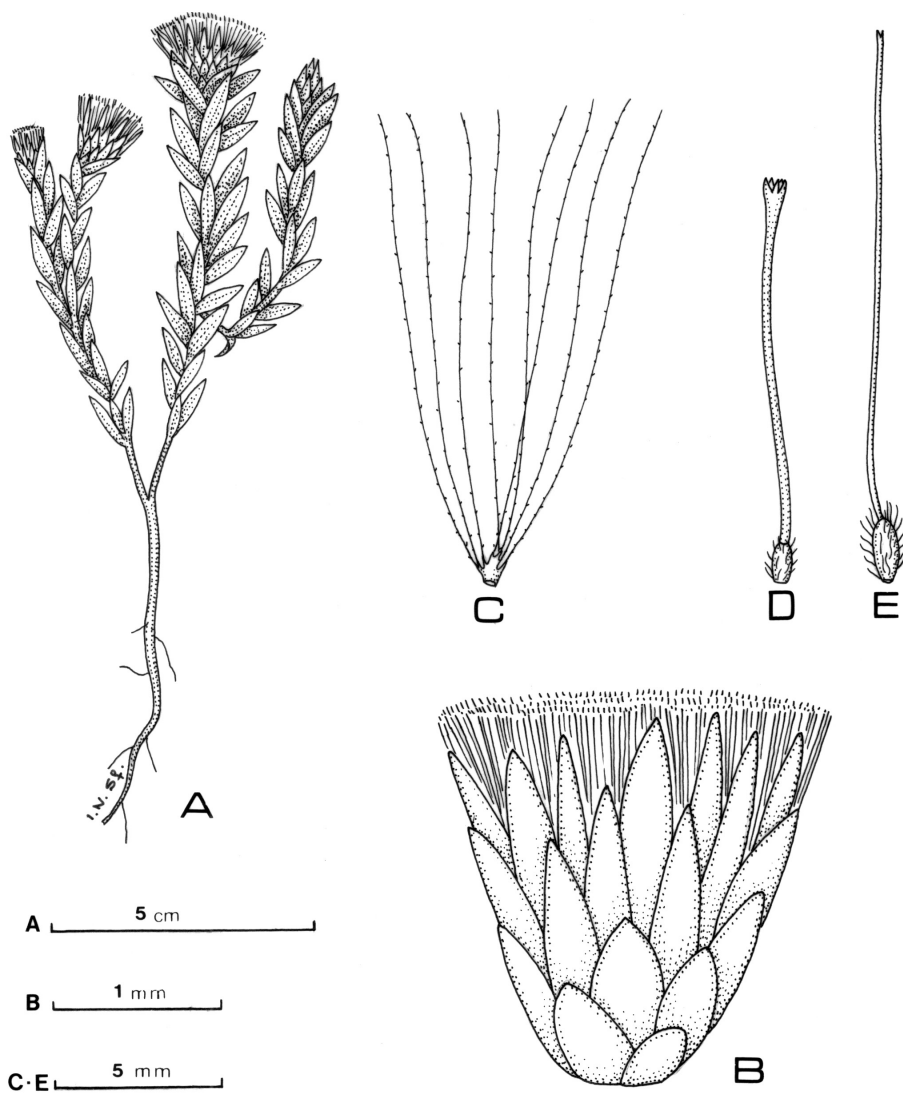
VIRA-VIRA

Est. 277, Mapa 249

Lessing, *Linnaea* 5: 363. 1830.

ERVA ereta de 8-35 cm. de altura. FOLHAS ereto-divergentes; estreitamente ovadas, levemente acuminadas; com lanosidade prateada e adpressa; de 10-24 x 2-5 mm.

* Nitens – do latim brilhante. Relativo as folhas brilhantes desta planta.



Est. 277 – *Lucilia nitens* Less. A – Planta; B – Capitulum; C – Pápus; D – Flor do disco sem pápus; E – Flor do raio sem pápus (R. Klein & E. Zardini 11823 – Original).

CAPÍTULOS dispostos em inflorescências frondosas (pseudopaniculas ou pseudo-racemos). Filárias 23-44: as exteriores ovadas, as interiores gradualmente mais longas, oblongo-obovadas, com lâmina branco-creme. FLORES brancas. Flores do raio 16-45. Flores do disco 5-15, ramos do estilete geralmente agudos, raramente obtusos.

AQUÊNIOS oblongos. PÁPUS escabroso, barbado no ápice e unidos em um anel basal.

Local do tipo – “Brasilia meridionali, Sello s.n.”

Nomes vulgares – Na Argentina “vira-vira” (Freire, 1986).

Dados fenológicos - Floração: abril-maio, outubro-fevereiro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (São Paulo), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina ocorre nos campos meridionais (Estepes) e em Restingas.

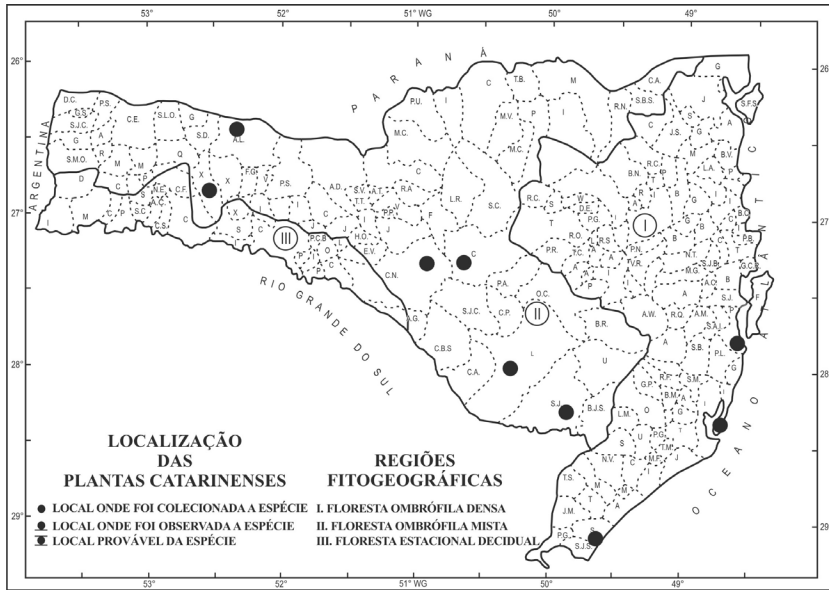
Ocorre desde 2 m de altitude, nas restingas e dunas marítimas, até 1200 m de altitude, em campos secos e rochosos.

Material estudado - SANTA CATARINA: ABELARDO LUZ: campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 16548 (29.XII.1963), LP. CAMPOS NOVOS: campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 14257 (19.XII.1962), LP. CURITIBANOS: campo, 950 m, R. Reitz & R. Klein 12898 (24.IV.1962), LP; Marombas, campo, 900 m, R. Reitz & R. Klein 11795 (9.I.1962), LP. LAGES: campo between Palmeiras and Lages, 800-900 m, L. B. Smith & R. Klein 8097 (2.XII.1956), LP. LAGUNA: restinga, R. Reitz & R. Klein 223 (29.II.1952), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, 5 m, R. Reitz 4914 (19.XII.1952), LP; ibidem, 2 m, R. Klein & Zardini 11823 (15.II.1978), LP; ibidem, R. Reitz & R. Klein 741 (14.V.1953), LP; ibidem, 3 m, R. Reitz & R. Klein 1360 (4.XI.1953), LP; ibidem, 5 m, R. Reitz 5553 (5.II.1953), LP. SÃO JOAQUIM: campo, rock outcrop, and bog, 18 km southwest of São Joaquim, ca. 28 24' S, 49 59' W, 1100-1200 m, L. B. Smith & R. Reitz 14368 (6.I.1965), LP. SOMBRIO: campo cultivado, 10 m, R. Reitz C 1268 (9.X.1945), LP. XANXERÊ: pasture, Rio Xanxerê, Xanxerê and vicinity, ca. 26 52' S, 52 24' W, 700 m, L. B. Smith & R. Klein 13270 (14.XI.1964), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Abelardo Luz, Campos Novos, Curitibanos, Lages, Laguna, Palhoça, São Joaquim, Sombrio e Xanxerê.

BRASIL: Sul do Brasil, nos Estados de Paraná e Rio Grande do Sul. URUGUAI e ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.



Mapa 249 - Locais de coleta de *Lucilia nitens* Less. em Santa Catarina.

4. LUCILIA ACUTIFOLIA* (Poir.) Cass.

SEMPRE-VIVA

Est. 278, Mapa 250

Cassini, Dict. Sci. Nat. 27: 264. 1823.

Serratula acutifolia Poir., in Lamarck, Encycl. 6: 554. 1804.

Lucilia microphylla Cass., loc. cit.

Gnaphalium commersonii Spreng., Syst. veg. 3: 472. 1826.

Helychrysum montevidense Spreng., loc. cit.

Pachyrhynchus xeranthemoides DC., Prodr. 6: 255. 1838.

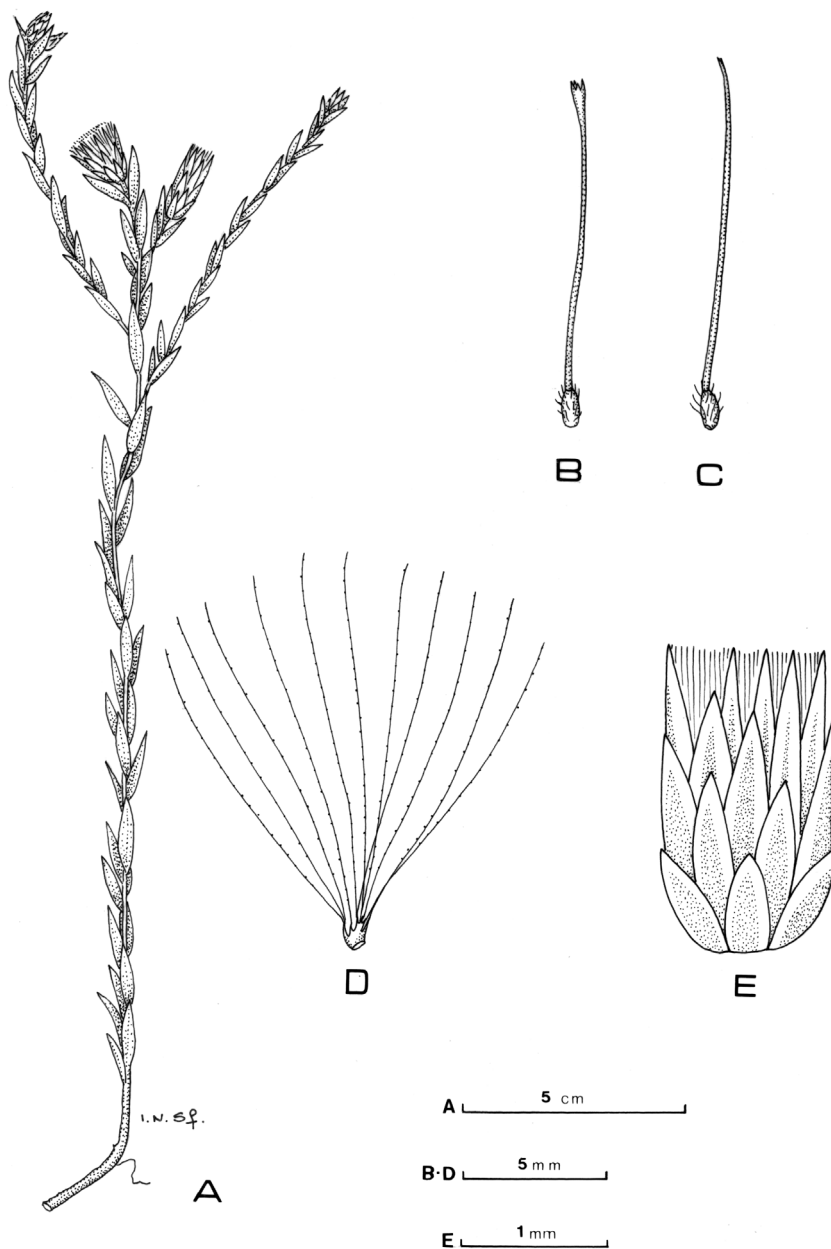
Lucilia jamesonii Baker, In: Mart. Fl. bras. 6 (3): 113. 1882.

Lucilia lundii Baker, loc. cit.

Gnaphalium jamesonii (Baker) Kuntze, Revis. gen. pl. 3 (2): 152. 1898.

Gnaphalium virescens (Less.) Kuntze, loc. cit.: 155.

* Acutifolia – do latim *acutus* = agudo e *folia* = folha. Relativo às folhas acuminadas desta espécie.



Est. 278 – *Lucilia acutifolia* (Poir.) Cass. A – Planta; B – Flor do disco sem pápus; C – Flor do raio sem pápus; D – Pápus; E - Capítulo (R. Reitz & R. Klein 7931 – Original).

ERVA ereta de 0,1-0,6 m de altura. Caules ramificados. FOLHAS espaçadas eretas ou estendidas até recurvadas; linear-ovadas, ovadas ou largamente ovadas; acuminadas as maiores e simplesmente agudas as menores; lanosas em ambas as faces, esverdeadas ou com lanosidade nívea; de 2,5-22 x 0,8-7 mm.

CAPÍTULOS dispostos em inflorescências frondosas (pseudopaniculas ou pseudo-racemos). Filárias 16-29: as exteriores ovadas, gradualmente mais longas e oblongas; as interiores lineares com lâmina de cor castanha ou parda. FLORES brancas. Flores do raio 9-31. Flores do disco 3-13; ramos do estilete truncados.

AQUÊNIOS oblongos. PÁPUS formado por cerdas ásperas, barbadas no ápice e unidos na base em um anel basal.

Local do tipo – “Buenos Ayres, Commerson s.n.”.

Nomes vulgares – Sempre-viva. No Paraguai: “Siempre viva” (Freire, 1998).

Dados fenológicos – Floração: junho-abril.

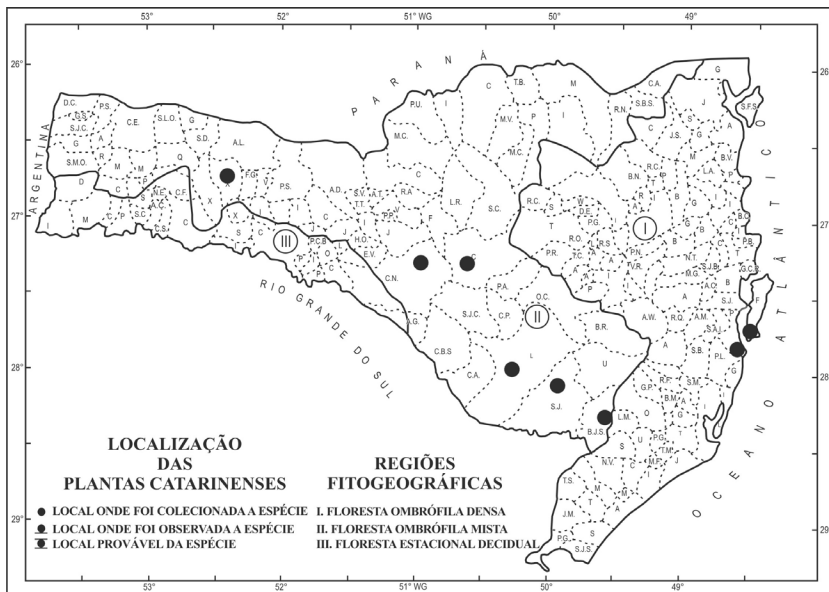
Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (São Paulo), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina ocorre nos campos meridionais (Estepes) e na Restinga, em campos abertos, caracterizando-se como erva heliófita e características de solos com condições edáficas restritas.

Vegeta sobre solos secos, entre rochas e em dunas marítimas, comumente associada com gramíneas.

Material estudado - SANTA CATARINA: BOM JARDIM DA SERRA: campo, R. Reitz & R. Klein 7931 (15.XII.1958), LP; *ibid.*, Fachinal, 1200 m, R. Reitz 3266 (29.I.1950), LP. CAMPOS NOVOS: campo, 1000 m, R. Reitz & R. Klein 14313 (20.XII.1962), LP. CURITIBANOS: campo, 950 m, R. Klein 4037 (28.X.1963), LP; Marombas, campo, 900 m, R. Klein 3306 (6.XII.1962), LP. FLORIANÓPOLIS: Lagoinha do Leste, Pântano do Sul, campo, 100 m, R. Klein & A. Bresolin 9268 (19.XI.1970), LP; *ibid.*, pastagem de encosta, 100 m, A. Bresolin 223 (22.III.1971), LP. LAGES: campo along the Estrada de Rodagem Federal, south of Lages, 900 m, L. B. Smith & R. Klein 8127 (3.XII.1956), LP. PALHOÇA: Campo do Maciambu, restinga, R. Reitz 5552 (5.II.1953), LP; *ibid.*, 5m, R. Reitz 4841 (18.XII.1952), LP; *ibidem*, 2 m, R. Klein & Zardini 11825 (15.II.1978), LP. SÃO JOAQUIM: campo, rock outcrop, and bog, 18 km south west of São Joaquim, ca. 28° 24' S, 49° 59' W, 1100-1200 m, L. B. Smith & R. Reitz 14364 (6.I.1965), LP; XANXERÊ: campo, 9 km north of Abelardo Luz, 500-600 m, L. B. Smith & R. Klein 11455 (19.II.1957), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Bom Jardim da Serra, Campos Novos, Curitibanos, Lages, Florianópolis, Palhoça, São Joaquim e Xanxerê.



Mapa 250 - Locais de coleta de *Lucilia acutifolia* (Poir.) Cass. em Santa Catarina.

BRASIL: Ocorre nos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo. BOLÍVIA, PARAGUAI, URUGUAI e ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

10. GAMOCHAETA* Wedd.

Weddell, Chlor. andina **1**: 151. 1856.

Gnaphalium sect. *Gamochaeta* (Wedd.) O. Hoffm., Nat. Pflanzenfam. **4(5)**: 188. 1894.

Gnaphalium subgen. *Gamochaeta* (Wedd.) Gren., Fl. Ch. Jurass.: 427. 1869.

Cabrera, A. L. (1961). Observaciones sobre las Inuleae-Gnaphalineae (Compositae) de América del Sur. Bol. Soc. Argent. Bot. **9**: 359-386. Drury, D. G. (1971). The american spicate cudweeds adventive to New Zealand (*Gnaphalium* sect. *Gamochaeta* - Compositae). New Zeal. J. Bot. **9**: 157-185. Nesom, G. (1990). Taxonomic status of *Gamochaeta* (Asteraceae: Inuleae) and the species of the United States. Phytologia **68**: 186-198. Freire, S.E. & L. Iharlegui (1997). Sinopsis preliminar del género *Gamochaeta*

* *Gamochaeta* – do grego *gamos* = união e *chaete* = pelo. Relativo as cerdas do pápus, unidas na base.

(Asteraceae, Gnaphalieae). Bol. Soc. Argent. Bot. **33** (1-2): 23-35. Nesom, G. L. (2004). New distribution records for *Gamochoeta* (Asteraceae-Gnaphalieae) in the United States. Sida **21** (2):1.175-1.185. Deble, L. P., Marchiori, J. N. C. & A. S. Oliveira (2006). Cinco novas espécies brasileiras do gênero *Gamochoeta* Weddell (Asteraceae-Gnaphalieae). Balduinia **6**: 14-24. Deble, L. P. & J. N. C. Marchiori (2007). Sinopsis do gênero *Gamochoeta* Weddell (Asteraceae-Gnaphalieae) no Brasil. Balduinia **10**: 21-31.

CAPÍTULOS heterógamos. **INVÓLUCRO** ovóide ou hemisférico, formado por duas a 3 séries de filárias escariosas com margem hialina. **RECEPTÁCULO** plano ou ligeiramente côncavo, desnudo. **FLORES** dimorfas, amareladas, brancas ou rosadas. Flores do raio: numerosas, femininas, com corola filiforme curtamente bilabiada no ápice. Flores do disco: poucas, hermafroditas, com corola tubulosa pentadentada no ápice. **ANTERAS** sagitadas na base. **ESTILETE** com ramos curtos e truncados no ápice, onde apresentam uma corozinha de tricomas coletos.

AQUÊNIOS obovados, oblongos ou oblongo-elípticos, cobertos de curtas cerdas duplas ou gêmeas. **PÁPUS** formado por numerosos pelos ásperos unidos na base em forma de anel e desprendendo-se em conjunto.

ERVAS anuais ou perenes. **FOLHAS** alternas; espatuladas, elípticas, oblanceoladas ou lineares, inteiras na margem; com pubescência lanosa e glandulosa ou mais comumente só lanosa. Capítulos pequenos, dispostos em glomérulos e reunidos em uma pseudo-espiga simples ou ramificada na parte superior do caule.

Espécie-tipo: *Gamochoeta americana* (Mill.) Wedd. (= *Gnaphalium americanum* Mill.).

Área de dispersão - Gênero cosmopolita com cerca de 60 espécies, principalmente da América do Sul. Em Santa Catarina ocorrem dez espécies.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE SANTA CATARINA

1. Filárias internas agudas ou acuminadas no ápice
 2. Folhas providas de pelos de base vítrea e engrossada, 4-7 celular, e célula terminal longa, facilmente decídua, na face superior, e densamente griseo ou alvo-lanosas na face inferior
 1. *G. platensis*
 - 2'. Folhas desprovidas de pelos de base vítrea e engrossada
 3. Folhas linear-oblanceoladas e ligeiramente foleados
 2. *G. falcata*
 3. Folhas espatuladas
 4. Pseudo-espiga foliosa e totalmente descontínua
 5. Folhas discolores, verdes e glabrescentes na face superior e alvo-lanosas na face inferior; estreitamente espatuladas (oblanceoladas)
 3. *G. simplicicaulis*

5. Folhas concolores, lanuginosas em ambas as faces, largamente espatuladas (a ovado-elípticas)
- 4. *G. nigrevestis***
4. Pseudo-espiga não foliosa e compacta (ou somente descontínua na base)
6. Folhas discolores, verdes e glabrescentes na face superior e com tomento alvo-lanoso compacto e apertado na face inferior
- 5. *G. americana***
6. Folhas concolores, alvo-lanosas em ambas as faces.
- 6. *G. stachydifolia***
1. Filárias internas obtusas ou rotundas no ápice
7. Folhas notavelmente discolores, verdes e glabrescentes na face superior e tomento alvo-lanoso apertado na face inferior
- 7. *G. coarctata***
7. Folhas concolores ou suavemente discolores, alvo-lanosas ou lanuginosas em ambas as faces
8. Plantas densamente cobertas por pubescência alvo-lanosa. Folhas caulinares elípticas, com a metade superior e inferior mais ou menos de igual contorno. Filárias internas obtusas a rotundas no ápice
- 8. *G. hiemalis***
8. Plantas laxamente cobertas por pubescência alvo-lanosa. Folhas lineares, oblanceoladas ou espatuladas, com metade superior e inferior com contorno desigual. Filárias internas obtusas ou truncado-mucronadas no ápice
9. Folhas espatuladas
- 9. *G. pensylvanica***
9. Folhas lineares a oblanceoladas
- 10. *G. calviceps***

1. **GAMOCHAETA PLATENSIS*** (Cabrera) Cabrera

MACELA-BRANCA

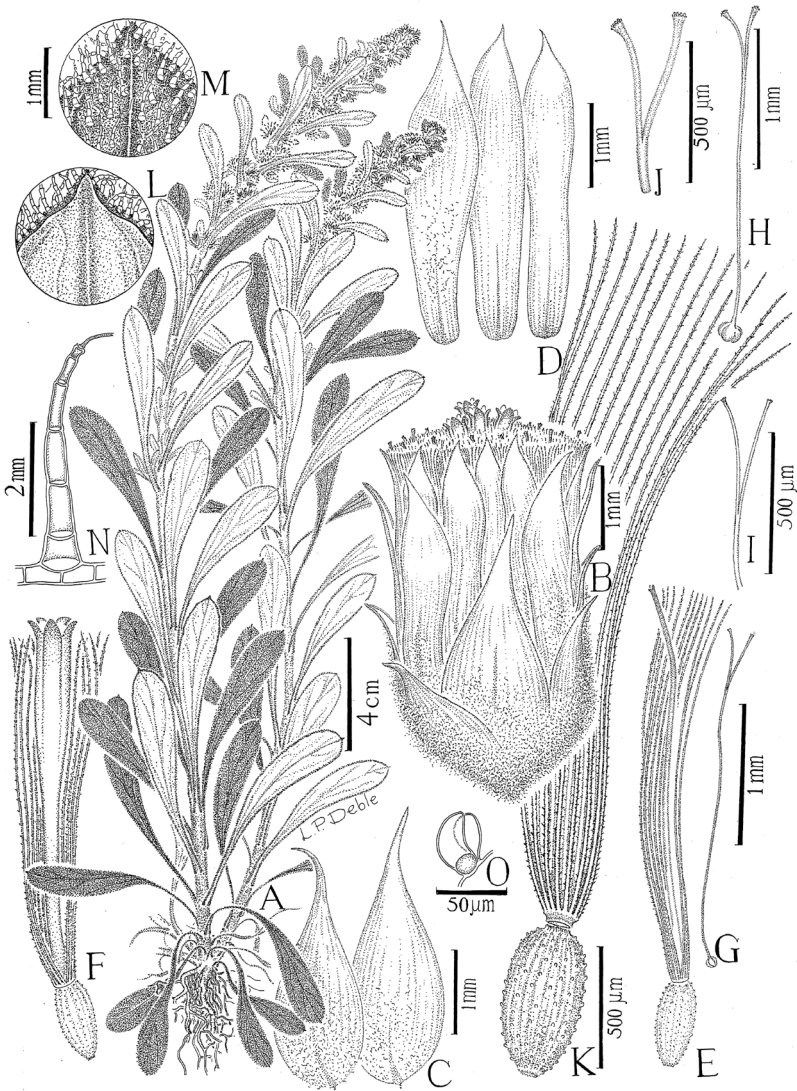
Est. 279, Mapa 251

A. L. Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 376. 1961.

Gnaphalium platense Cabrera, Revista Mus. La Plata, secc. Bot. 4: 167. 1941.

ERVA multicaule, bienal ou perene, de 0,3-0,6 m de altura. Caules normalmente ascendentes e lanosos. FOLHAS uniformemente distribuídas ao longo do caule; espatuladas, obtusas e mucronadas no ápice; longo atenuadas em pseudopecíolo na base; discolores, coberta por pelos de base conspícua, vítrea e engrossada, 4-7 celular e célula terminal filiforme e facilmente decídua na parte superior; e densamente prateado-lanosas na face inferior; de 3-10 x 0,7-1,5 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores, obovadas a oblongas.

* *Platensis* – provém do local onde foi coletado o tipo desta planta, la plata.



Est. 279 – *Gamochaeta platensis* (Cabreria) Cabrera. A – Planta; B – Capítulo; C – Filárias externas; D – Filárias medianas e internas; E – Flor marginal; F – Flor do disco; G – Estigma flor do raio; H – Estigma flor do disco; I – Ápice do estigma da flor do raio; J – Ápice do estigma da flor do disco; K – Aquênio e Pápus; L – Ápice da folha, vista inferior; M – Ápice da folha vista superior; N – Pelo flageliforme; O – Pelo do aquênio (Deble & Oliveira 7401 – Original).

CAPÍTULOS dispostos em pseudo-espiga folhosa, interrompida na base. INVÓLUCRO oblongo a campanulado, de ca. 4 mm de altura. Filárias ca. 20: as exteriores ovadas, acuminadas, lanuginosas no dorso; as interiores oblongas, agudas e apiculadas no ápice, glabras. FLORES brancas ou virentes. Flores do raio: ca. 80. Flores do disco: ca. de 4.

AQUÊNIOS obovados, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação - Espécie facilmente separada das demais espécies ocorrentes em Santa Catarina pelas filárias agudas e folhas discolores, com pelos flageliformes de base vítrea, engrossada, 4-7 celular e célula terminal filiforme, facilmente decídua na face superior.

Local do tipo – “Argentina, Prov. Buenos Aires, Pdo. La Plata, Isla Santiago, A. L. Cabrera 2223 (25-IX-1932) LP”

Nome vulgar – Macela-branca.

Dados fenológicos – O material coletado em Santa Catarina estava em floração no mês de setembro. No Rio Grande do Sul, onde a espécie é mais abundante, floresce entre os meses de setembro e novembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, Rio de Janeiro), **Sul** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Erva bienal ou perene bastante rara no Estado de Santa Catarina, coletada em vegetação rupestre no município de Florianópolis.

A raridade desta espécie sugere um esforço de coleta no sentido de caracterizar melhor seu estado de conservação, necessitando, possivelmente, entrar na lista das espécies ameaçadas de extinção de Santa Catarina.

Material estudado - SANTA CATARINA: FLORIANÓPOLIS: Ribeirão, Tapera, na rocha de encosta, 50 m, R. Klein & Bresolin 8756 (23.IX.1970), LP, RB.

RIO GRANDE DO SUL: BAGÉ: Br 153, em encosta rochosa próximo à ponte do Rio Camaquã, L. P. Deble & A. S. Oliveira 7401 (26-IX-2004), MBM.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Encontrada apenas no município de Florianópolis.

BRASIL: Santa Catarina e Estado do Rio Grande do Sul (frequente próximo à divisa com o Uruguai). ARGENTINA e URUGUAI.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.



Mapa 251 – Locais de coleta de *Gamochaeta platensis* (Cabrera) Cabrera + e *Gamochaeta falcata* (Lam.) Cabrera ● em Santa Catarina.

2. GAMOCHAETA FALCATA* (Lam.) Cabrera

Est. 280, Mapa 251

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 370. 1961.

Gnaphalium falcatum Lam., Encycl. 2: 758. 1788.

Gnaphalium purpureum L. var. *falcatum* (Lam.) Torr. & A.Gray, Fl. N. Amer.: 428. 1843.

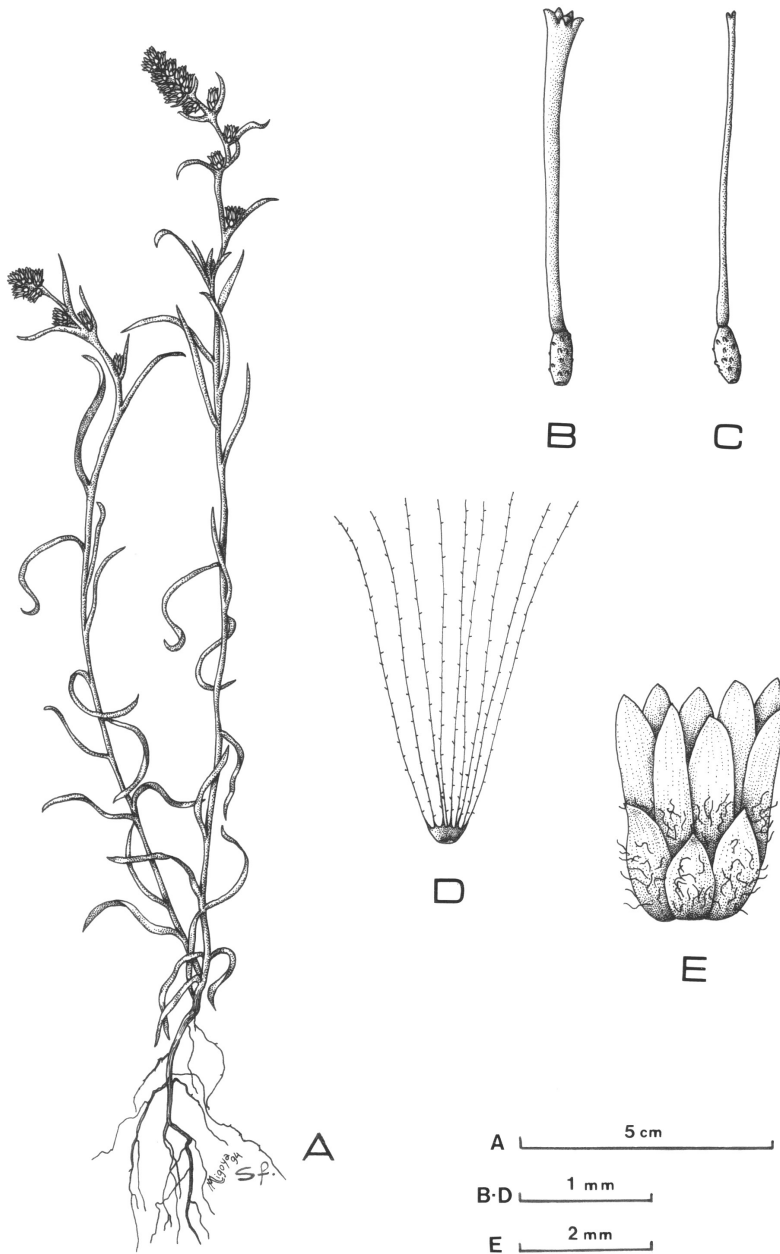
Gnaphalium stachydifolium var. *falcatum* (Lam.) Klatt, Linnaea 42: 140. 1878.

Gnaphalium heteroides Klatt, Linnaea 42: 137. 1878.

Gnaphalium stagnale I. M. Johnst., Contr. Gray Herb., sér 2 (68): 99. 1923.

Gamochaeta stagnalis (I. M. Johnst.) Anderb., Opera Bot. 104: 157. 1991.

* Falcata – do latim *falcatus* = falcado, em forma de foice. Relativo as folhas falcadas desta planta.



Est. 280 – *Gamochaeta falcata* (Lam.) Cabrera. A – Planta; B – Flor do raio sem pápus; C – Flor do disco sem pápus; D – Pápus; E – Capítulo (G. Hatschbach & E. Zardini 40387-Original).

ERVA multicaule, perene, de ca. 0,5 m de altura. Caules ascendentes ou eretos, ramificados e densamente alvo-lanosos. FOLHAS inferiores linear-oblancoeladas e ligeiramente falcadas; subobtusas e mucronadas no ápice; atenuadas na base; alvo-lanosas em ambas as faces; de ca. 4 x 0,3 cm. Folhas medianas e superiores gradualmente menores lineares a oblanceoladas e agudas

CAPÍTULOS dispostos em uma pseudo-espiga compacta e simples, só interrompida na base. INVÓLUCRO hemisférico, de ca. 5 mm de altura. Filárias ca. 20: as exteriores ovadas, acuminadas, lanuginosas no dorso; as interiores oblongo-elípticas, agudas, glabras. FLORES brancas. Flores do raio: ca. 70. Flores do disco: ca. 4.

AQUÊNIOS oblongos, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação - Espécie afim a *Gamochoaeta filaginea* (DC.) Cabrera, a qual se diferencia, segundo Cabrera (1961), por seus caules ramosos, pelo tomento branco muito denso e pelos capítulos em glomérulos curtos e terminais.

Local do tipo – “Uruguay, Montevideo”.

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: outubro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica na região Sul (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta espécie foi registrada de forma disjunta na restinga (Imbituba) e nos campos meridionais (Irani). Esta forma disjunta sugere um esforço de coleta para uma melhor compreensão da distribuição geográfica da espécie no Estado e sua situação de conservação, uma vez que as coletas sugerem ser uma espécie muito rara e com adaptações de altitude bem variada.

Material estudado - SANTA CATARINA: IMBITUBA: Nova Esperança, dunas fixas, G. Hatschbach & Zardini 40387 (8.X.1977), LP. IRANI: Campo de Irani, ca. 26 57' S, 51 50' W, dry field, 700-900 m, L. B. Smith & R. Reitz 12454 (13.X.1964), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Imbituba e Irani.

BRASIL: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. América subtropical: desde o sul dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, MÉXICO até PARAGUAI, URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

3. GAMOCHAETA SIMPLICICAULIS* (Willd. ex Spreng.) Cabrera

Est. 281, Mapa 252

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 379. 1961.

Gnaphalium simplicicaule Willd. ex Spreng., Syst. veg. 3: 481. 1826.

Gnaphalium purpureum var. *simplicicaule* (Willd. ex Spreng.) Klatt, Linnaea 42: 140. 1878.

ERVA anual de 0,3-0,6 m de altura. Caule ereto, simples ou ramificado desde a base, cinzento-tomentoso. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas por todo o caule; estreitamente espatuladas; agudas e mucronadas no ápice; atenuadas na base; notavelmente discolors, glabrescentes a laxamente lanosas na face superior e densamente prateado-lanosas na face inferior; de 3,5-10 x 0,35-1,5 cm.

CAPÍTULOS dispostos nas axilas das folhas superiores em glomérulos curtamente pedunculados e folhosos, formando em conjunto uma pseudo-espiga descontínua, folhosa e ramificada na base. INVÓLUCRO hemisférico de ca. 4,5 mm de altura. Filárias ca. 28: as exteriores estreitamente ovadas e longamente atenuadas no ápice; as interiores oblongo-elípticas, agudas e glabras. FLORES brancas. Flores do raio: ca. 90. Flores do disco: ca. 4.

AQUÊNIOS oblongo-elípticos, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação- Esta espécie é facilmente reconhecida por suas folhas discolors e capítulos reunidos em pseudo-espigas folhosas e notavelmente interrompidas.

Local do tipo – “Cumana”.

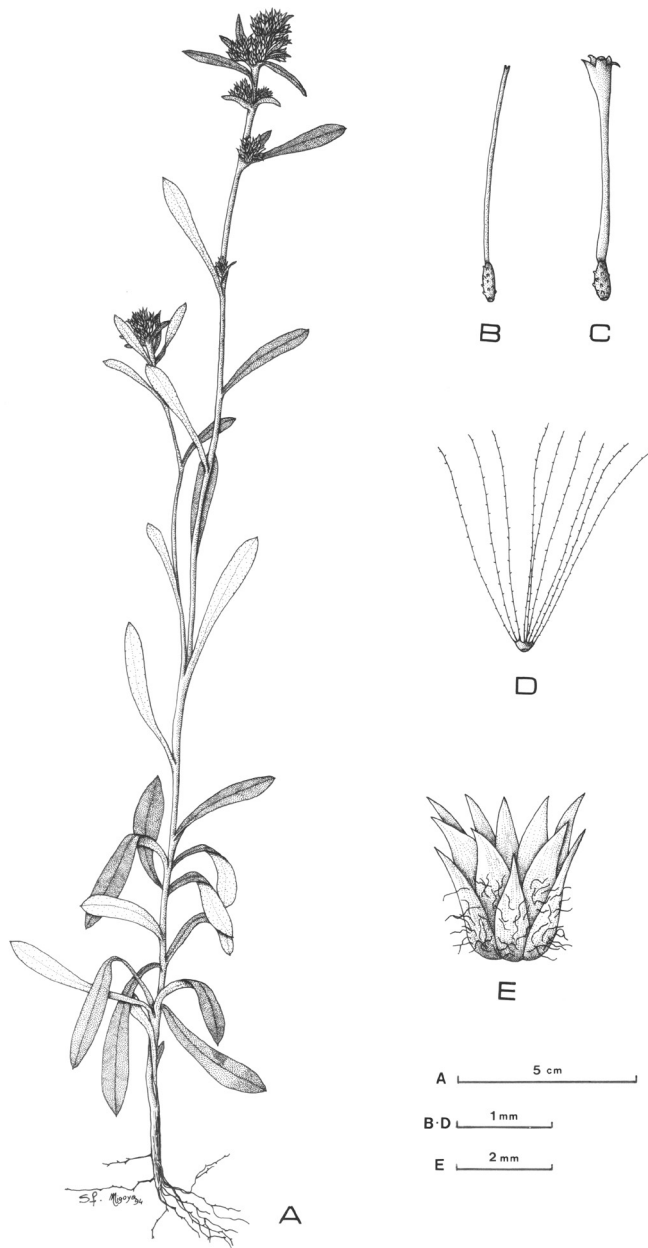
Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos – Floração: janeiro, abril, agosto a novembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Centro-Oeste** (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina tem distribuição na Floresta Ombrófila Densa e nos campos meridionais (Estepes), geralmente ocorrendo como ruderal sobre solos rasos e pedregosos.

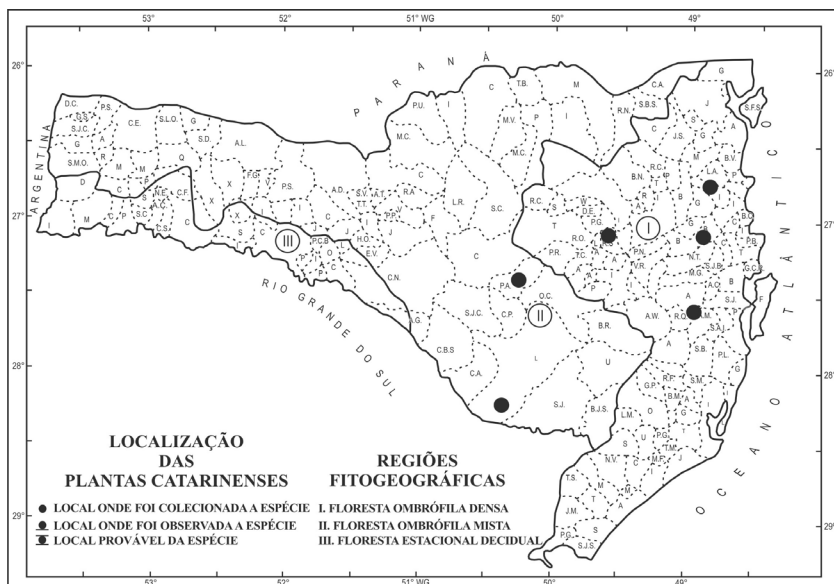
* *Simplicicaulis* – do latim *simplex* – simples e *caulis* – caule. Relativo ao caule, geralmente único desta espécie.



Est. 281 – *Gamochaeta simplicicaulis* (Willd ex Spreng.) Cabrera **A** – Planta; **B** – Flor do raio sem pápus; **C** – Flor do disco sem pápus; **D** – Pápus; **E** – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 10379 – Original).

Espécie ruderal, vegeta sobre rochas, em campos na beira de matas e nas capoeiras, desde 30 m até 1000 m de altitude.

Material estudado - SANTA CATARINA: BRUSQUE: Azambuja, ruderal, 30 m, R. Klein 2597 (4.X.1961), LP. ILHOTA: Morro do Baú, capoeira, R. Reitz C2117 (29.I.1948), LP. LAGES: San Antonio, near Passo do Socorro (estrada de Rodagem Federal km 67-71, south of Lages), ruderal, 800-900 m, L. B. Smith & R. Reitz 9956 (14.I.1957), LP; Passo do Socorro, caminho da mata, 600 m, R. Klein 4349 (31.X.1963), LP. PONTE ALTA: Ponte Alta do Sul, na rocha, 900 m, R. Reitz & R. Klein 12577 (19.IV.1962), LP. RANCHO QUEIMADO: Serra da Boa Vista, campo, 1000 m, R. Reitz & R. Klein 10379 (10.XI.1960), LP. RIO DO SUL: Serra do Matador, na rocha, R. Reitz & R. Klein 6943 (2.VIII.1958), LP.



Mapa 252 - Locais de coleta de *Gamochaeta simplicicaulis* (Willd.) Cabrera em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Brusque, Ilhota, Lages, Ponte Alta, Rancho Queimado e Rio do Sul.

BRASIL. Ocorre nos Estados de Goiás, Bahia, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Espécie amplamente distribuída por toda a América do Sul: VENEZUELA, URUGUAI, PARAGUAI, ARGENTINA e CHILE. Adventícia na NOVA ZELÂNDIA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial melífera.

4. GAMOCHAETA NIGREVESTIS* Deble & Marchiori

Est. 282, Mapa 253

L. P. Deble & J. N. C. Marchiori, Balduínia, 6: 23, 2006.

ERVA multicaule, perene, de 0,1-0,3 m de altura. Caules ascendentes ou eretos. FOLHAS inferiores em roseta; obovado-oblongas; obtusas no ápice e atenuadas na base ; cobertas por longos pelos griseo-lanosos em ambas as faces; de 2,5-6 x 0,8-2 cm. Folhas medianas e superiores espaçadas, alternas, largamente espatuladas de 1-3 cm. x 0,3-1 cm. obtusas ou agudas no ápice atenuadas na base.

CAPÍTULOS dispostos nas axilas das folhas superiores em glomérulos folhosos, formando em conjunto pseudo-espigas descontínuas. INVÓLUCRO campanulado, de ca. 4 mm de altura. Filárias ca. 24: as exteriores lanceoladas, acuminadas no ápice, laxamente lanosas; as interiores oblanceoladas, agudas e glabras. FLORES purpúreas. Flores do raio: ca. 50. Flores do disco: 3-4.

AQUÊNIOS castanhos ovado-oblongo, glabros ou delicadamente papilosos. PÁPUS amarelado, do mesmo comprimento que a corola.

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: primavera-verão.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Espírito Santo, Rio de Janeiro), **Sul** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina esta espécie tem distribuição restrita aos Aparados da Serra Geral, entrando conseqüentemente para o lado sul-rio-grandense.

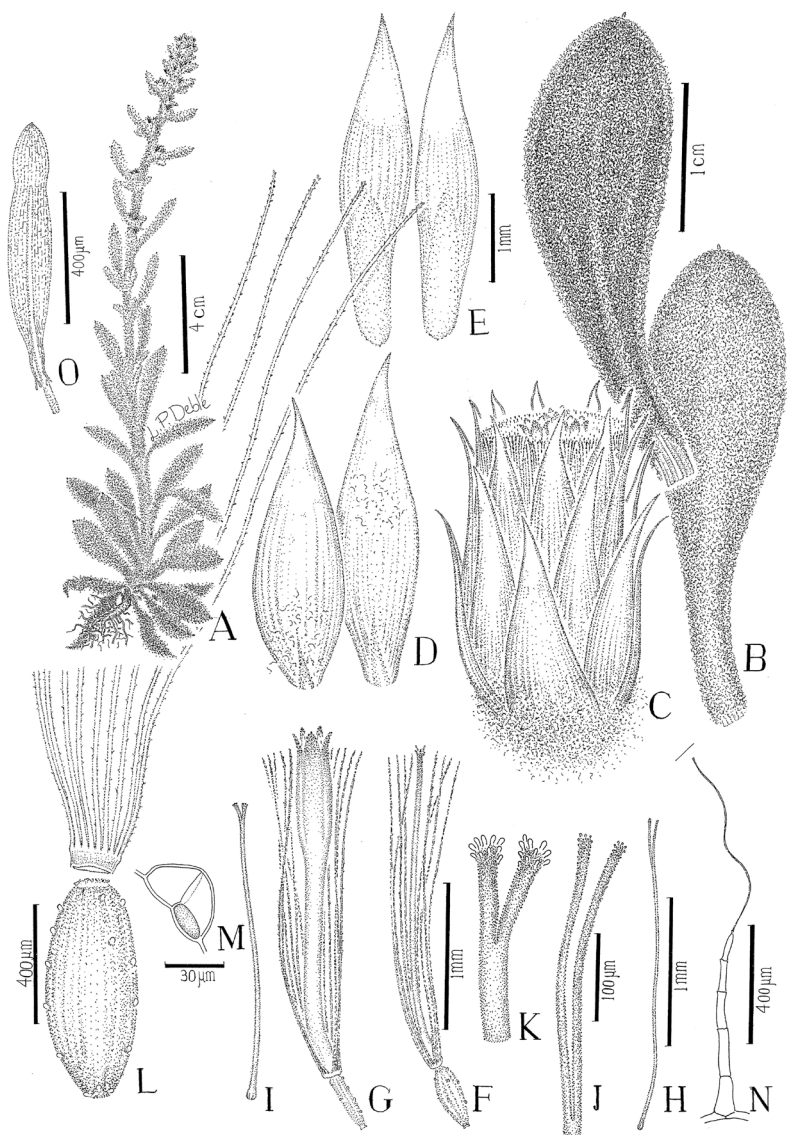
Erva perene, heliófita, extremamente rara, onde cresce em fendas rochosas nos Taimbés da Serra Geral em altitudes superiores aos 1000 m.

Apesar de sua distribuição restrita, o fato de estar com sua ocorrência dentro de unidades de conservação federais, possivelmente sua preservação esteja garantida, mas merece atenção num esforço de coleta para o conhecimento melhor de mais populações naturais desta espécie.

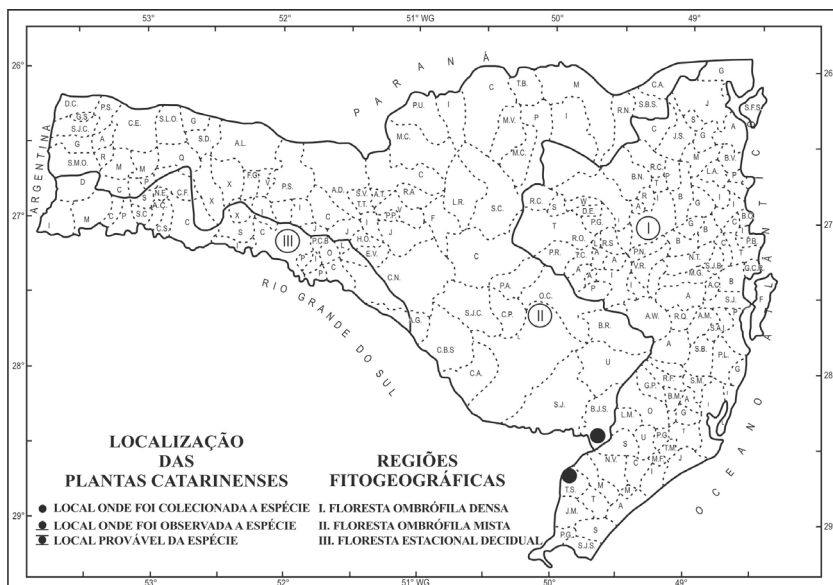
Material estudado – SANTA CATARINA: BOM JARDIM DA SERRA: norte do mirante da SC 439, Serra do Rio do Rastro, 1.400 m.s.m., D. Falkenberg 9125 (9.XII.1996) FLOR; idem, no topo da Serra do Rio do Rastro, 1.400 m.s.m., D. Falkenberg 8.510 (12.X.1996) FLOR. TIMBÉ DO SUL: na descida da Serra da Rocinha, M. R. Ritter, 763 (21.X.1994) ICN.

RIO GRANDE DO SUL: SÃO JOSÉ DOS AUSENTES: Serra da Rocinha, no paredão rochoso, erva, com pubescência griseo-lanosa, L. P. Deble, A. S. de Oliveira & J. N. C. Marchiori, 6.352, 14.XI.2003. Holotypus SI.

* Nigre – do latim Niger = negro, escuro e vestis – do latim vestio = vestir, coberto; em referência ao tomento escuro que cobre a planta.



Est. 282 – *Gamochaeta nigrevestis* Deble & Marchiori. A – Planta; B – Folha; C – Capítulo; D – Filárias externas; E – Filárias medianas e internas; F – Flor marginal; G – Flor do disco; H – Estigma da flor do raio; I – Estigma da flor do disco; J – Ápice do estigma da flor do raio; K – Ápice do estigma da flor do disco; L – Aquênio e pápus; M – Tricoma do aquênio; N – Tricoma da folha (Estampa retirada de D. Falkenberg 8.510 - Original).



Mapa 253 - Locais de coleta de *Gamochaeta nigrevestis* Deble & Marchiori.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Bom Jardim da Serra e Timbé do Sul.

BRASIL: Sudeste (Rio de Janeiro) e sul: (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

5. GAMOCHAETA AMERICANA* (Mill.) Wedd.

VIRA-VIRA

Est. 283, Mapa 254

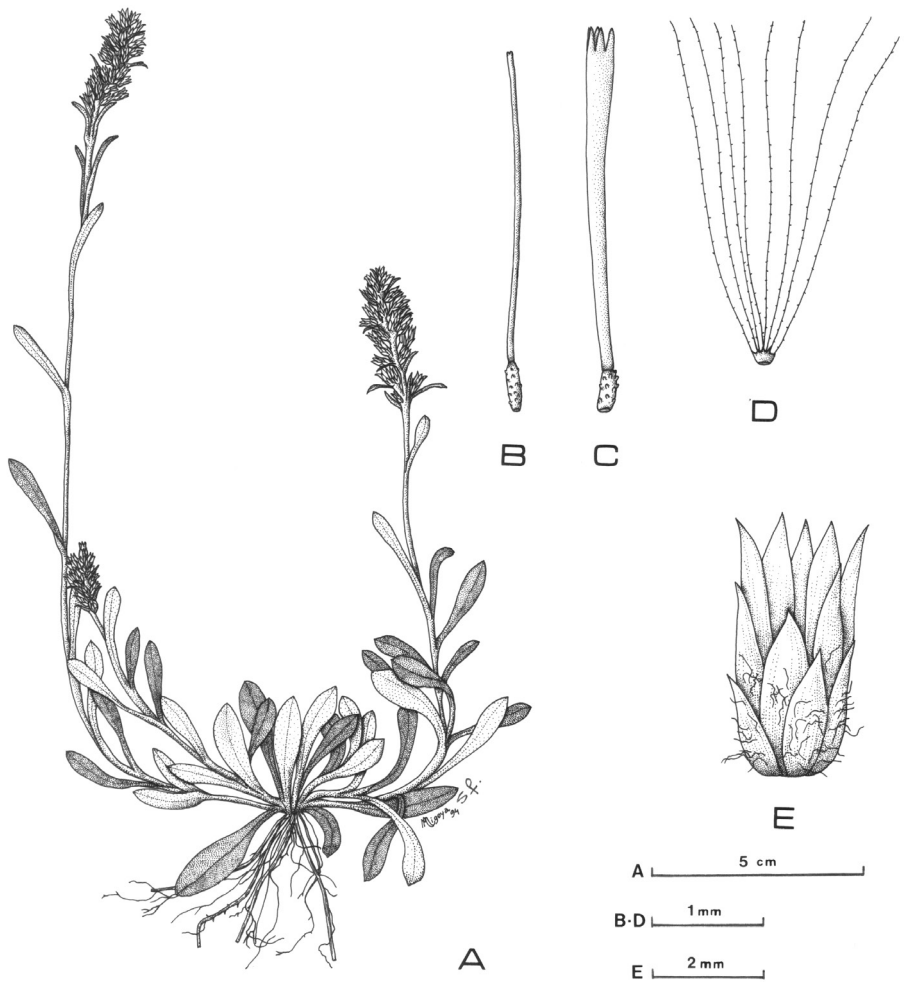
Weddell, Chlor. andina 1: 151. 1856.

Gnaphalium americanum Mill., Gard. dict. ed. 8 No. 17. 1768.

Gnaphalium purpurem var. *americanum* (Mill.) Klatt, Linnaea 42: 140. 1878.

Gnaphalium consanguineum Gaudich., Ann. Sci. Nat. (Paris) 5: 103. 1825.

* Americana – provém do local onde foi encontrado o tipo desta planta.



Est. 283 – *Gamochaeta americana* (Mill.) Wedd. A – Planta; B – Flor do raio sem pápus; C – Flor do disco sem pápus; D – Pápus; E – Capítulo (R. Reitz & R. Klein 5156 – Original).

Gamochaeta americana var. *alpina* Wedd., *Chlor. andina* 1: 152. 1856.

Gnaphalium guatemalense Gand., *Bull. Soc. Bot. France* 65: 42. 1918.

Gamochaeta guatemalensis (Gand.) Cabrera, *Bol. Soc. Argent. Bot.* 9: 371. 1961.

ERVA multicaule, bienal ou perene, de 0,2-0,4 m de altura. Caules normalmente ascendentes e lanosos. FOLHAS inferiores dispostas em roseta; espatuladas; obtusas e mucronadas no ápice; atenuadas em pseudopecíolo na base; discolors, lanuginosas ou glabrescentes na face superior e densamente prateado-lanosas na face inferior; de 5 x 0,9-1 cm. Folhas medianas e superiores espaçadas gradualmente menores, obovadas a oblongas.

CAPÍTULOS dispostos em uma pseudo-espiga compacta e simples, só interrompida na base. INVÓLUCRO hemisférico, de ca. 4 mm de altura. Filárias ca. 23: as exteriores ovadas, acuminadas, lanuginosas no dorso; as interiores oblongas, agudas e apiculadas no ápice, glabras. FLORES brancas ou rosadas. Flores do raio: ca. 90. Flores do disco: ca. de duas a 3.

AQUÊNIOS obovados, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação – Espécie afim a *Gamochaeta coarctata*, da qual se diferencia por seus capítulos com filárias internas agudas.

Local do tipo – “Jamaica, Houston 1731.”

Nomes vulgares – No Paraguai e na Argentina “vira-vira” (Freire, 1998).

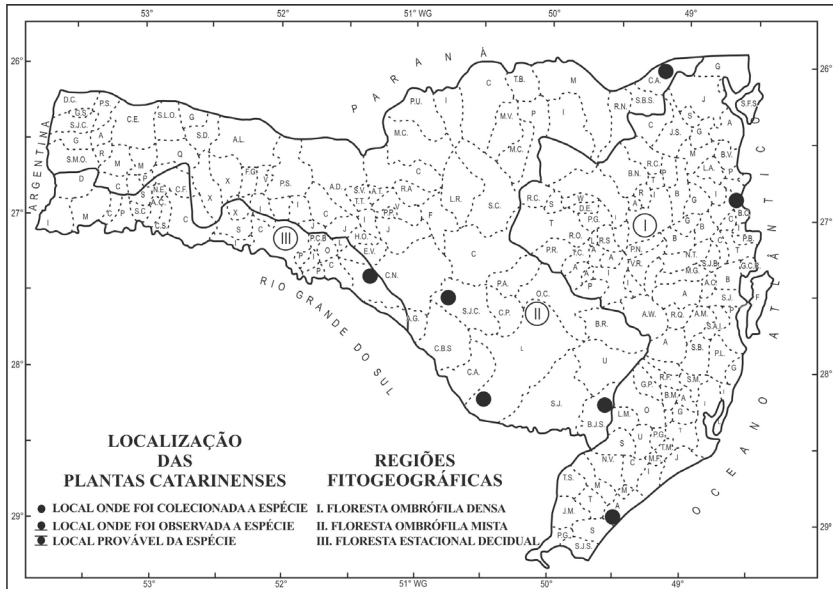
Dados fenológicos – Floração: setembro-dezembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina a espécie ocorre nos campos meridionais (Estepe) e mais raramente na restinga litorânea (Itajaí).

Vegeta em campos naturais, desde 10 m até 1400 m de altitude.

Material estudado - SANTA CATARINA: BOM JARDIM DA SERRA: Serra do Oratório, campo, 1400 m, R. Reitz & R. Klein 7682 (9.XII.1958), LP. CAMPO ALEGRE: campo, 1000 m, R. Reitz & R. Klein 5156 (17.X.1957), LP. CAMPOS NOVOS: campo, 1000 m, R. Klein 4171 (29.X.1963), LP. ITAJAÍ: beach at Itajuba, soil very sandy, J. Conrad & W. Dietrich 2082 (6.I.1974), MO. LAGES: Passo do Socorro, campo, 900 m, R. Klein 4413 (1.XI.1963), LP. SÃO JOSÉ DO CERRITO: campo, 900 m, R. Klein 4329 (31.X.1963), LP. SOMBRIO: campo, 10 m, R. Reitz 740 (27.IX.1944), LP.



Mapa 254 - Locais de coleta de *Gamochaeta americana* (Mill.) Wedd. em Santa Catarina.

Área de dispersão - SANTA CATARINA: Nos municípios de Bom Jesus da Serra, Campo Alegre, Campos Novos, Itajaí, Lages, São José do Cerrito e Sombrio.

BRASIL: Também nos Estados do Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. América cálida, desde as Antilhas até a Terra do Fogo e Ilhas Malvinas. Adventícia na NOVA ZELÂNDIA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

6. GAMOCHAETA STACHYDIFOLIA* (Lam.) Cabrera

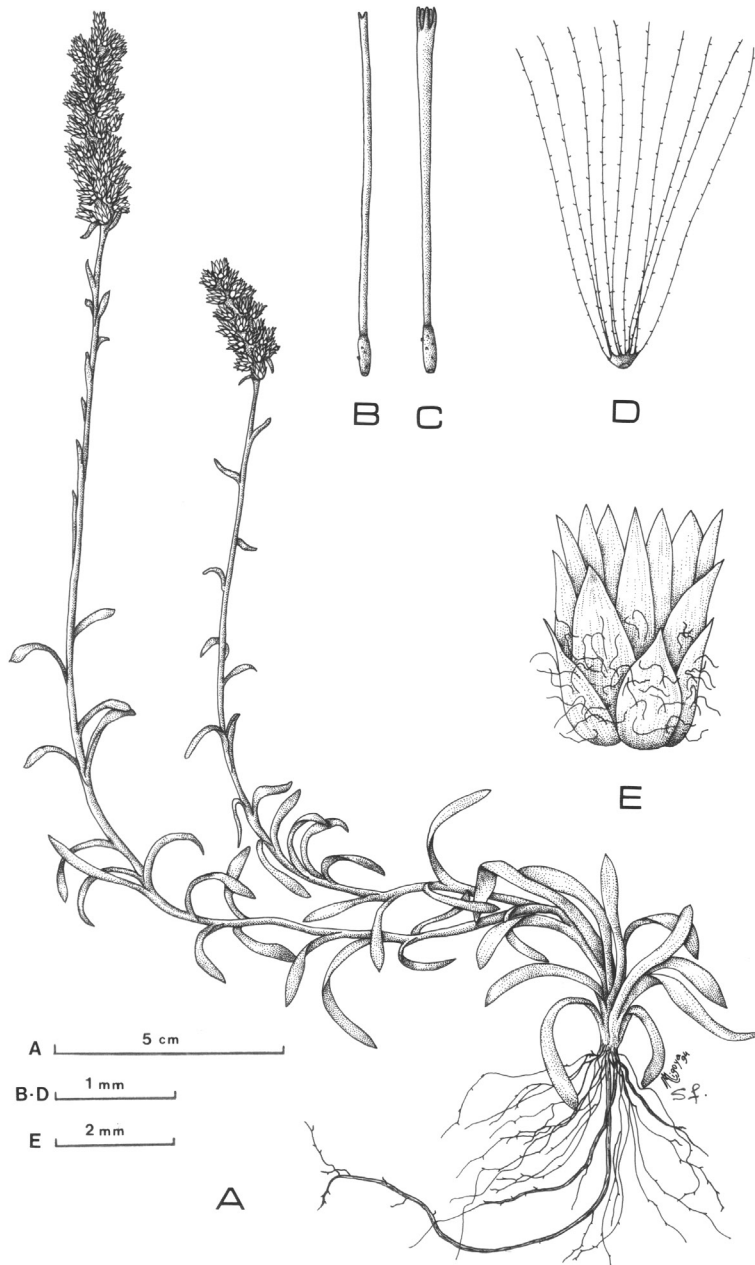
Est. 284, Mapa 255

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 382. 1961.

Gnaphalium stachydifolium Lam., Encycl. 2: 757. 1788.

Gnaphalium purpureum L. var. *stachydifolium* (Lam.) Baker, In: Mart., Fl. bras. 6 (3): 125. 1882.

* *Stachydifolia* – do gênero *Stachys* (Lamiaceae) e *folium* = folia. Relativo as folhas semelhantes ao gênero *Stachys*.



Est. 284 - *Gamochaeta stachydifolia* (Lam.) Cabrera. A - Planta; B - Flor do raio sem pápus; C - Flor do disco sem pápus; D - Pápus; E - Capitulo - (R. Reitz 4845- Original).

ERVA multicaule, perene, de 0,2-0,3 m de altura. Caules ascendentes, simples, branco-tomentosos, laxamente folhosos até o ápice. FOLHAS espaçadas oblanceoladas; obtusas e mucronadas no ápice; longamente atenuadas na base; densamente lanoso-tomentosas em ambas as faces; 2-5 cm x 0,6-2 cm.

CAPÍTULOS dispostos nas axilas das folhas superiores em glomérulos curtamente pedunculados, formando em conjunto pseudo-espigas compactas. INVÓLUCRO campanulado, de ca. 4,5 mm de altura. Filárias ca. 24: as exteriores ovadas, acuminadas no ápice, laxamente lanosas; as interiores oblongo-elípticas, agudas e glabras. FLORES brancas ou rosadas. Flores do raio: ca. 50. Flores do disco: ca. de duas a 3.

AQUÊNIOS oblongo-ovados, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Local do tipo – “Montevideo, Buenos Aires”.

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos – Floração: outubro, dezembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Centro-Oeste** (Mato Grosso do Sul), **Sul** (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina ocorre em restingas litorâneas e em locais pedregosos de altitude da Serra do Rio do Rastro.

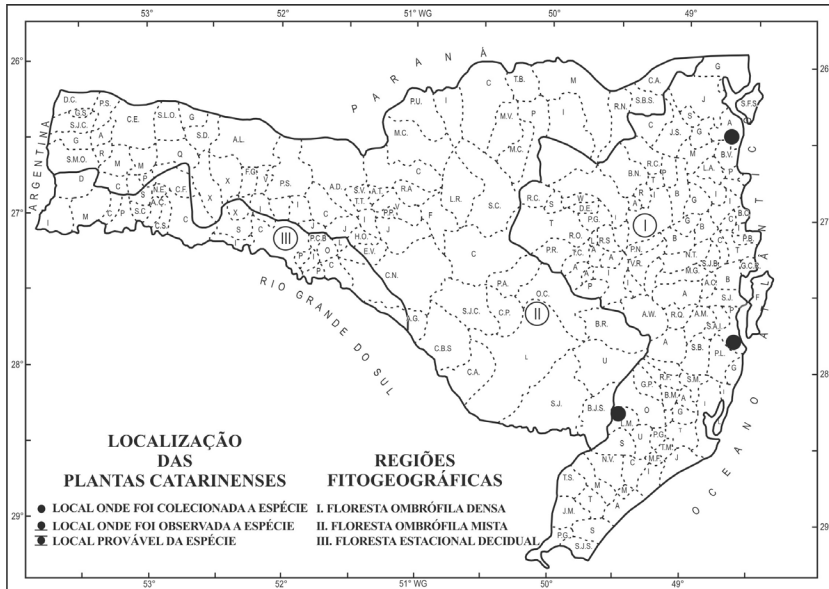
A ecologia desta espécie poderia ser melhor descrita através de um esforço maior de coletas, caracterizando assim melhor os ambientes preferenciais desta espécie, uma vez que as atuais coletas demonstram uma certa descontinuidade de habitats.

Material estudado – SANTA CATARINA: BALNEÁRIO BARRA DO SUL: Barra do Sul, dunas do litoral, 2 m, R. Reitz 5807 (29.X.1953), LP. LAURO MÜLLER: Serra do rio do Rastro, cerca de 1400m, erva níveo lanosa, em afloramento rochoso, L. P. Deble & A. S. de Oliveira-Deble 2088 (14-XII-2003) SI. PALHOÇA: Campo do Maciambu, R. Reitz 4845 (18.XII.1952), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Balneário Barra do Sul, Lauro Müller e Palhoça.

BRASIL. Sudeste (São Paulo) e sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul). América subtropical: CHILE, URUGUAI e nordeste da ARGENTINA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial melífera.



Mapa 255 – Locais de coleta de *Gamochaeta stachydifolia* (Lam.) Cabrera em Santa Catarina.

7. GAMOCHAETA COARCTATA* (Willd.) Kerguélen.

ERVA-MACIA

Est. 285, Mapa 256

Kerguélen, *Lejeunia* 120: 104. 1987.

Gnaphalium coarctatum Willd., *Sp. pl.* 3 (3): 1886. 1803.

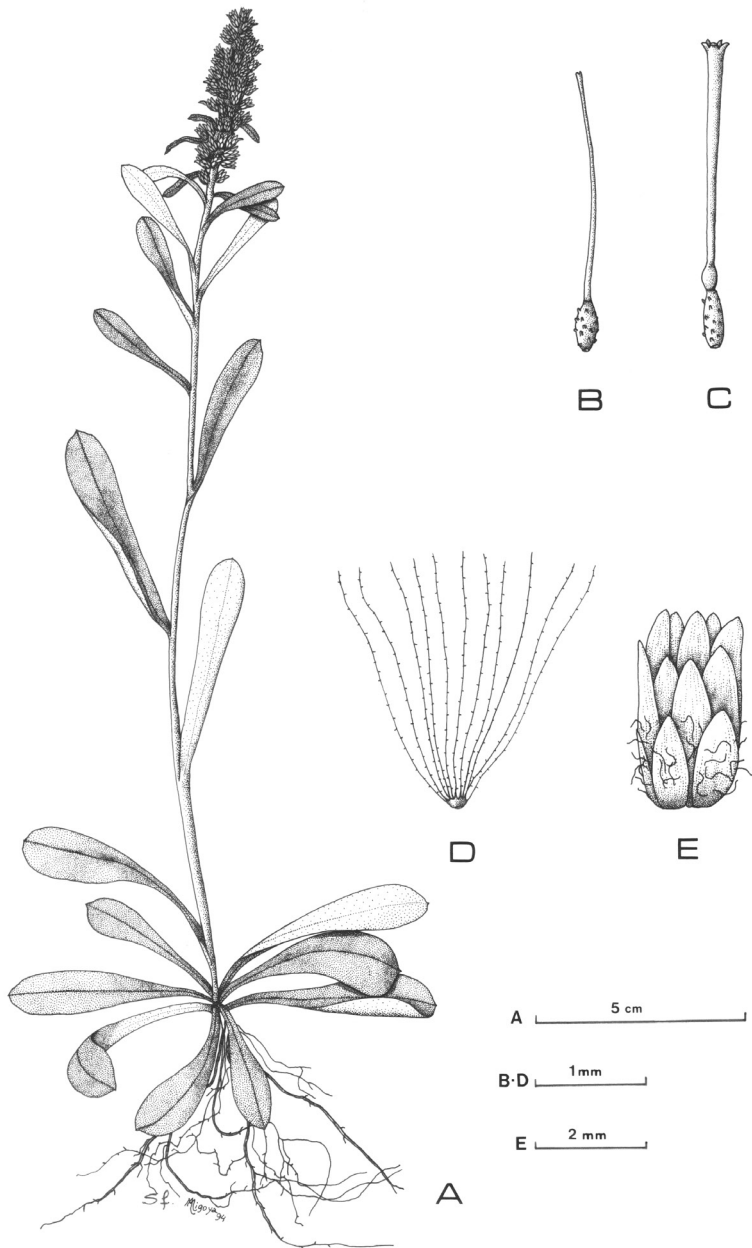
Gnaphalium spicatum Lam., *Encycl.* 2: 757. 1788, non Miller, 1768.

Gnaphalium purpureum L. var. *spicatum* (Lam.) Baker, in *Mart., Fl. brasil.* 6 (3): 124. 1882.

Gamochaeta spicata (Lam.) Cabrera, *Bol. Soc. Argent. Bot.* 9: 380. 1961 [comb. illeg.].

ERVA multicaule, bienal ou perene, de 0,15-0,6 m de altura. Caules normalmente ascendentes e simples, lanosos. FOLHAS inferiores dispostas em roseta; espatuladas; inteiras ou ligeiramente crespas na margem; obtusas e mucronadas no ápice; atenuadas em pseudopecíolo na base; discolors,

* Coarctata do latim *coarctatus* = apertado. Relativo a inflorescencias compacta.



Est. 285 – *Gamochaeta coarctata* (Willd.) Kerguelén. A – Planta; B – Flor do raio sem pápus; C – Flor do disco sem pápus; D – Pápus; E – Capítulo – (L. B. Smith & R. Reitz 12824 - Original).

lanuginosas ou glabrescentes na face superior e densamente alvo-lanosas na face inferior; de 5-8 x 1,2-1,8 cm. Folhas medianas e superiores espaçadas gradualmente menores e obovadas.

CAPÍTULOS dispostos em uma pseudo-espiga compacta e simples. INVÓLUCRO hemisférico de ca. 3 mm de altura. Filárias 18-20: as exteriores largamente ovadas, arredondadas, lanuginosas no dorso; as interiores oblongas, arredondadas e obtusas no ápice, glabras. FLORES esbranquiçadas. Flores do raio: ca. 85. Flores do disco: uma a 4.

AQUÊNIOS oblongo-elípticos, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação - Espécie afim a *Gamochaeta americana*. Ambas são muito parecidas entre si: ervas multicaules com folhas inferiores em roseta e caules ascendentes; folhas espatuladas, lanuginosas ou glabrescentes na face superior e densamente lanosas na inferior; capítulos agrupados em pseudo-espigas compactas. *Gamochaeta coarctata* se diferencia de *G. americana* por seus capítulos com filárias arredondadas e obtusas no ápice.

Local do tipo – “Montevideo, Buenos Aires”.

Nome vulgar – Erva-macia, macela-branca, meloso. Na Argentina: “percán-percán” (Freire, S. E. *et al.* 2005); No Paraguai: “virá-virá” (Freire, 1998).

Dados fenológicos – Floração: junho, setembro e outubro.

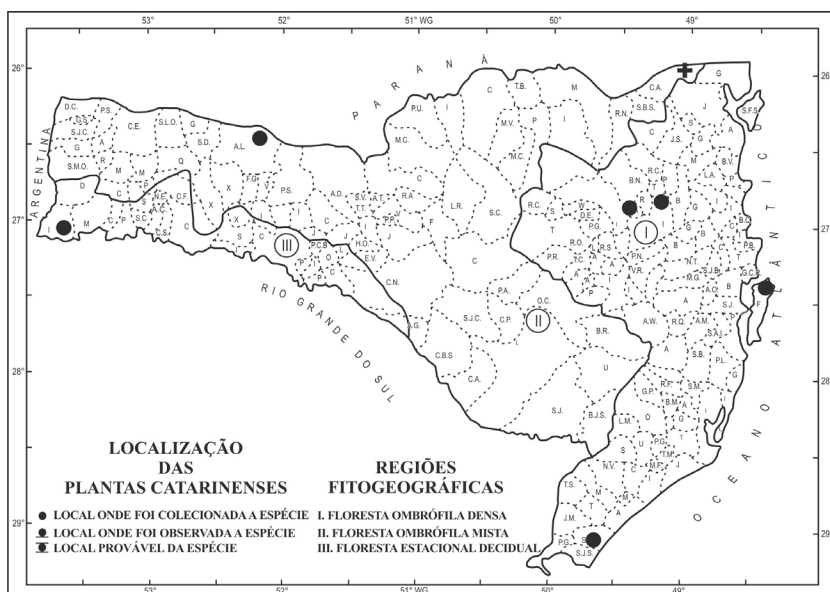
Observações ecológicas – Segundo Loewille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Nordeste** (Bahia), **Centro-Oeste** (Distrito Federal), **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina, provavelmente esta espécie tenha caráter ruderal, uma vez que a maioria das coletas registra sua ocorrência em pastagens e áreas de agricultura. A única coleta que não faz registro ao seu caráter ruderal é a de Sombrio onde a espécie estava sobre dunas. Um maior esforço de coletas sobre as regiões de restingas poderia indicar se esta espécie tem ocorrência natural neste ambiente ou se lá também ocorre também como ruderal.

Kissmann & Groth (1997) registra esta espécie como infestante e aceita uma ampla faixa de tipos de solos, tanto pesados como arenosos.

Material estudado - SANTA CATARINA: ABELARDO LUZ: low pastured woods, 12 km north of Abelardo Luz, ca. 26 32' S, 52 20' W, 900-1000 m, L. B. Smith & R. Reitz 12824 (23.X.1964), LP. ASCURRA: roça, R. Klein 519 (11.VI.1953), LP. FLORIANÓPOLIS: Ilha de Santa Catarina, Lagoa do Peri, ruderal, 5 m, R. Klein, Souza Sob. & Bresolin 5841 (5.X.1964), LP. IBIRAMA: Rafael, pasto, 200 m, R. Klein 667 (24.X.1953), LP. ITAJAÍ: ruderal, 5 m, R. Klein 2539 (26.IX.1961), LP. ITAPIRANGA: pasture, steep by rio Uruguai,

3 km west of Itapiranga, ca. 27 10' S, 53 44' W, 200-250 m, L. B. Smith & R. Reitz 12651 (17.X.1964), LP. SOMBRIO: dunas do litoral, 1 m, R. Reitz C805 (19.X.1944), LP.



Mapa 256 - Locais de coleta de *Gamochaeta coarctata* (Willd.) Kerguelen ● e *Gamochaeta hiemalis* Cabrera + em Santa Catarina.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Aberlardo Luz, Ascurra, Florianópolis, Ibirama, Itapiranga e Sombrio.

BRASIL: Nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Espécie amplamente distribuída na América do Sul: CHILE, PARAGUAI, URUGUAI e ARGENTINA. Adventícia na NOVA ZELÂNDIA.

Utilidades - Apenas citada como planta infestante na agricultura. Potencial melífera.

8. GAMOCHAETA HIEMALIS* Cabrera

Est. 286, Mapa 256

A. L. Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 373. 1961.

Gnaphalium hiemale Rizzini, Rev. Bras. Biol. 7: 278. 1947, non Walter, 1788.

Gamochaeta hiemalis (Rizzini) Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 373. 1961. [comb. illeg.]

Gamochaeta brasiliiana Deble, Balduinia 5: 16. 2005 [nom. superfl.]

* Hiemalis – relativo ao inverno.

ERVA multicaule, perene, de 0,2-0,5 m de altura. Caules ascendentes e densamente alvo-lanosos. FOLHAS uniformemente distribuídas ao longo do caule; elípticas; agudas no ápice e atenuadas na base; concolores, alvo-lanosas em ambas as faces; de 1,5-4 x 0,3-0,6 cm.

CAPÍTULOS dispostos na axila das folhas superiores, formando pseudo-espigas muito alongadas e interrompidas. INVÓLUCRO oblongo, campanulado depois da antese, de 3-4,5 mm de altura. Filárias ca. 20: as exteriores ovadas, arredondadas no ápice, lanuginosas no dorso; as interiores oblongas, arredondadas no ápice, glabras. FLORES brancas, purpurescentes no ápice. Flores do raio: ca. 30-50. Flores do disco: ca. 5.

AQUÊNIOS oblongos ou oblongo-elípticos, pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação - Espécie muito característica pela forma elíptica das folhas, pelo denso tomento alvo-lanoso, disposição dos capítulos e filárias com ápices arredondados.

Local do tipo – “Brasil: São Paulo, Campos do Jordão, Campos-Porto.”

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos – Floração: o único material coletado em Santa Catarina estava florido no mês de dezembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina).

Espécie com ocorrência restrita aos campos rupestres de altitude, tendo distribuição bastante rara no Estado de Santa Catarina.

Sugere-se um esforço de coleta para caracterizar melhor a distribuição geográfica desta espécie e seu estatus de conservação. Possivelmente deva ser incluída na lista de espécies ameaçadas de extinção para Santa Catarina.

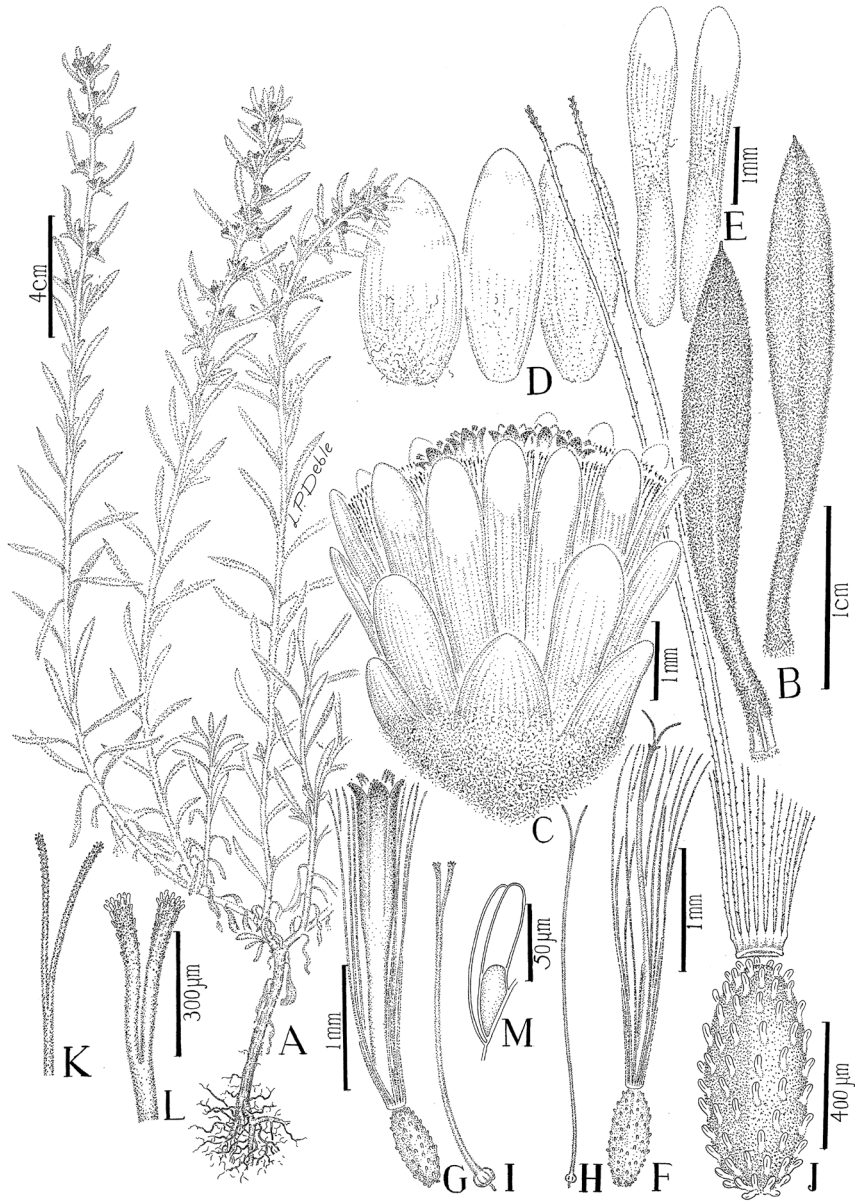
Material estudado - SANTA CATARINA: CAMPO ALEGRE: Serra do Quiriri, 1450 m, O. S. Ribas, P. Labiak & J. Cordeiro 6516 (27-XII-2004) MBM.

PARANÁ: JAGUARIAÍVA: Fazenda Cajuru, do campo pedregoso, G. Hatschbach, L. B. Smith & R. Klein 12262 (18-I-1965) MBM. PIRAI DO SUL: Serra das Furnas, campo limpo, junto a afloramento rochoso, J. Carneiro 940 (30-IV-2000) MBM.

SÃO PAULO: CAMPOS DO JORDÃO, P. Campos-Porto 3122, RB.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: No município de Campo Alegre, sendo conhecida apenas por uma única coleta.

BRASIL: também ocorre no Paraná, São Paulo e Minas Gerais.



Est. 286 – *Gamochaeta hiemalis* Cabrera. A – Planta; B – Folha; C – Capitulo; D – Filárias externas; E – Filárias medianas e internas; F – Flor marginal; G – Flor do disco; H – Estigma da flor do raio; I – Estigma da flor do disco; J – Aquênio e pápus; K – Ápice do estigma da flor do raio; L – Ápice do estigma da flor do disco; M – Tricoma do aquênio; (O. S. Ribas et al. 6516 – Original).

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencial como melífera.

9. GAMOCHAETA PENNSYLVANICA* (Willd.) Cabrera

Est. 287, Mapa 257

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot., 9: 375. 1961.

Gnaphalium pensylvanicum Willd., Enum. pl.: 867. 1809.

Gnaphalium spathulatum Lam., Encycl. 2: 758. 1786, non Burn. f. 1768.

Gnaphalium purpureum L. var. *spathulatum* (Lam.) Baker, In: Mart., Fl. bras. 6 (3): 125. 1882.

Gnaphalium peregrinum Fernald, Rhodora 45: 479, tab. 795. 1943.

ERVA multicaule, bienal ou perene, de 0,2-0,4 m de altura. Caules ascendentes, ramificados, laxamente alvo-lanosos. FOLHAS espaçadas uniformemente distribuídas em todo o caule; espatuladas; obtusas e mucronadas no ápice; atenuadas em pseudopecíolo na base; laxamente alvo-lanosas em ambas as faces; de 4-4,5 x 0,8-1 cm.

CAPÍTULOS dispostos em uma pseudo-espiga folhosa, compacta e simples, só interrompida na base. INVÓLUCRO hemisférico de 3-3,5 mm de altura. Filárias ca. 18: as exteriores ovadas, apiculadas e lanuginosas no dorso; as interiores oblongo-ovadas, arredondadas e obtusas no ápice, lanuginosas até glabras no dorso. FLORES brancas. Flores do raio: ca. 70. Flores do disco: ca. 3.

AQUÊNIOS oblongo-elípticos, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

Observação - *Gamochaeta pensylvanica* é facilmente reconhecida por suas folhas espatuladas, laxamente lanosas em ambas as faces (ligeiramente mais verdes na face superior), e por seus capítulos com filárias internas obtusas.

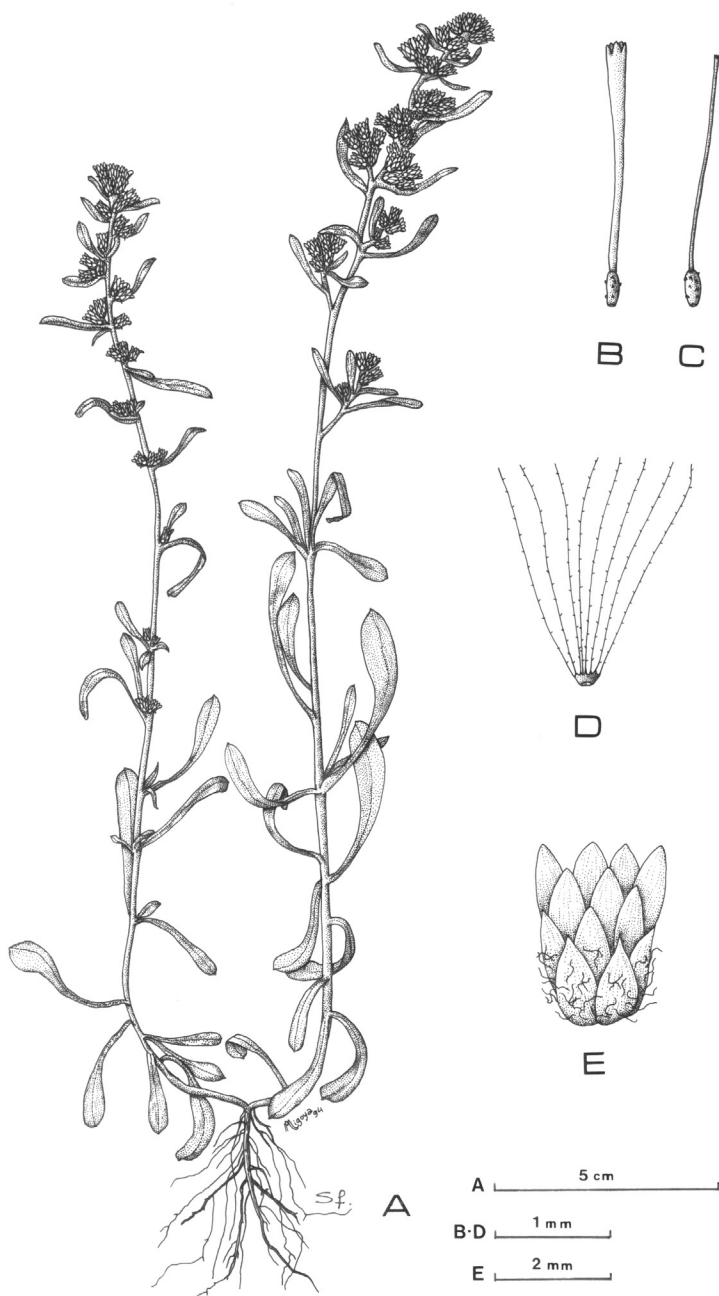
Local do tipo – “Estados Unidos, Pensylvania”.

Nomes vulgares – Sem nome vulgar.

Dados fenológicos - Floração: setembro e novembro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Norte** (Rondônia), **Nordeste** (Ceará, Paraíba, Bahia), **Centro-Oeste** (Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul), **Sudeste** (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

* *Pensylvanica* – da Pensilvânia (Estado Norte Americano), de onde deve ter vindo o tipo da espécie.



Est. 287 - *Gamochaeta pensylvanica* (Willd.) Cabrera. A - Planta; B - Flor do raio sem pápus; C - Flor do disco sem pápus; D - Pápus; E - Capítulo - (R. Reitz C1219- Original).

Em Santa Catarina possivelmente ocorra em ambientes naturais no planalto meridional (Estepe), onde, contudo, se caracteriza como espécie rara. Como espécie infestante de agricultura foi registrada em roças na faixa litorânea (Florianópolis e Sombrio).

Material estudado: SANTA CATARINA: FLORIANÓPOLIS: Ribeirão, Tapera, roça de solo arenoso, 5 m, R. Klein & Bresolin 8754 (23.IX.1970), LP. LAGES: Morro do Pinheiro Seco, campo, 950 m, R. Klein 4496 (1.XI.1963), LP. SOMBRIO: nas plantações, 10 m, R. Reitz C1219 (15.IX.1945), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Nos municípios de Florianópolis, Lages e Sombrio.

BRASIL: Ocorre em todo o sul e sudeste do Brasil. América cálida: desde o sul dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA até o centro da ARGENTINA. Adventícia na NOVA ZELÂNDIA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Potencialmente melífera.

10. GAMOCHAETA CALVICEPS* (Fernald) Cabrera

VIRA-VIRA

Est. 288, Mapa 257

Cabrera, Bol. Soc. Argent. Bot. 9: 368. 1961.

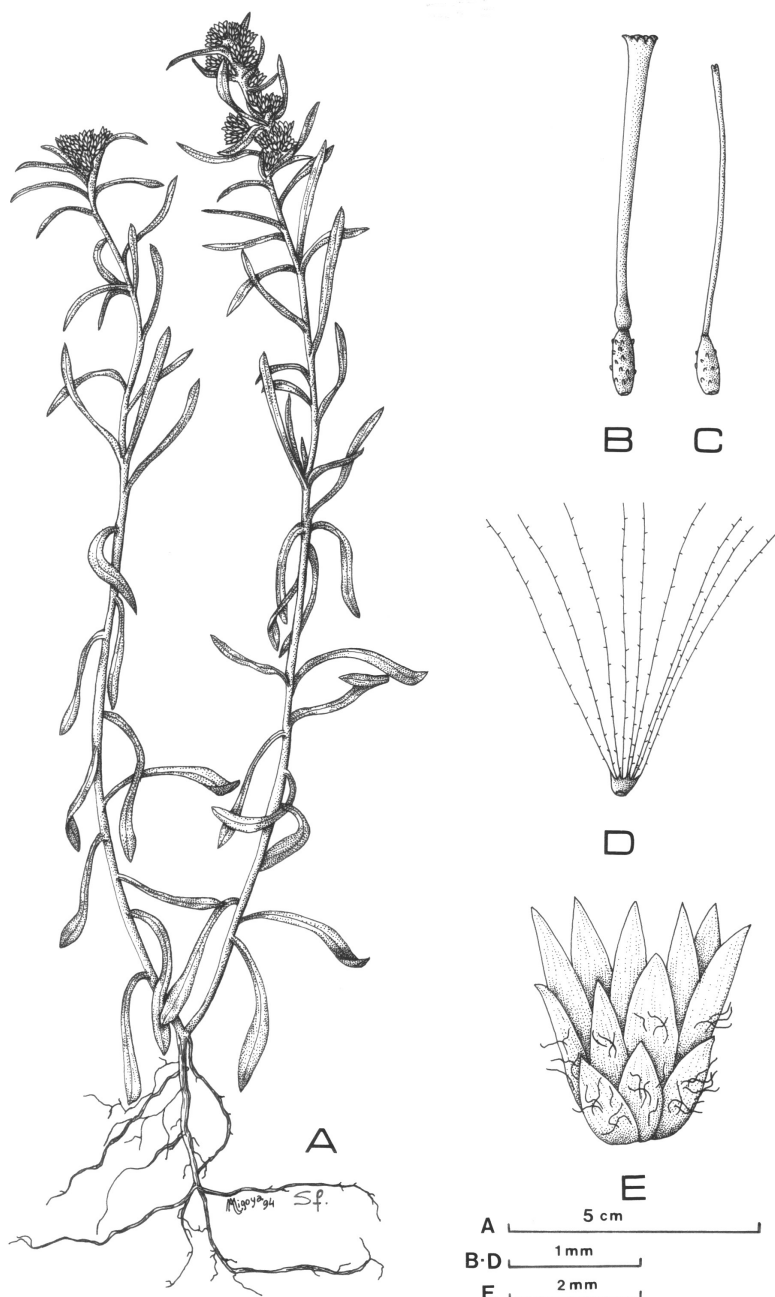
Gnaphalium calviceps Fernald, Rhodora 37: 449, tab. 405. 1935.

ERVA multicaule, anual ou bianual, de 0,1-0,5 m de altura. Caules ascendentes simples ou ramificados, gris-lanosos. FOLHAS inferiores aproximadas; oblanceoladas; agudas e mucronadas no ápice; longamente atenuadas na base; laxamente lanosas em ambas as faces; de 2,5-4,5 x 0,2-0,5 cm. Folhas medianas e superiores espaçadas, linear-obovadas.

CAPÍTULOS dispostos em uma pseudo-espiga alongada, curtamente ramificada e interrompida na base. INVÓLUCRO hemisférico de 3-4 mm de altura. Filárias ca. 20: as exteriores ovadas, apiculadas, lanuginosas no dorso; as interiores oblongo-elípticas, obtusas e arredondadas no ápice, glabras. FLORES brancas, purpurescentes no ápice. Flores do raio: ca. 50. Flores do disco: duas a 4.

AQUÊNIOS oblongos ou oblongo-elípticos, curtamente pubescentes. PÁPUS do mesmo comprimento que a corola.

* Calviceps – do latim calvus = calvo e ceps = cabeça; Relativo, provavelmente, ao aspecto dos capítulos, lembrando cabeças calvas.



Est. 288 - *Gamochaeta calviceps* (Fernald) Cabrera A - Planta; B - Flor do raio sem pápus; C - Flor do disco sem pápus; D - Pápus; E - Capítulo - (R. Reitz C1273- Original).

Observação – Espécie muito parecida com *G. falcata* por suas folhas oblanceoladas e alvo-lanosas em ambas as faces. *G. calviceps* difere de *G. falcata* pela menor densidade de pelos nas folhas e por seus capítulos com filárias internas obtusas.

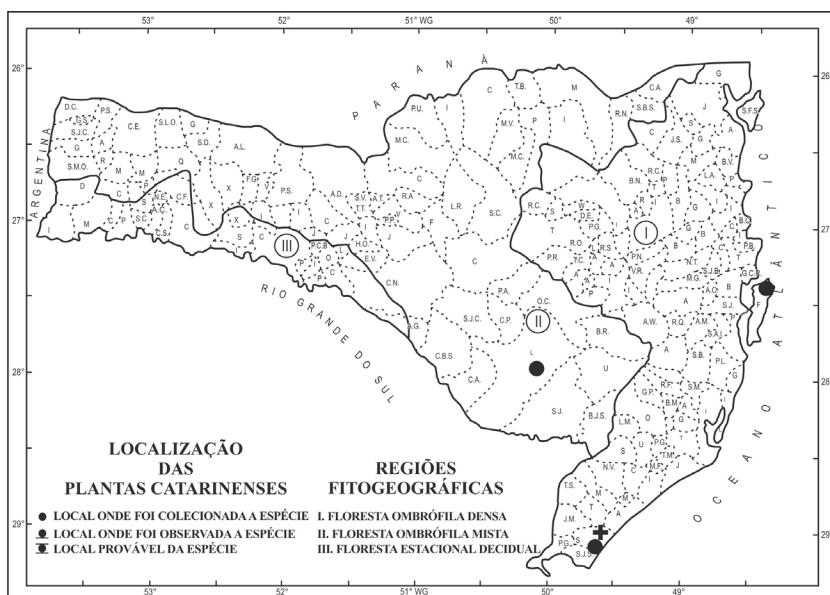
Local do tipo – “Estados Unidos, Estado de Virginia, sandy pinelands, The Desert, Cape Henry, 28/29-VII-1934, Fernald & Long 4245.”

Nomes vulgares – Na Argentina: “vira-vira” (Freire et al. 2005).

Dados fenológicos – Floração: setembro-outubro.

Observações ecológicas – Segundo Loeuille (2010) esta espécie tem distribuição geográfica nas regiões **Sudeste** (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), **Sul** (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Em Santa Catarina a espécie é muito rara e até o momento apenas foi encontrada como planta ruderal. Provavelmente não nativa deste Estado, trazida como semente contaminante em alguma cultura.



Mapa 257 – Locais de coleta de *Gamochaeta pensylvanica* (Willd.) Cabrera ● e *Gamochaeta calviceps* (Fernald) Cabrera + em Santa Catarina.

Material estudado – SANTA CATARINA: SOMBRIO: nas plantações, 10 m, R. Reitz C1218 (15.IX.1945), LP; ruderal, 10 m, R. Reitz C1273 (9.X.1945), LP.

Área de dispersão – SANTA CATARINA: Até o momento, somente encontrada no município de Sombrio.

BRASIL – Sul e sudeste do Brasil. América cálida, desde os ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA até o centro da ARGENTINA. Adventícia na NOVA ZELÂNDIA.

Utilidades – Sem indicação de utilidade. Encontrada como planta infestante na agricultura.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Capucho, L. C. **Estrutura do capítulo e suas implicações na reprodução de *Lucilia lycopodioides* (Less.) Freire (Asteraceae, Asteroideae).** Dissertação. Biologia Comparada, USP/FFCLRP. 2008. 50p.

Carney, J. R.; Krenisky, J. M.; Williamson, R. T. & Luo, J. Achyrofuran, a new antihyperglycemic dibensofuran from the South American medicinal plant *Achyrocline satureioides*. **J. Nat. Prod.** **65(2):** 203 – 205.2002.

Dickel, L. **Plants popularly used for loosing weigh purpose in Porto Alegre-South Brazil.** Monografia de Bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Ciências Biológicas, Porto Alegre, 44p. 2005.

Dickel L.; Ritter, M.R. & Barros, I. B. I. *Achyrocline satureioides*. In: MMA, **Plantas do Futuro**, 2011(em impressão).

Freire, S. E. & E. Urtubey. Compuestas medicinales de la provincia biogeográfica pampeana: Claves para su determinación e iconografías. **Parte IV. Compuestas con capítulos isomorfos y papus no piloso (grupo 4).** **Acta Farm. Bonaerense** **19 (1):** 11-44. 2000

Freire, S. E., Sancho, G., Urtubey, E., Bayon, N., Katinas, L., Giuliano, D., Gutierrez, D., Saenz, A., Iharlegui, L., Monti, C. & D. Delucchi. **Catalogue of Asteraceae of Chacoan Plain.** Argentina. Comp. Newsl. 43, 126 pp. 2005.

Hayashi A. H. & Appezzato-da-glória B. Morfo-anatomia de sistemas subterrâneos gemíferos de quatro espécies de Asteraceae do Cerrado. **Resumo apresentado no 54º Congresso Nacional de Botânica**, Belém, PA. 2003.

Loeuille, B. **Pterocaulon.** Forza et al. Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeuille, B. **Stenachaenium.** Forza et al. Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Tessaria**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Pluchea**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Facelis**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Chevreulia**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Achyrocline**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Pseudognaphalium**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Lucilia**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Loeulle, B. **Gamochaeta**. Forza *et al.* Catálogo de plantas e fungos do Brasil. Rio De janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, Instituto de Pesquisas Jardim Botanico do Rio de Janeiro, 2010. 2v.

Meragelman, T.L.; Silva, G.L.; Mongelli, E. & Gil, R.R. Entpimarane type diterpenes from *Gnaphalium gaudichaudianum*. **Phytochemistry** 62(4): 569-72. 2003.

Silva, R. E.; Machado, R. & Ritter, M. R. Espécies de “macela” utilizadas como medicinais no Rio Grande do Sul. **Pesquisa, Botanica** 58: 395 – 406.2007.

Simões, C. M.; Schenkel, E. P.; Bauer, L. & Langeloh, A. Pharmacological investigations on *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC., Compositae. **Journal of Ethnopharmacology**, 22(3); 281 – 293.1988.

Kadarian, C.; Broussalis, A. M.; Miño, J.; Lopez, P.; Gorzalczany, S.; Ferraro, G. & Acevedo, C. Hepatoprotective activity of *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. **Pharmacological Research**, 45: 57 – 61. 2002.

Kissmann, K. G & Groth, D. **Plantas infestantes e nocivas**. Tomo II, 2. ed. São Paulo: BASF, 1997. 798 p.

Lanceloh, A. & Schenkeçl, E. P. Atividade anti-espasmódica do extrato alcohólico de Marcela (*Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. Compositae) sobre a musculatura lisa genital de ratos. **Cadernos de Farmácia** 1(1): 38-45. 1985.

ÍNDICE

- Achyrocline** (Less.) DC. **1126**
Achyrocline alata (Kunth) DC. **1135; fig. pg. 1136; mapa pg. 1138**
Achyrocline argentina O. Hoffm. 1135
Achyrocline citrina Griseb. 1132
Achyrocline flaccida (Weinm.) DC. **1132; fig. pg. 1133; mapa pg. 1134**
Achyrocline flavescens Griseb. 1135
Achyrocline pterocaula DC. 1135
Achyrocline satureioides (Lam.) DC. **1127, 1128; fig. pg. 1129; mapa pg. 1131**
Aliso 1104
Alquitrán 1128
Annual trampweed 1129
Baccharis erioptera Benth. 1089
Baccharis polyptera DC. 1082
Carái caso 1072, 1074, 1088, 1091
Carái tuyá 1086, 1088
Carái tuyá caso 1072, 1074, 1091
Chevreulia Cass. **1120**
Chevreulia acuminata Less. **1124; fig. pg. 1125; mapa pg. 1126**
Chevreulia elegans Rusby 1124
Chevreulia filiformis Hook. & Arn. 1124
Chevreulia longipes Wedd. 1124
Chevreulia sarmentosa (Pers.) Blake **1121; fig. pg. 1122; mapa pg. 1123**
Chevreulia stolonifera Cass. 1121
Chevreulia thouarsii J. Rémy 1121
Chlaenobolus Cass. 1069
Chlaenobolus alopecuroides (Lam.) Cass. 1089
Chlaenobolus rugosus (Vahl) Cass. 1074
Chlaenobolus virgatus (L.) Cass. 1086
Conyza alopecuroides Lam. 1089
Conyza marilandica Michx. **1107**
Conyza megapotamica Spreng. 1096
Conyza pycnostachya Michx. 1069
Conyza rugosa Vahl 1074
Conyza sagittalis Lam. 1108
Conyza virgata (L.) L. 1086
Epaltes brasiliensis DC. 1108
Erva jacaré 1070
Erva-lucera 1108
Erva-macia 1178, 1180
Facelis Cass. **1117**
Facelis apiculata Cass. 1117
Facelis retusa (Lam.) Sch. Bip. **1117; fig. pg. 1118; mapa pg. 1120**
Falso yatei-caá 1132
Frezadilla negra 1094
Gamochoeta Wedd. **1159**
Gamochoeta americana (Mill.) Wedd. **1160; fig. pg. 1173; mapa pg. 1175**
Gamochoeta americana var. *alpina* Wedd. 1174
Gamochoeta brasiliensis Deble 1181
Gamochoeta calviceps (Fernald) Cabrera **1186; fig. pg. 1187; mapa pg. 1188**
Gamochoeta coarctata (Willd.) Kerguelen **1178; fig. pg. 1179; mapa pg. 1181**
Gamochoeta falcata (Lam.) Cabrera **1164; fig. pg. 1165; mapa pg. 1164**
Gamochoeta filaginea (DC.) Cabrera **1166**
Gamochoeta guatemalensis (Gand.) Cabrera 1174
Gamochoeta hiemalis Cabrera **1181; fig. pg. 1183; mapa pg. 1181**
Gamochoeta hiemalis (Rizzini) Cabrera 1181

- Gamochaeta nigrevestis** Deble & Marchiori 1170; fig. pg. 1171; mapa pg. 1172
- Gamochaeta pensylvanica** (Willd.) Cabrera 1184; fig. pg. 1185; mapa pg. 1188
- Gamochaeta platensis** (Cabrera) Cabrera 1161; fig. pg. 1162; mapa pg. 1164
- Gamochaeta simplicicaulis** (Willd. ex Spreng.) Cabrera 1167; fig. pg. 1168, mapa pg. 1169
- Gamochaeta spicata* (Lam.) Cabrera 1178
- Gamochaeta stachydifolia** (Lam.) Cabrera 1175; fig. pg. 1176; mapa pg. 1178
- Gamochaeta stagnalis* (I. M. Johnst.) Anderb. 1166
- Gnaphalium** L. p.p. 1138
- Gnaphalium* subgen. *Achyrocline* Less. 1126
- Gnaphalium* subgen. *Gamochaeta* (Wedd.) Gren. 1159
- Gnaphalium* sect. *Gamochaeta* (Wedd.) O. Hoffm. 1159
- Gnaphalium acutifolium* Phil. 1143
- Gnaphalium alatum* Kunth 1135
- Gnaphalium americanum* Mill. 1160, 1172
- Gnaphalium araucanum* Phil. 1143
- Gnaphalium calicinum* Poir. 1121
- Gnaphalium calviceps* Fernald 1186
- Gnaphalium cheiranthifolium* Lam. 1143
- Gnaphalium cheiranthifolium* var. *gaudichaudianum* (DC.) Baker 1140
- Gnaphalium cheiranthifolium* var. *paniculatum* (Colla) Skotts. 1143
- Gnaphalium cheiranthifolium* var. *riedelianum* (Klatt) Baker 1143
- Gnaphalium cheiranthifolium* var. *subrufescens* (DC.) Baker 1140
- Gnaphalium citrinum* Hook. & Arn. 1143
- Gnaphalium coarctatum* Willd. 1178
- Gnaphalium commersonii* Spreng. 1156
- Gnaphalium consanguineum* Gaudich. 1172
- Gnaphalium erectum* Vell. 1143
- Gnaphalium falcatum* Lam. 1164
- Gnaphalium flaccidum* Weinm. 1132
- Gnaphalium gaudichaudianum* DC. 1140
- Gnaphalium gaudichaudianum* var. *subrufescens* DC. 1140
- Gnaphalium guatemalense* Gand. 1174
- Gnaphalium heteroides* Klatt 1164
- Gnaphalium hiemale* Rizzini 1181
- Gnaphalium jamesonii* (Baker) Kuntze 1156
- Gnaphalium mendocinum* Phil. 1140
- Gnaphalium oxyphyllum* DC. 1139
- Gnaphalium paniculatum* Colla 1143
- Gnaphalium pensylvanicum* Willd. 1184
- Gnaphalium peregrinum* Fernald 1184
- Gnaphalium platense* Cabrera 1161
- Gnaphalium purpureum* var. *americanum* (Mill.) Klatt 1172
- Gnaphalium purpureum* var. *falcatum* (Lam.) Torr. & A. Gray 1164.
- Gnaphalium purpureum* var. *simplicicaule* (Willd. ex Spreng.) Klatt 1167
- Gnaphalium purpureum* var. *spathulatum* (Lam.) Baker 1184
- Gnaphalium purpureum* var. *spicatum* (Lam.) Baker 1178
- Gnaphalium purpureum* var. *stachydifolium* (Lam.) Baker 1175
- Gnaphalium retusum* Lam. 1117
- Gnaphalium riedelianum* Klatt 1143
- Gnaphalium satuireioides* Lam. 1127, 1128

- Gnaphalium simplicicaule* Willd. ex Spreng. 1167
Gnaphalium spathulatum Lam. 1184
Gnaphalium spicatum Lam. 1178
Gnaphalium stachydifolium Lam. 1175
Gnaphalium stachydifolium var. *falcatum* (Lam.) Klatt 1164
Gnaphalium stagnale I. M. Johnst. 1164
Gnaphalium suaveolens Vell. 1108
Gnaphalium valdivianum Phil. 1143
Gnaphalium virescens (Less.) Kuntze 1156
Gnaphalium virgatum L. 1086
Helychrysum montevidense Spreng. 1156
Helichrysum retusum (Lam.) Spreng. 1117
Huíra-huíra 1144
Hymenopholis imbricata Gardner 1148
Inula L. 1068
Jakare ka'a 1091, 1108
Jakare ka'a rogue po'i 1072
Jate'I ka'a 1137
Jate'I ka'a estero 1128
Jate'I ka'a ete 1137
Jate'I ka'a hatà 1123
Jate'i ka'a miri 1124
Ka'a tingy 1088
Kitó 1079, 1081, 1108
Lengua de buey 1101
Leptalea apiculata D. Don ex Hook. & Arn. 1117
Leria caespitosa Spreng. 1121
Lingua-de-boi 1099
Lucera 1108
Lucilia Cass. s. str. Anderb. & S.E. Freire **1146**
Lucilia sect. *Intermediae* S.E. Freire 1146
Lucilia acutifolia (Poir.) Cass. **1147, 1156; fig. pg. 1157; mapa pg. 1159**
Lucilia flagelliformis Wedd. 1148
Lucilia glomerata Baker 1148
Lucilia jamesonii Baker 1156
Lucilia linearifolia Baker **1151; fig. pg. 1152; mapa pg. 1151**
Lucilia lundii Baker 1156
Lucilia lycopodioides (Less.) S.E. Freire **1147; fig. pg. 1149; mapa pg. 1151**
Lucilia microphylla Cass. 1156
Lucilia nitens Less. **1153; fig. pg. 1154; mapa pg. 1156**
Macela-branca 1141, 1161, 1163, 1180
Macelinha 1117
Marcela 1128, 1132, 1135, 1144
Marcela blanca 1072
Marcela brasílera 1137
Marcela de campo 1128
Marcela hembra 1128
Marcela macho 1132, 1140, 1143, 1144
Marcela manzanilla 1128
Marcelinha 1124, 1141, 1144
Marcelinha-rasteira 1121, 1123
Marcelita 1128, 1144
Maryva 1078
Meloso 1180
Monoteles Labill. 1069
Nasherek itaá 1108
Oligandra Less. 1146
Oligandra lucilioides Less. 1148
Oligandra lycopodioides Less. 1148
Pachyrhynchus DC. 1146
Pachyrhynchus xeranthemoides DC. 1156
Pájaro bobo 1104
Palo bobo 1104
Percán-percán 1180
Pluchea Cass. **1107**
Pluchea laxiflora Hook. & Arn. ex Baker **1111; fig. pg. 1112; mapa pg. 1113**

Pluchea macrophylla Sch. Bip. ex Baker 1111

Pluchea marilandica (Michx.) Cass. 1107

Pluchea oblongifolia DC. 1114; fig. pg. 1115; mapa pg. 1116

Pluchea organensis Gardner 1114

Pluchea quitoc DC. 1108

Pluchea sagittalis (Lam.) Cabrera 1108; fig. pg. 1109; mapa pg. 1111

Pluchea suaveolens (Vell.) Kuntze 1108

Pseudognaphalium austrobrasilicum Deble & Marchiori 1140

Pseudognaphalium Kirp. 1138

Pseudognaphalium cheiranthifolium (Lam.) Hilliard & Burt 1143; fig. pg. 1145; mapa pg. 1146

Pseudognaphalium gaudichaudianum (DC.) Anderb. 1140; fig. pg. 1141; mapa pg. 1142

Pseudognaphalium mendocinum (Phil.) Deble & Marchiori 1140

Pseudognaphalium oxyphyllum (DC.) Kirp. 1139

Pterocaulon Elliott 1069

Pterocaulon alopecuroides (Lam.) DC. 1089; fig. pg. 1090; mapa pg. 1092

Pterocaulon alopecuroides var. *glabrescens* Chodat 1089

Pterocaulon alopecuroides var. *mollis* Chodat 1074

Pterocaulon alopecuroides var. *polystachyum* DC. 1089

Pterocaulon angustifolium DC. 1070; fig. pg. 1071; mapa pg. 1073

Pterocaulon bakeri Malme 1084

Pterocaulon balansae Chodat 1079; fig. pg. 1080; mapa pg. 1082

Pterocaulon cordobense Kuntze 1086

Pterocaulon interruptum DC. 1089

Pterocaulon interruptum auct. non DC. 1079

Pterocaulon interruptum var. *monostachyum* DC. 1089

Pterocaulon interruptum var. *polystachyum* DC. 1089

Pterocaulon latifolium Kuntze 1089

Pterocaulon lorentzii Malme 1092; fig. pg. 1093; mapa pg. 1095

Pterocaulon malmeanum Chodat 1092

Pterocaulon paniculatum Arechav. 1079

Pterocaulon pilcomayense Malme 1086

Pterocaulon polypterum (DC.) Cabrera 1082; fig. pg. 1083; mapa pg. 1085

Pterocaulon polystachyum DC. 1076; fig. pg. 1077

Pterocaulon polystachyum var. *tomentosa* Arechav. 1079

Pterocaulon pompilianum Standl. & Williams 1086

Pterocaulon pycnostachyum (Michx.) Elliott 1069

Pterocaulon rugosum (Vahl) Malme 1074; fig. pg. 1075; mapa pg. 1073

Pterocaulon spicatum var. *brachystachyum* DC. 1074

Pterocaulon subspicatum Malme ex Chodat 1086

Pterocaulon subvirgatum Malme 1086

Pterocaulon virgatum (L.) DC. 1086; fig. pg. 1087; mapa pg. 1085

Pterocaulon virgatum f. *alopecuroides* (Lam.) Arechav. 1089

Pterocaulon virgatum f. *angustifolia* Arechav. 1092

Pterocaulon virgatum f. *spicata* Arechav. 1092

Pterocaulon virgatum f. *subcorymbosa* Arechav. 1089
Pterocaulon virgatum f. *subpaniculata* Arechav. 1079
Pterocaulon virgatum f. *subvirgata* (Malme) Arechav. 1086
 Quitoco 1108
 Sempre viva 1156
Serratula acutifolia Poir. 1156
 Siempre viva 1158
 Sombra de toro 1078
Stenachaenium Benth. **1095**
Stenachaenium adenanthum Krausch. **1096**; **fig. pg. 1097**; **mapa pg. 1099**
Stenachaenium megapotamicum (Spreng.) Baker **1096**
Stenachaenium riedelii Baker **1099**; **fig. pg. 1100**; **mapa pg. 1102**
Stenocline sect. *Chionolepis* DC. 1126
Stenophalium Anderb. 1126
 Sup toptobelité 1091
Tessaria Ruiz & Pav. 1103
Tessaria absinthioides (Hook. & Arn.) DC. **1104**
Tessaria absinthioides var. *ambigua* (DC.) R.E. Fr. 1104
Tessaria ambigua DC. 1104
Tessaria integrifolia Ruiz & Pav. **1103**
Tessaria integrifolia var. *ambigua* (DC.) S.E. Freire **11004**; **fig. pg. 1105**; **mapa pg 1106**
Tessaria integrifolia var. *polyandra* Cabrera 1104
 Toro caá 1076, 1078, 1089, 1091
 Toro ka'a 1078
 Toro ka'a kokueré 1094
 Toro ka'a moroti 1091
Tussilago sarmentosa Pers. 1121
 Tuyá-canilha 1092
 Tuyá-canilla 1094
 Tuyá casó 1072, 1074, 1088, 1091
 Tuya retyma 1094
 Uashitó lok/o/lák 1108
 Uoué 1108
Vernonia pterocaulon Baker 1082
 Vira-vira 1074, 1132, 1144, 1153, 1155, 1172, 1174, 1180, 1186, 1188
 Vira-vira cha'i 1074
 Virá-virá guazú 1128
Xeranthemum caespitosum Thouars 1121
 Yaguaretí-caá 1088
 Yatehí caá 1137
 Yateí caá 1132
 Yerba de la vida 1144
 Yerba del lucero 1108
 Yerba del toro 1078

Herbário “Barbosa Rodrigues”

DIREÇÃO

Presidente – Dom Vitus Schlickmann Roetger
Secretária - Zilda Helena Deschamps Bernardes
Tesoureiro - João Francisco Salm

ADMINISTRAÇÃO

Conservador - Dr. Ademir Reis
Biblioteca - Zilda Helena Deschamps Bernardes
Fitoteca - Daiane Martins Freitas
Administrador do Parque Botânico do Morro Baú - Jurandir de Souza Bernardes

ORGANIZAÇÃO

Fitoteca - 70.000 plantas herborizadas
Biblioteca – 19.500 volumes
Sellowia – Revista Botânica com 63 volumes publicados
Flora Ilustrada Catarinense – 159 famílias publicadas
Parque Botânico do Morro Baú – 750 hectares com vegetação primária e secundária da Floresta Ombrófila Densa da Encosta Atlântica

CONVÊNIO

Universidade do Vale do Itajaí – Reitor Prof. Mário César dos Santos

FLORA ILUSTRADA CATARINENSE

Publicado (Published): 1965 – 2010

I PARTE – As plantas:

ACANTACEAS; ACATOCARPÁCEAS; ADOXÁCEAS (*Sambucus*); AIZOÁCEAS; AMARANTACEAS; ANACARDIÁCEAS; APIACEAS (*Centella*; *Apium*; *Lilaeopsis*; *Daucus*; *Eryngium*); APOCINÁCEAS (parte 1 e 2); AQUIFOLIÁCEAS; ARALIACEAS (*Hydrocotyle*); ARAUCARIACEAS (partes 1 e 2); ARISTOLOQUIACEAS; ASPIDIÁCEAS; ASPLENIACEAS; BALANOFORÁCEAS; BALSAMINÁCEAS; BASELÁCEAS; BEGONIÁCEAS; BERBERIDÁCEAS; BIGONIÁCEAS; BXÁCEAS; BLECNÁCEAS; BORAGINACEAS; BROMELIÁCEAS; BURSERÁCEAS; BUXÁCEAS; CACTÁCEAS; CALCEOLARIACEAS (*Calceolaria*); CALICERÁCEAS; CAMPANULÁCEAS; CANABÁCEAS (*Celtis*; *Trema*); CANACEAS; CANELÁCEAS; CAPRIFOLIACEAS (*Lonicera*); CARIACEAS; CASUARINÁCEAS; CIATÉACEAS; CIDADÁCEAS; CICLANTACEAS; CISTÁCEAS; CLETRACEAS; CLORANTÁCEAS; COMBRETACEAS; COMPOSTA (ASTERACEAS); partes 1, 2, 3, 4 e 5; CONARÁCEAS; CORNÁCEAS; CRISOBALANÁCEAS; CUNONIÁCEAS; CUPRESSÁCEAS; DAVALIÁCEAS; DILENIÁCEAS; DIOSCORIÁCEAS; DRORSERÁCEAS; EBENÁCEAS; ELEOCARPACEAS; EQUISETÁCEAS; ERICÁCEAS; ERIOCAULACEAS; ERITROXILÁCEAS; ESCOEPFIACEAS (*Schoepfia*); ESCROFULARIÁCEAS (*Verbascum*; *Buddleja*); ESQUIZÉACEAS; ESTIRACÁCEAS; EUFORBIÁCEAS; FAGÁCEAS; FILANTACEAS (*Richeria*; *Hieronyma*; *Margaritaria*; *Phyllanthus*; *Savia*); FITOLÁCEAS; GENCIANÁCEAS; GINKGOÁCEAS; GLEIQUENIÁCEAS; GOODENIÁCEAS; GRAMINEAS (POACEAS); parte 1, 2, 3 e 4; GUNERÁCEAS; HALORAGÁCEAS; HELICONIÁCEAS; HIDROLEACEAS (*Hydrolea*); HIMENOFILÁCEAS; HIPERICÁCEAS; CELASTRACEAS (*Hippocratea*; *Pristimera*; *Elachyptera*; *Salacia*; *Peritassa*; *Cheiloclinium*); HUMIRIÁCEAS; ISOETÁCEAS; JUGLANDÁCEAS; LABIADAS (LAMIACEAS); parte 1; LAURÁCEAS; parte 1 e 2; LECTIDÁCEAS; LEGUMINOSAE (FABACEAS); parte 1-Mimosoidea (vol. I), parte 2-Cesalpinoidea - Vol. II e III; LENTIBULARIÁCEAS; LIMNOCARITÁCEAS; LINÁCEAS; LINDERNIACEAS (*Lindernia*; *Micranthemum*); LITRACEAS; LOÁSACEAS; LOGANIÁCEAS (*Spigelia*; *Strychnos*); LORANTACEAS (*Struthanthus*; *Phrygilanthus*); SANTALACEAS (*Phoradendron*; *Eubrachion*); MAGNOLIÁCEAS; MAIACÁCEAS; MALVACEAE (Bombacaceae; Esterculiáceas); MARATIÁCEAS; MARCGRAVIÁCEAS; MARSILIÁCEAS; MARTINIÁCEAS; MELIÁCEAS; MENIANTACEAS; MENISPERMÁCEAS; MIRISTICÁCEAS; MIRTÁCEAS (partes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10); MOLUGINÁCEAS; MONIMIÁCEAS; NICTAGINACEAS; OFIOGLOSSÁCEAS; OLAÇÁCEAS (*Haisteria*; *Ximena*); ONAGRÁCEAS; OROBANCACEAS (*Melasma*; *Velloziella*; *Esterhazyia*; *Buchnera*; *Castilleja*); OSMUNDACEAS; OXALIDÁCEAS; PALMEIRAS (ARECACEAS); PANDANÁCEAS; PARKERIÁCEAS; PASSIFLORACEAS; PERACEAS (*Pera*); PINÁCEAS; PIPERACEAS (parte 1, 2 e 3); PLAGIOGIRIÁCEAS; PLANTAGINACEAS (*Achetaria*; *Angelonia*; *Bacopa*; *Gratiola*; *Mecardonia*; *Plantago*; *Scoparia*; *Stemodia*); PLATANÁCEAS; PLUMBAGINÁCEAS; PODOSTEMÁCEAS; POLIGALÁCEAS; POLIPODIÁCEAS; PONTEDERIÁCEAS; PORTULACÁCEAS; PRIMULACEAS (*Anagallis*; *Centunculus*); TEOFRASTACEAS (*Samolus*); PSILOTÁCEAS; PTERIDIÁCEAS; PUNICÁCEAS; QUINIÁCEAS; RAFLESIÁCEAS; RAMNÁCEAS; RANUNCULACEAS; RIZOFORÁCEAS; ROSÁCEAS; RUBIÁCEAS (VOL. I e II); RUTÁCEAS; SALICÁCEAS (*Aphaerema*; *Azara*; *Banara*; *Casearia*; *Prockia*; *Salix*; *Xylosma*); SALVINIÁCEAS; SANTALÁCEAS; SAPINDÁCEAS; SAPOTACEAS; ESCALLONIAEAE (*Escallonia*); JUNCAGINACEAS (*Triglochin*); SIMAROUBÁCEAS (*Picrasma*); PICRAMNIACEAS (*Picramnia*); SOLANACEAS; TAMARICÁCEAS; TAXODIÁCEAS; TIFÁCEAS; TIMELEÁCEAS; TRIGONIÁCEAS; TRIURIDÁCEAS; TROPEOLÁCEAS; TURNERÁCEAS; VITARIÁCEAS; VOQUISIÁCEAS; WINTERÁCEAS; XIRIDACEAS. CHAVE PARA AS FAMILIAS ESPERMATÓFITAS DO BRASIL. CHAVE PARA AS FAMILIAS DE PTERIDÓFITAS DA REGIÃO SUL DO BRASIL.

TOTAL: 158 famílias publicadas.

II PARTE – As zonas fitogeográficas. III PARTE – As associações vegetais. IV PARTE - História: Herbário “Barbosa Rodrigues”. Galeria dos Botânicos colaboradores.

III PARTE – História: Plano de Coleção. V PARTE – Mapa Fitogeográfico.

SUMÁRIO(SUMMARY) FLORA ILUSTRADA CATARINENSE.

Fam.	Gen.	Esp.	Ssp.	Var.	For.	Hibr.	Fasc.	Pág.	Est.	Mapas
159	929	3.784	36	326	41	14	189	15.008	3.362	2.362

A publicar (to be published)

I PARTE – As plantas:

ACANTACEAS (*Avicennia*); AGAVÁCEAS (*Herreria*); ALLIACEAS (*Allium*); ALISMATÁCEAS; ALSTROEMERIACEAS; AMARANTACEAS (*Chenopodium*); AMARILIDÁCEAS; ANONACEAS; APODANTACEAS; ARÁCEAS; ARALIACEAS; BATACEAS; BURMANIÁCEAS; CALITRICACEAS; CANABACEAE ()CAPARACEAS (*Capparis*; *Cleome*); CARDIOPTERIDACEAS (*Citronella*); CARIOFILACEAS; CELASTRACEAS; CERATOFILACEAS; CIPERACEAS; COMELINACEAS; CONVOLVULACEAS; COSTACEAS (*Costus*); CRASSULACEAS; BRASSICACEAS (*Brassica*; *Cardamine*; *Coronopus*; *Lepidium*; *Rorippa*; *Sisymbrium*); CUCURBITACEAS; CUSCUTACEAS; ELATINACEAS; ESTRELITZIACEAS; GERANIACEAS; GESNERIACEAS; GRISELINIACEAS; HIDROCARITACEAS; HIPOXIDACEAS; IRIDACEAS; JUNCACEAS; LAMIACEAS (*Aegiphila*); LAXMANNIACEAS (*Cordylina*); LEMNACEAS; LICOPODIACEAS; MALPIGIACEAS; MALVACEAS (*Abutilon*; *Bakeridesia*; *Bastardiopsis*; *Hibiscus*; *Luehea*; *Malvastrum*; *Modiolastrum*; *Monteiroa*; *Pavonia*; *Peltaceae*; *Sida*; *Triumfetta*; *Urena*); MARANTACEAS; MELASTOMATACEAS; MIRSINACEAS; MORACEAS; MUSACEAS; NAJADACEAS; NINFEACEAS; OCNACEAS; OLEACEAS; OPILIACEAS; ORQUIDACEAS; PAPAVERACEAS; PENTAFILLACACEAS; PODOCARPACEAS; POLEMONIACEAS; POLIGONACEAS; POTAMOGETONACEAS; PROTEACEAS; QUENOPODIACEAS (*Salicornia*); RUPPIACEAS; SCLEGELIACEAS; SABIACEAS; SELAGINELACEAS; SIMPLICACEAS; SMILACACEAS (*Smilax*); TEACEAS; TECTARIACEAS; URTICACEAS; VALERIANACEAS; VERBENACEAS (*Aloysia*; *Bouchea*; *Citharexylum*; *Duranta*; *Lantana*; *Lippia*; *Stachytarpheta*; *Verbena*; *Vitex*); VIOLACEAS; VITACEAS; VIVIANIACEAS; ZINGIBIRACEAS (*Alpina*; *Hedychium*; *Renalmia*).

TOTAL: 75 famílias.

ENCOMENDAS A (MAIL ORDERS TO):

Herbário “Barbosa Rodrigues”

Avenida Cel. Marcos Konder, 800 – Centro

CEP – 88301-302

ITAJAÍ – SANTA CATARINA – BRASIL

FONE: 55(47)3348 8725

E-MAIL: hbr.itajai@gmail.com

WEBSITE: <http://www.hbr.org.br>

Peça uma assinatura permanente da FLORA ILUSTRADA CATARINENSE. Nós enviaremos as monografias publicadas em cada ano, somente no ano seguinte.

Ask a permanent signing FLORA ILUSTRADA CATARINENSE. We will send the papers published each year, only next year.